

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



**TERCEIRA GUERRA «SERVIL»:
UMA QUESTÃO MILITAR
(73-71 a. C.)**

João Miguel Alves de Azevedo Cardoso Henriques

Tese orientada pelo Professor Doutor José Manuel Henriques Varandas,
especialmente elaborada para a obtenção do grau
de Mestre em História Militar

2020

ÍNDICE

RESUMO/ABSTRACT	4
PALAVRAS-CHAVE/KEYWORDS	6
AGRADECIMENTOS	7
INTRODUÇÃO	8
ESTADO DA ARTE	17
CAPÍTULO I	
Antecedentes	25
1.1. Causas da revolta	32
1.2. Contextos (social, económico, militar)	35
1.3. Origens do Homem Espártaco	36
CAPÍTULO II	
Liderança Militar e Forças em Combate	42
2.1. O «Exército» de Espártaco	47
2.2. O Exército romano	51
CAPÍTULO III	
Revolta de Espártaco	60
3.1. Fuga do Ludo	61
3.2. Estabelecimento no Monte Vesúvio	64
3.3. Envio dos Pretores	67
CAPÍTULO IV	
Terceira Guerra Servil	78
4.1. Separação no «exército» rebelde	79
4.2. Espártaco inverte a marcha	92

4.3. Crasso entra na guerra	94
4.4. Tentativa de fuga para a Sicília	98
4.5. A Muralha de Crasso	102
4.6. Segunda separação	106
4.7. Confronto final	110
4.8. O Fim da Guerra	116
 CONCLUSÃO	 119
 CRONOLOGIA DE EVENTOS	 121
 FONTES E BIBLIOGRAFIA	 122

RESUMO

Esta dissertação de Mestrado teve como objetivo estudar a problemática militar associada à Terceira Guerra Servil - a que Plutarco chamou a «Guerra de Espártaco» - analisando as causas da guerra e os aspetos militares envolvidos. Concluiu-se que a causa principal da revolta que levou à Terceira Guerra Servil foi o tratamento dado aos escravos na Roma Antiga, e que o conhecimento das técnicas e táticas militares romanas, adquirido por Espártaco durante a época em que fez parte de tropas auxiliares romanas, contribuiu para os sucessos da sua campanha.

Foram analisadas as técnicas e as táticas das tropas romanas, por um lado, e aquelas das forças rebeldes por outro, tendo presente que as forças rebeldes passaram por duas separações, com comandos e táticas diferentes e resultados distintos. Foram ainda analisados os diferentes recursos de que dispunham as tropas de um e outro lado, principalmente ao nível de armamento e necessidade de adaptação da luta.

O estudo feito impôs a necessidade de analisar o «homem Espártaco», as suas origens, a sua personalidade e os conhecimentos militares que possuía, concluindo-se que era trácio, inteligente, com capacidade de liderança e carismático, capaz de agregar à sua volta milhares de pessoas com origens e experiências diferentes.

ABSTRACT

This Master's thesis purpose was to study military issues associated with the Third Servile War – called by Plutarch The War of Spartacus – by analyzing the causes of the war and the military aspects involved. It is to be concluded that the main cause of the revolt that led to the Third Servile War was the treatment of slaves in Ancient Rome and that the knowledge of Roman military techniques and tactics acquired by Spartacus during the time when he was part of Roman auxiliary troops contributed to the successes of his campaign.

We analyzed the techniques and tactics of the Roman troops on the one hand and those of the rebel forces on the other, bearing in mind that the rebel forces went through two separations, under different commands and with different tactics and results. The different resources available to the troops on both sides were also analyzed, mainly in terms of armament and the need to adapt to the warfare.

The study made it necessary to analyze "Spartacus, the man", his origins, his personality and the military knowledge he possessed, concluding that he was Thracian, intelligent, capable of leadership and charismatic, able to gather thousands of people with different backgrounds and experiences.

PALAVRAS-CHAVE / KEYWORDS

Palavras-chave:

História Militar; Espártaco; Guerra; Roma Antiga; Escravos.

Keywords:

Military History; Spartacus; War; Ancient Rome; Slaves.

AGRADECIMENTOS

Foi longo e concentrado o caminho que me trouxe à conclusão desta tese de Mestrado, mas não foi um caminho solitário: dele fizeram parte todos aqueles que partilharam a minha concentração e me motivaram durante a jornada.

Impõe-se que comece por agradecer ao Senhor Professor Doutor José Manuel Henriques Varandas por ter aceite ser o orientador desta dissertação, estando-lhe profundamente reconhecido pelo enorme apoio e pela paciência que teve para as minhas dúvidas. A sua boa disposição, os enormes conhecimentos que pôs à minha disposição, o incentivo que sempre me deu e a constante disponibilidade que me mostrou tornaram esta empreitada mais leve.

Agradeço aos meus Pais, Teresa e António, o seu apoio e presença constantes ao longo dos anos, os quais me deram asas e me apoiaram sem questionar as minhas decisões. Sem eles não teria sido possível chegar aqui.

Finalmente, agradeço à Avó Palmira, pelo apoio e pelas gargalhadas durante a Licenciatura e o Mestrado.

INTRODUÇÃO

Decidimos escrever uma tese relacionada com a Terceira Guerra Servil e a Revolta de Espártaco uma vez que o tema nos interessa imensamente. O facto de um grupo de 70 gladiadores liderado por um homem trácio conseguir fugir do seu ludo com sucesso e num espaço de apenas dois anos conseguir juntar cerca de 120 000 escravos fugidos e juntá-los ao seu exército extremamente proficiente, tanto na luta de guerrilha como em grandes batalhas com milhares de soldados, é na nossa opinião extremamente notável. De notar ainda que tudo isto foi feito bem dentro do coração da República romana e que durante dois anos um exército criado apenas com escravos fugidos e outras pessoas oprimidas foi a maior ameaça que os Romanos tiveram de enfrentar nessa época

Outra razão pela qual nos debruçamos sobre este tema prende-se com a origem de Espártaco e as suas capacidades de liderança social e militar. É impressionante um homem de origem trácia - segundo as nossas principais fontes – ter conseguido motivar uma massa humana enorme, provinda de todas as partes do mundo antigo a coexistir em «harmonia» e a juntar-se em torno de objetivos comuns. A liderança militar merece igualmente destaque, considerando a sua capacidade de adaptação e inovação perante as adversidades com que se deparou e que logrou ultrapassar. O seu nome começou a ser temido por Roma a partir do momento em que o Senado se apercebeu de que este líder do exército rebelde era muito perigoso para a manutenção da República.

O uso de táticas de guerrilha e o aproveitamento da subestimação inicial pelos romanos foram fundamentais para o seu sucesso. De acordo com as nossas fontes, Espártaco usou o conhecimento que adquiriu sobre as legiões romanas para as contrariar e para implementar muitos dos mecanismos daquelas no seu próprio exército. Este conhecimento garantiu-lhe vantagens militares sobre os romanos, o que justifica que nos debrucemos sobre o seu passado, de modo a perceber como é que um trácio tinha um conhecimento tão profundo das legiões romanas e foi capaz de usar tal conhecimento a seu favor, vindo a tornar-se um dos maiores pesadelos da República romana.



Estátua de Espártaco em França¹.

Do ponto de vista militar é admirável um homem ter conseguido preparar em seis meses um exército com dezenas de milhares de combatentes capaz de, com sucesso, combater legiões que precisavam de dois anos de preparação até estarem prontas para o combate. As táticas de guerrilha e de inovação militar implementadas por Espártaco no seu exército mostraram que as legiões romanas não eram invencíveis e que apresentavam diversas fragilidades. Com efeito, aquelas eram pouco móveis e ágeis e não tinham a capacidade de adaptação a um combate mais rápido. O armamento dos rebeldes também será focado neste trabalho, considerando que era muito difícil para estes escravos fugidos arranjam armas e equipamento em território inimigo. Os rebeldes não conseguiam forjar armas em quantidade suficiente para todos os combatentes, pelo que tinham de as roubar aos romanos ou retirá-las dos seus corpos após a vitória num campo de batalha.

Além do armamento também mencionaremos a necessidade de hidratação e alimentação dos rebeldes, uma vez esta camada enorme de escravos fugidos teve de obter água e alimentos durante um vasto período de dois anos. Outro dos aspetos que nos interessa analisar neste trabalho refere-se ao núcleo duro do exército de Espártaco, ou seja, os seus generais. Nem todos os generais eram trácios; aliás, os principais companheiros de Espártaco eram gauleses e celtas, numa época em que a discriminação se fazia não quanto ao tom de pele ou orientação sexual, mas quanto ao local de nascimento de um indivíduo. Parece-nos interessante tentar perceber o modo como pessoas de tantas etnias diferentes conseguiram coabitar em paz e ainda defrontar com sucesso as tropas romanas, em território hostil, durante um longo período de dois anos, e acima de tudo interessou-nos analisar o destino de Espártaco.

¹ Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Spartacus_statue_by_Denis_Foyatier.jpg

A revolta iniciada por Espártaco é provavelmente a mais conhecida e a maior revolta de escravos da História. Foi uma revolta que abrangeu a totalidade do sul de Itália, apanhou Roma virtualmente sem defesas no seu território, resultou na derrota de nove exércitos romanos e resistiu à maior força militar do Mundo Antigo durante dois anos². A história de Espártaco é, principalmente, uma história de guerra: um clássico de uma revolta de insurgentes, liderada por um homem especialista em táticas de guerrilha e de contrainsurgência, - isto é, aprender o *modus operandi* militar do inimigo e usá-lo contra ele. A «Guerra de Espártaco» é também uma história sobre conflito étnico; como já referimos, Espártaco era trácio, mas muitos dos seus seguidores eram celtas e gauleses, sedentos de luta, orgulhosos e independentes. Houve obviamente muitas divisões dentro do exército de Espártaco, e a luta pela liberdade resultou num conflito interno que acabaria por levar ao falhanço da revolução³.

No Outono do ano 73 a. C., e após vários meses de revolta, as riquezas do Senado e do povo romano estavam num ponto muito baixo. Após sobreviver às invasões dos Etruscos e dos Gauleses, bem como a uma carga fenomenal de Aníbal através dos Alpes, a uma guerra civil e a diversos surtos de malária, o maior poder do Mundo Antigo – a República romana – encontrava-se agora numa situação em que receava um gladiador fugido. O que começara por ser como uma simples fuga de setenta e quatro gladiadores armados com apenas algumas armas ferrugentas transformou-se numa revolta com milhares de seguidores. Um ano depois da fuga do ludo em Cápuia o exército rebelde contava já com uma força a rondar os 60 000 combatentes. Com uns estimados 1 a 1,5 milhões de escravos na Península Itálica, os rebeldes compunham 4% da população escrava. Roma já tinha sido obrigada a enfrentar revoltas escravas, mas esta era diferente. Revoltas anteriores tinham sido muito curtas ou tinham tido a sua origem na Sicília. Porém, durante a Terceira Guerra Servil houve um momento em que o exército rebelde teria conseguido marchar sobre Roma no espaço de uma semana se as condições o permitissem⁴.

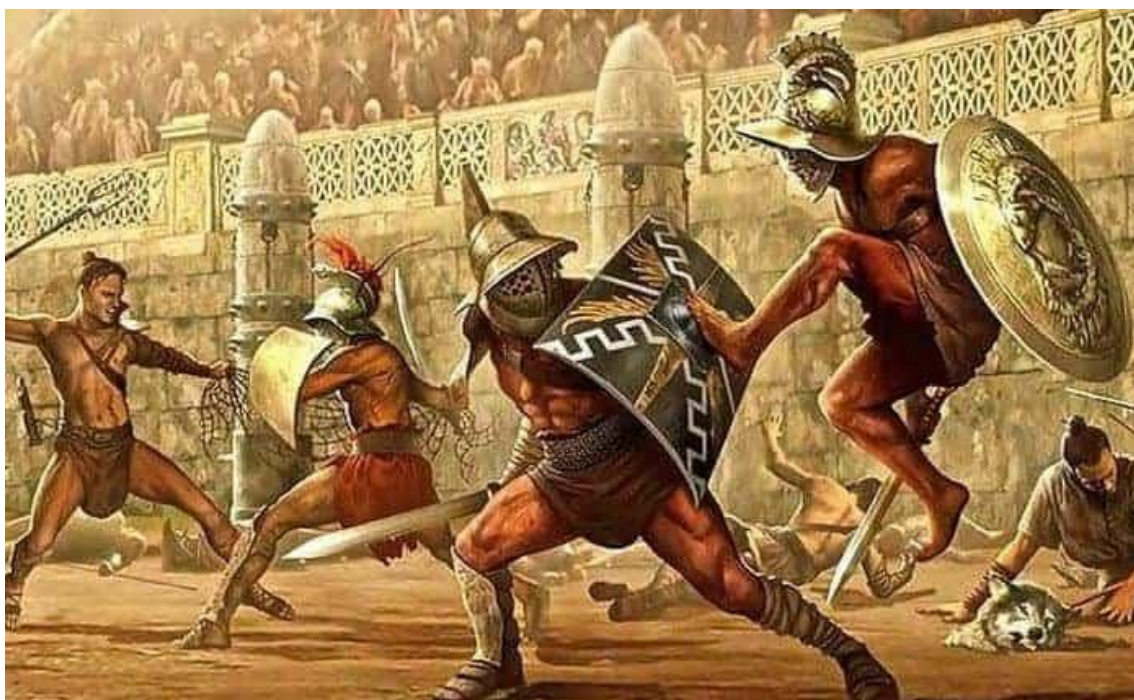
A península Itálica não sofrera tantos danos causados nunca teve danos causados por «estrangeiros» no campo rural italiano desde que Aníbal atravessara os Alpes. As revoltas de escravos anteriores tinham sido lideradas por homens com pouca ou nenhuma

² STRAUSS, 2010, p. 3.

³ Idem, pp. 5-6.

⁴ Idem, p. 3.

experiência militar, ou por simples líderes de gangues. Nunca tinham ocorrido revoltas lideradas por gladiadores e ex-combatentes do exército romano. Espártaco colocou a sua marca nas mentes romanas; nenhum outro líder das revoltas anteriores conseguiu criar tanto receio à República e ser recordado até aos dias de hoje. Sendo um gladiador, Espártaco pertencia a um grupo de homens que tinha permissão para matar e era altamente profissional nessa matéria. Os romanos adoravam os combates de gladiadores na arena, mas gladiadores fugidos que ameaçavam a vida pacata na Península eram vistos com um misto de repugnância e temor⁵.



Gladiadores – reconstituição⁶.

A análise da «Guerra de Espártaco» também consegue descrever a complexidade de uma revolta de escravos. Não sabemos se Espártaco tinha como objetivo a abolição da escravatura, mas se era esse o seu objetivo então falhou⁷. Espártaco e os seus seguidores só libertavam gladiadores, agricultores, pastores e escravos pertencentes a pequenas propriedades, evitando libertar os «escravos urbanos» que pertenciam a um estrato social

⁵ Idem, p. 2.

⁶ Fonte: <https://historycollection.co/life-like-gladiator-ancient-rome/>

⁷ Idem, pp. 2-3.

mais elevado. Apelavam muitas vezes ao sentimento da pilhagem e da vingança. Ocorria um paradoxo na medida em que os seguidores de Espártaco podiam ser libertadores de escravos, mas traziam consigo imensa destruição. Roma era gigante, forte e lenta; Espártaco era pequeno, ambicioso e rápido. Roma não evoluía e confiava muito nos seus métodos; Espártaco era inovador. Roma era cuidadosa e Espártaco cometia riscos que muitas vezes geravam sucesso⁸.

Espártaco era muito repentino nas suas manobras militares e arranjava sempre forma de conseguir penetrar o flanco das tropas inimigas. Assim, os romanos insistiam em isolar as forças de Espártaco e privá-las de mantimentos antes de avançarem para um combate em campo aberto.

Plutarco e Apiano fornecem os relatos mais completos sobre a revolta de Espártaco. No entanto, tais relatos são curtos e tardios (foram feitos cento e cinquenta e duzentos anos após a revolta) e cada um inclui os seus próprios factos e opiniões. Até Floro é importante para as fontes, mas, apesar de apontarem factos muito interessantes, também os relatos daquele são muito curtos⁹. Existem ainda três fontes que falam sobre Espártaco, embora de uma forma muito breve: Cícero, Varrão e Júlio César. As fontes mais antigas descrevem um homem apaixonado, sedento de liberdade e de vingança, mas as suas ações provam o contrário: Espártaco era um homem com as suas emoções controladas¹⁰. Embora os primeiros historiadores romanos o vissem como um rebelde e um criminoso muito perigoso, todos os relatos sobre Espártaco evidenciam um respeito relutante embora inegável pelo homem. Uma guerra contra os escravos era considerada uma desonra e o facto de um escravo fugido ter conseguido prolongar o conflito com tanto sucesso foi especialmente difícil de suportar pelo «orgulho romano». Mesmo assim, o tom das narrativas - especialmente o relato de Plutarco - é inequivocamente de admiração quando mencionam as vitórias de Espártaco e, especialmente, quando relatam a sua morte.

Estas narrativas inspiraram investigadores posteriores a apresentar Espártaco como um lutador da liberdade, que era absolutamente contra o poder de Roma e contra a escravidão, apesar de nenhum dos relatos antigos suportar esta hipótese. Espártaco é

⁸ Idem, p. 6.

⁹ Idem, p. 7.

¹⁰ Idem, p. 4.

claramente descrito em todas as versões como um gladiador que buscou a sua própria liberdade e que morreu enquanto líder da maior revolta de escravos da História.

Não há sinal de que Espártaco tenha sido motivado por preocupações ideológicas visando derrubar a estrutura social. As fontes deixam claro que Espártaco tentou levar as suas forças para fora da Itália, não tendo tentado reformar ou reverter a sociedade romana. Porém, os feitos de Espártaco não são menos formidáveis por causa disso. São espantosas a coragem, a tenacidade e a capacidade do trácio que manteve as forças romanas à distância durante dois anos e que reuniu um punhado de seguidores a rondar os 120 000 homens.

Segundo Plutarco, a revolta de Espártaco começou mais ou menos por acidente. O plano original dos gladiadores era simplesmente escapar, mas uma vez que esse plano foi descoberto eles não tiveram outra escolha que não a de lutar pela sua liberdade, caso contrário os gladiadores iriam submeter-se à execução. As verdadeiras motivações por detrás da revolta de Espártaco, no entanto, não diminuem os seus feitos.

As nossas fontes apresentam muitas semelhanças, mas também se contradizem em certos pontos, existe a convicção de que Espártaco era de facto proveniente da Trácia e que durante o seu tempo serviu as legiões romanas nas tropas auxiliares.



A região da Trácia¹¹.

¹¹ Fonte: <https://pt.slideshare.net/tastamal/spartacus-and-the-slave-war>

É desconhecido se Espártaco era de origem nobre, sendo que as fontes também se contradizem nesse ponto específico. Parece plausível concluir que foram os próprios romanos que presumiram que Espártaco era nobre, uma vez que a ideia de um simples escravo ser uma ameaça para a República era assustadora para a elite romana. Um ponto que é referido apenas por Plutarco prende-se com a existência da mulher de Espártaco, que segundo o autor teve uma influência tremenda nas motivações do líder da revolta.

A morte de Espártaco é outro ponto muito debatido por todas as fontes e que nós também pretendemos analisar. Existe a convicção de que Espártaco foi morto no campo da última batalha. Não há qualquer relato de que ele tenha sido crucificado na Via Ápia (*Via Appia*) juntamente com os outros 6 000 sobreviventes do exército rebelde. Também não é provável que Espártaco tenha sido executado publicamente numa arena, já que se fosse esse o caso haveria muitos relatos e fontes da época a relatar esse acontecimento. Aqueles que estão convictos de que Espártaco morreu no campo de batalha apenas divergem quanto ao modo como morreu. Algumas fontes são explícitas na forma como isso aconteceu, outras nem por isso. Uma coisa que podemos concluir é que de facto Espártaco foi morto na última batalha, só faltando saber a forma como tal ocorreu.

Os objetivos do exército rebelde e quais as suas motivações também são aspetos bastante debatidos pelos historiadores. Muitos acreditam que o principal objetivo do exército consistia em fugir da Península Itálica, através dos Alpes ou pelo Mediterrâneo. Tendo em conta as movimentações do exército rebelde, esta é uma hipótese muito plausível. Uma das maiores questões colocadas pelos historiadores consiste em saber qual o motivo pelo qual o exército de Espártaco, estando próximo dos Alpes, no Norte da Península, voltou para trás em direção a Roma.

Com tantas pessoas no mesmo grupo e no mesmo exército, o qual não estava tão organizado como uma legião romana, é natural que muitos dos rebeldes não se sentissem motivados a seguir algumas das decisões tomadas por Espártaco e pelos seus generais. A divisão no seio do exército rebelde é, entre outras, uma questão que abordaremos.

O retrato de Espártaco e dos seus seguidores feito pelos historiadores romanos é um de completa repulsa; são retratados como lutando contra o esforço de Roma de construção e manutenção para o mundo civilizado. Espártaco é visto como um homem que quer apenas matar, violar mulheres, pilhar e em suma destruir toda a Península Itálica¹². Espártaco será mais tarde referido como (mau) exemplo em disputas políticas:

¹² STRAUSS, 2010.

políticos e senadores acusados de terem como único objetivo a luta contra a República Romana serão apodados de «Espártaco». Os rebeldes eram vistos como desertores: os escravos não deveriam romper o laço de ligação que tinham com os seus mestres, entendia-se que não tinham a capacidade de pensar por si próprios e que seguiam cegamente um bárbaro que apenas pretendia a devastação de Roma. Plutarco descreve Espártaco como «um trácio nómada»¹³, numa possível referência à tribo *Maedi*¹⁴. Os autores referem-se à tribo trácia dos *Maedi* como uma tribo que ocupava a área sudoeste da Trácia. Já Apiano diz que ele era um trácio de nascimento, que outrora servira como soldado dos romanos, mas que depois foi feito escravo e vendido como gladiador¹⁵¹⁶.



Fronteira entre a Grécia e a Bulgária (antiga Trácia)¹⁷.

Plutarco e Apiano alegam que Espártaco morreu durante a última batalha, e Apiano acrescenta que o seu corpo nunca foi encontrado. Plutarco escreve que Espártaco queria fugir para o norte em direção à Gália Cisalpina e dispersar os seus homens de volta para as suas casas. Porém, se o objetivo de Espártaco era o de escapar da Península Itálica, não é claro porque é que virou para sul depois de derrotar as legiões comandadas pelos cônsules Lúcio Públicola e Gneu Clodiano. Apiano refere que Espártaco pretendia marchar sobre Roma mas que abandonou mais tarde esse objetivo; todavia, é de colocar

¹³ PLUTARCO. *Vita Crassi*. 9.1.

¹⁴ FIELDS, 2009, p. 28.

¹⁵ APIANO. *Civil Wars*. 1.116.540.

¹⁶ <https://en.wikipedia.org/wiki/Spartacus> Consultado a 18 de Novembro de 2019.

¹⁷ FIELDS, 2009, p. 30.

a hipótese de Apiano estar a refletir os medos romanos de que Espártaco marchasse sobre Roma. Os acontecimentos da guerra, no início do ano 72 a.C. - que sugerem a existência de grupos de escravos fugidos que operavam de forma independente, separados de Espártaco – levam a crer que alguns dos escravos fugitivos prefeririam saquear a Itália, em vez de fugir pelos Alpes¹⁸.

O relato de Plutarco sobre a revolta sugere que os escravos simplesmente desejavam escapar para a liberdade e deixar o território romano por meio da Gália Cisalpina. Apiano descreve a revolta como uma guerra civil, no decurso da qual os escravos pretendiam capturar a cidade de Roma. Muitos relatos modernos da guerra em análise são no sentido de que ocorreu uma divisão entre os escravos fugitivos, havendo uns que desejavam escapar para a liberdade e que seguiam Espártaco, e outros que seguiam Crixo e que desejavam permanecer no sul da Itália de modo a continuar a saquear a península. Esta parece ser uma interpretação de eventos baseados no seguinte: as regiões que foram invadidas pelos escravos, Thurii (*Thurium*) e Metaponto (*Metapontum*), estão geograficamente distantes de Nola (*Nuvlana*) e Nocerina Inferiore (*Nuceria*), o que indicaria a existência de dois grupos rebeldes. Lúcio Gélio Públicola acabou por atacar Crixo e um grupo com cerca de 30 000 seguidores que se separaram do grupo principal¹⁹.

Outros escritores romanos e gregos também providenciam detalhes importantes sobre Espártaco, os quais apresentam muitas semelhanças entre si, sendo os mais importantes Veleio Patérculo, Floro e Osório.

¹⁸ FIELDS, 2009. p. 88.

¹⁹ Idem, pp. 89-90.

ESTADO DA ARTE

As primeiras obras que podemos encontrar vêm do século I a. C., de Lívio e Salústio, e embora sejam breves e fragmentados os trabalhos destes dois romanos datam de tempos próximos da guerra. Cronologicamente, o segundo documento mais antigo que podemos descobrir foram seções do livro de Sexto Júlio Frontino, *Strategemata*, escrito durante o século I d. C. Estas seções descrevem os diferentes métodos e estratégias utilizadas por Espártaco e por Marco Crasso durante a guerra, incluindo a estratégia usada por Espártaco no Vesúvio e a do engano em que fez cair Varínio com a fuga dos rebeldes a meio da noite.

Um dos conflitos mais prevalentes nos antigos materiais de pesquisa está relacionado com o tamanho dos exércitos e o número de combatentes num determinado combate. Para começar, existe um conflito entre o número de gladiadores que inicialmente se libertaram do ludus de Baciato em Cápua. É geralmente aceite que havia cerca de duzentos gladiadores dentro do ludus antes de a sua conspiração ser revelada. As primeiras fontes concordam que setenta e quatro gladiadores escaparam de Cápua com Espártaco, mas, à medida que os séculos passam, esse número varia de fonte para fonte. Floro, por exemplo, sugere que apenas trinta gladiadores conseguiram escapar com sucesso, enquanto Apiano e Plutarco afirmam que eram setenta gladiadores²⁰.

É raro os antigos autores concordarem sobre o número de seguidores de Espártaco em diferentes pontos da rebelião. Em nenhum momento as obras de Plutarco, Floro ou Salústio nos dão um número exato da dimensão das forças rebeldes de Espártaco, indicando apenas que o exército continuou a crescer com o passar do tempo. Na narrativa de Apiano o exército de Espártaco tem cerca de 120 000 homens quando pretende marchar sobre Roma, porém não menciona o tamanho da força rebelde quando esta enfrentou Crasso pela última vez, nem menciona o número de escravos fugitivos que foram intercetados e mortos por Pompeio. Por outro lado, nos seus relatos da rebelião Apiano não menciona o envolvimento de Pompeio. Nos breves resumos sobre a guerra, Lívio sugere que, no momento da sua morte, em 72 a. C., Criso comandava 20 000 homens e que o exército de Espártaco contava com, pelo menos, 90 000 homens no final da guerra. Lívio afirma ainda que Gânico comandava cerca de 30 000 rebeldes quando foi derrotado por Crasso, e sobre Espártaco é dito que chegou a perder 60 000 soldados

²⁰ WEINBERG, 2015, pp. 34-38.

na sua última batalha; assim, e de acordo com os números avançados por Lívio, o número total de rebeldes mortos durante a guerra ultrapassou os 100 000, ou seja, é provável que no seu nível mais forte o exército de Espártaco tivesse cerca de 120 000 homens²¹.

Pode olhar-se para as ações de Espártaco e julgá-lo um homem violento que levou 120 000 pessoas para a morte, no campo de batalha ou crucificados ao longo da Via Ápia; ou pode ser julgado um herói, um verdadeiro símbolo de liberdade e de resistência à opressão injusta. É inegável que Espártaco fez história ao revoltar-se contra as legiões da maior e mais poderosa força de combate do mundo antigo, conquistando vitória após vitória e lutando lado a lado com os seus soldados até ao último homem. Foi, sem dúvida nenhuma, um verdadeiro general, que morreu como viveu: um guerreiro no campo de batalha que lutou por aquilo em que acreditava²².

Tanto Apiano como Floro sugerem que depois de saber da derrota de Crixo pela Legião de Gélio, Espártaco volta para Sul, ataca e derrota Gélio em batalha e depois de derrotar os cônsules romanos individualmente, comandando um exército com cerca de 120 000 homens, virou os seus olhos para Roma. Para acelerar a sua marcha em direção a Roma, Espártaco incendiou todos os suprimentos desnecessários, executou todos os seus prisioneiros de guerra e matou os animais de carga. Enquanto marchava em direção a Roma, o cônsul Gélio uniu as suas forças às do cônsul Lêntulo e, juntos, cercaram novamente Espártaco. Perto do Piceno (*Picenum*) teve lugar uma enorme batalha, com ambos os lados a sofrerem baixas pesadas, embora Espártaco tenha conseguido quebrar as legiões romanas, fazendo com que estas fugissem do campo de batalha em confusão e desordem. Logo após esta batalha, Espártaco percebeu que ele e o seu exército não tinham os materiais necessários nem o treino para atacar com sucesso a capital da República romana. Em vez disso, Espártaco marchou o seu exército para o sul, em direção à cidade de Thurii (*Thurium*), onde os rebeldes infligiram um grande massacre às aldeias e cidades de Nola (*Nuvlana*), Nocerina Inferiore (*Nuceria*), Metaponto e Thurii (*Thurium*). Estas eram as aldeias e as cidades que não ofereceram ajuda aos rebeldes na sua jornada, de modo que foram devastadas por Espártaco e pelo seu exército. A fim de se reagrupar completamente e planear o seu próximo curso de ação, Espártaco decidiu ocupar as regiões montanhosas ao redor de Thurii (*Thurium*), assim como a própria cidade. Plutarco, que escreveu no século II d. C., Orósio, que escreveu no século V d. C., e

²¹ Idem, pp. 34-38.

²² Idem.

Salústio, que escreveu no primeiro século I d. C., contam uma história diferente. As fontes concordam que Crixo foi realmente morto durante a batalha contra a legião comandada por Gélio e que Espártaco derrotou a legião liderada por Lêntulo perto do nordeste montanhoso de Roma. Porém, nenhum dos mencionados autores refere qualquer intenção de Espártaco de marchar sobre a cidade de Roma. Orósio sugere que, pouco depois de Espártaco ter derrotado a legião de Lêntulo, o cônsul romano juntou-se a Gélio, pelo que neste ponto está em sintonia com Apiano e Floro. No entanto, Orósio defende que os cônsules não se uniram para defender Roma do cerco iminente de Espártaco e que em vez disso atacaram o exército rebelde uma última vez na esperança de esmagar a rebelião com os esforços combinados das duas legiões romanas. A batalha foi longa e sangrenta, com os romanos a sofrer muitas baixas. Os dois cônsules fugiram do campo de batalha e Espártaco retomou a sua marcha para o Norte, em direção à Gália. Acreditamos que a narrativa de Plutarco, de Orósio e de Lívio seja a mais correta. Atendendo a que Espártaco era conhecido pela sua liderança e inteligência, parece-nos improvável que aquele acreditasse que a sua rebelião seria capaz de tomar Roma e derrubar a República apenas porque tinha vencido algumas batalhas decisivas contra os romanos. Espártaco conhecia muito bem as capacidades e o poder destrutivo das legiões romanas, dado que no início da sua vida serviu nas unidades auxiliares romanas na Trácia. Escusado será dizer que se o coração de toda a República estivesse a ser verdadeiramente ameaçado por um vasto exército rebelde o Senado não pouparia gastos para defender a capital²³.

Através das suas vitórias sobre os cônsules e o procônsul Cássio, Espártaco conseguiu obter ainda mais suprimentos romanos para o seu exército. Ao proibir os seus seguidores de adquirirem pertences de ouro, prata e outros metais preciosos, assegurou que os seus soldados não tivessem falta de armas. Além dos suprimentos básicos que todos os exércitos exigem, Espártaco conseguiu capturar prémios muito mais valiosos: as insígnias e machados cerimoniais e varas dos comandantes romanos, bem como várias águias douradas, os símbolos das legiões romanas. Era vergonhoso um general romano deixar que a águia da sua legião fosse capturada durante a batalha. Essa vergonha foi intensificada devido ao *status* social que Espártaco e o seu exército possuíam aos olhos dos romanos²⁴.

²³ FIELDS, 2009, pp. 83-84.

²⁴ Idem.

Achamos também que devemos fazer uma referência ao uso ideológico da figura de Espártaco nos séculos XVIII e XIX. A história de Espártaco foi exposta no cinema, sendo que o maior clássico pertence a Stanley Kubrick, o filme é chamado “*Spartacus*” e é baseado na obra de Howard Fast de 1951. Fast não foi o primeiro comunista a admirar Espártaco, Lenine, Estaline e Karl Marx viam Espártaco como um modelo de referência para a revolução do proletariado. Revolucionários marxistas alemães chamaram ao seu movimento existente em 1919 a Liga de Espártaco. Não podemos esquecer que, durante a IGGM, o *Spartakusband* foi um movimento político de esquerda protagonizado por Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, que se opunha à Guerra e cujo protesto público assumiu a forma de panfletos subversivos com o nome de «Spartakus»; a este movimento estará também associada a figura de Bertold Brecht. O compositor soviético Aram Khachaturian escreveu um ballet sobre Espártaco que ganhou o prémio Lenine em 1959.

Revolucionários não comunistas também admiravam Espártaco, Toussaint L’Overture o herói da revolução no Haiti ou Giuseppe Garibaldi que lutou para unificar a Itália escreveu um prefácio para uma obra de Espártaco. Voltaire julgou a revolta de Espártaco como sendo a única guerra justa na História²⁵, estas imagens e estes estudos determinou a imagem de Espártaco praticamente durante todo o século XX.²⁶

Ao reconstruir os eventos da Terceira Guerra Servil, o historiador moderno teve de lidar com severas limitações das fontes literárias mais antigas que nos fornecem as informações. Há apenas um punhado de relatos da guerra, e o mais completo foi composto séculos depois dos eventos descritos. Além disso, os autores das histórias e biografias de onde se extrai o nosso conhecimento da guerra pertenciam aos segmentos escravagistas das suas sociedades. A divisão social considerável existente entre os rebeldes e os homens que registaram os eventos da guerra limita a informação que pode ser extraída das fontes, dado que não existe nenhum relato da guerra sob a perspetiva dos próprios rebeldes. A representação da guerra que sobrevive é a das elites de uma sociedade firmemente hierárquica na qual a escravatura era uma componente aceite na ordem social. A narrativa de Salústio da rebelião de Espártaco contém informações intrigantes não encontradas noutras fontes e o que chegou até nós representa apenas alguns dos eventos históricos isolados da primeira metade da guerra.

²⁵ STRAUSS, 2020, P. 4.

²⁶ RODRIGUES, Nuno Simões.

Plutarco incluiu uma biografia de Espártaco no seu relato da Terceira Guerra Servil, da qual se retiram elementos de tragédia no retrato de líder rebelde, que é geralmente descrito como uma pessoa corajosa e capaz, mas derrubada pelas ações de outros, existindo um grane foco na sua incapacidade de controlar os seus seguidores²⁷.

Plutarco pode e deve ser usado para o curso geral da Terceira Guerra Servil como o principal fornecedor de conhecimento para uma estrutura que possa ser testada contra os outros relatos existentes. Porém, como modelo para uma reconstrução biográfica de Espártaco, o homem, Plutarco deve ser usado com cautela uma vez que na obra *Vita Crassi* Espártaco é apenas um veículo explicativo para o sucesso dos escravos e surge como personagem secundária numa obra que se ocupa de Marco Crasso²⁸.

Os proprietários de escravos não estavam interessados nos detalhes biográficos das vidas dos seus bens móveis antes da escravização, e deve ser lembrado que Plutarco escreveu dois séculos após os eventos descritos. Os detalhes pessoais mencionados por Plutarco só estariam disponíveis por meio da história oral, o que poderia prestar-se ao exagero e embelezamento no caso de Espártaco, uma figura dramática sobre a qual pouco era conhecido. Dito isto, a reconstrução de Plutarco do caráter de Espártaco é interessante pelo modo como contrasta com a de Crasso. Espártaco é em muitos aspetos superior a Crasso, o seu eventual conquistador. Apesar da sua derrota final, Espártaco conseguiu ser o tipo de líder militar carismático e bem-sucedido que Crasso nunca foi. O anseio de Crasso pela glória militar é discutido por Plutarco como a causa do desastre militar romano contra o Império Parta e as suas falhas como comandante estão diretamente relacionadas com a sua derrota e eventual morte.

É particularmente digno de nota que Apiano tenha decidido incluir o seu relato da revolta de Espártaco nas Guerras Servis. Ao fazer isso, Apiano liga explicitamente os eventos da guerra ao maior mal-estar social e económico que assolou Roma durante grande parte do primeiro século. Apiano descreve a história de Roma como uma série de guerras entre o povo romano e a República. Nesta série de revoltas violentas, a Terceira Guerra Servil encaixa-se nos conflitos que surgiram após a morte de Sula. Apiano acreditava claramente que a revolta de Espártaco era um produto de episódios anteriores provenientes destas tensões políticas e sociais, e não deveria ser considerada como um

²⁷ JOSHUA, Mark. *The Spartacus Revolt. Ancient History Encyclopedia*- Consultado a 4 de março de 2019. <https://www.ancient.eu/article/871/the-spartacus-revolt/>

²⁸ FIELDS, 2009, pp. 88-92.

episódio isolado, como tem sido feito pela maioria dos estudiosos modernos²⁹. Apiano liga os eventos das Guerras Servis aos conflitos sociais que surgiram após a distribuição desigual da riqueza e do domínio político não eram fenómenos novos mas antes problemas que estavam presentes desde o início da República e que se tornaram mais severos ao longo do tempo³⁰.

O relato de Apiano é completo, tal como o de Plutarco, e valioso como um retrato literário da guerra na sua totalidade. Além disso, os eventos descritos por Apiano mostram a rebelião como uma guerra civil dentro da Itália, e não simplesmente como um conflito servil como as outras fontes a ditam. Embora Apiano observe que, no geral, foram os elementos deslocados ou marginalizados da população da Península Itálica que participaram da guerra, não deixa de ser explícito no sentido de que pessoas livres também se juntaram a Espártaco. A descrição dos romanos livres que lutaram ao lado de Espártaco é uma característica particularmente notável dentro do relato de Apiano, porquanto este organiza a revolta de Espártaco cronologicamente, ao mesmo tempo que relaciona a revolta com desenvolvimentos na sociedade romana. Apiano descreve os primeiros estágios da rebelião como «algo como um surto de banditismo» e descreve depois o modo como um grupo de rebeldes ou «bandidos» evoluiu de modo a transformar-se num exército regular, tendo a evolução referida acontecido por etapas enquanto Espártaco e os seus seguidores atravessavam o interior da Itália. Apiano observa que Espártaco e os homens que o seguem fazem repetidos esforços para fornecer a estrutura material e organizacional ao seu «exército profissional», o que pode dever-se ao interesse do mencionado autor em relatos de condições socioeconómicas³¹.

O fim da rebelião deu-se mais pelo peso dos recursos romanos do que pela competência militar profissional destes. A maioria dos comandantes romanos durante a guerra é retratada como sendo excessivamente confiante ou incompetente de alguma forma, crítica a que nem mesmo Crasso escapa, uma vez que, embora tenha levado a guerra a uma conclusão bem-sucedida, é acusado de ter uma disposição violenta para com a sua força militar. De acordo com a descrição de Apiano, Espártaco era um líder capaz e carismático que, foi obrigado a travar uma batalha contra a sua vontade e perspectivas de resultado. No final, apenas a superioridade numérica trazida por Crasso –

²⁹ APIANO. *Civil Wars*. 1.117.547

³⁰ WEINBERG, 2015, pp. 34-38.

³¹ Idem.

superioridade garantida em grande parte pela sua própria riqueza - foi capaz de derrotar a habilidade de Espártaco³².

Como já referimos, a guerra contra Espártaco foi muitas vezes ridicularizada e desprezada pelos romanos, sendo tratada geralmente como um simples problema de escravos e de gladiadores rebeldes. Floro, por exemplo, via a rebelião não como uma luta monumental pela liberdade, mas sim como um empreendimento vergonhoso, perpetrado por escravos e liderado por gladiadores. Cícero via Espártaco e aqueles que o seguiam como rebeldes sinistros que mereceram o seu destino e que deviam ser desprezados no futuro. Muitos tendiam, como Cícero, a desprezar a terrível ameaça representada por Espártaco, afirmando que o líder trácio devia ser esquecido pelas massas ou, pelo menos, entregue a uma nota de rodapé pequena nas páginas da história romana. Espártaco foi considerado pelos romanos um oponente digno que não deveria, todavia, ser recordado, a que acrescia o facto de ser um escravo, um gladiador e um rebelde, ou seja, alguém que não possuía as características de herói. No entanto, gerações e culturas posteriores não compartilham destas opiniões³³.

As fontes escritas mais importantes para qualquer reconstrução da rebelião de Espártaco são os relatos do historiador romano Salústio, do biógrafo grego Plutarco e do historiador grego Apiano. Plutarco fornece a seguinte sequência de acontecimentos:

- A guarnição de Cápua é derrotada.
- O pretor Glabro com 3000 soldados é batido.
- Varínio entra em cena: o seu legado Fúrio é vencido, tal como o pretor Cossínio (Varínio acaba também por ser derrotado mais tarde).
- O cônsul Gélio é emboscado por Espártaco, perdendo grande parte das suas forças.
- Lêntulo, o outro cônsul, é derrotado. Espártaco parte para os Alpes, onde vence Cássio, o governador da Gália Cisalpina, que comandava uma força de 10 000 legionários.
- Crasso, dizima os sobreviventes das legiões de Múmio e estabelece uma firme liderança, enquanto Espártaco segue para o Sul, para a Lucânia, onde negoceia com os piratas cilicianos, mas é traído por eles.
- Espártaco estabelece-se em Brútio e Crasso imobiliza o exército de escravos com várias trincheiras fortificadas. Surgem dissidências no exército rebelde.
- Crasso começa a temer o retorno de Pompeio e Espártaco consegue escapar com um terço do seu exército da armadilha de Crasso, numa noite tempestuosa.

³² APIANO. *Civil Wars*. 1.117.547.

³³ FIELDS, 2009, pp. 88-89.

- Os escravos, internamente divididos e enfraquecidos pela deserção, são derrotados por Crasso (Plutarco menciona uma força liderada por Castos e Gânico). Espártaco segue para as montanhas de Petelia.
- Espártaco derrota Escrofa em batalha.
- A batalha final dá-se em Lucânia onde Espártaco é morto em combate.

Usando acréscimos e modificações de Salústio e Apiano é possível construirmos uma imagem mais completa desta revolta. Salústio, por exemplo, fornece-nos uma visão sobre a relevância da rebelião, focando-se no Senado e na sua política interna. Infelizmente para nós, o relato de Salústio foi composto cerca de 35 anos após a Terceira Guerra Servil. Apiano também nos oferece alguns detalhes interessantes:

- A ocupação do Monte Vesúvio.
- Os nomes de Enómao e Crixo.
- O sacrifício de prisioneiros romanos após a morte de Crixo
- O quase ataque a Roma inexplicavelmente abandonado.

Além disso, a descrição de Apiano sobre a fuga da armadilha de Crasso na zona de Brútio é bastante completa, bem como a sua descrição da batalha final, mas temos de ter presente que Plutarco e Apiano compuseram os seus relatos cerca de dois séculos depois da revolta de Espártaco. Infelizmente não temos nenhuma fontes provenientes do lado rebelde, por isso a sua visão dos acontecimentos é para nós irrecuperável³⁴.

³⁴ Idem.

I

ANTECEDENTES

Aproximando-se do fim da sua existência há muito perdida, a República romana foi tomada a partir de cerca de 88 a. C. por distúrbios civis e políticos, levando a uma série de guerras civis. Embora a cultura romana domine a economia do mar Mediterrâneo, na cidade de Cápua³⁵, a apenas cento e cinquenta quilómetros de distância da própria cidade de Roma, um movimento revolucionário começa a nascer que chocaria e espantaria historiadores em anos futuros. Com efeito, dentro da cidade de Cápua um grupo de gladiadores libertou-se do ludo que os mantinha subjugados e travou uma guerra total contra o Senado e o povo de Roma. Os catalisadores deste movimento foram os gladiadores Crixo, Enómao e Gânico, liderados pelo renomado gladiador trácio Espártaco. Depois da fuga da escola de gladiadores Espártaco travou, juntamente com os seus gladiadores rebeldes e um recém-formado exército de escravos libertos, uma guerra que duraria quase três anos, entre 73 a. C. a 71 a. C., a qual constituiu a terceira, maior e última parcela de uma série de revoltas de escravos não relacionadas que ocorreram durante os séculos I e II a. C. Como resultado, várias figuras-chave na história da Roma Antiga serão elevadas a novas alturas, mudando o mundo romano para sempre³⁶.

Visando impedir os escravos de comunicarem e colaborarem entre si para formar planos de fuga e conspiração, foi adotado o método de agrupar os escravos por diferentes línguas e etnias, assim criando barreiras entre eles mormente a barreira de idioma. Os romanos vieram a beneficiar enormemente do declínio do mundo helenístico, tal como sucedeu com muitas civilizações ao longo da história, as quais viram aumentos dramáticos no seu poder militar e no crescimento económico, populacional e territorial a partir do declínio de uma civilização vizinha e rival. Os romanos eliminaram, com grande sucesso, a maioria dos seus sérios concorrentes económicos no Mediterrâneo a partir do momento e à medida que o mundo helenístico entrou em declínio e os sucessores de Alexandre, o Grande, perderam influência em termos políticos, militares e económicos em consequência de fragmentação territorial³⁷.

Estima-se que 250 000 prisioneiros de guerra tenham sido importados do mundo helenístico para a República romana entre os anos 200 e 150 a. C. O mundo mediterrâneo estava então numa situação constante de guerras e conflitos que deixaram centenas de

³⁵ As ruínas da cidade de Cápua estão localizadas na cidade atual de Santa Maria Capua Vetere. A cidade de Cápua era na realidade, a antiga cidade de Casilinum.

³⁶ WEINBERG, 2015, p. 2.

³⁷ Idem, p. 4

milhar de pessoas desabrigadas e indefesas, o que criou condições perfeitas para a sua captura ou sequestro e posterior venda como escravas. Muitos dos cativos tinham vindo das antigas províncias do Médio Oriente, países onde sequestrar e forçar cativos a uma vida de escravidão era um negócio bem organizado e às vezes patrocinado pelos líderes das províncias. Há rumores antigos de que os reis locais, os comerciantes romanos e os fazendeiros de impostos também participaram naquele empreendimento comercial³⁸. Além do Médio Oriente, os prisioneiros a serem usados no sistema escravagista romano vinham de onde quer que a República romana pusesse os seus olhos em termos de conquista militar: o povo germânico de todo o Reno, o povo nómada da Trácia e os povos que cercavam o rio Danúbio³⁹.

Existiam outras formas de capturar escravos durante este período da República romana, para além de sequestrar e vender prisioneiros de guerra. Na verdade, crianças indesejadas e expostas pelos seus pais eram ocasionalmente tomadas e forçadas a uma vida de servidão. Era prática comum que aqueles que tivessem dívidas entrassem numa vida de escravidão até que o seu credor considerasse que as suas dívidas estavam pagas.

Em meados do século II a. C., após ter emergido no mercado global e ter eliminado sistematicamente os seus rivais, a República romana rapidamente se tornou na maior economia do antigo mundo mediterrâneo. O aumento na riqueza total da República levou a um aumento no território romano, ao crescimento da população e, subsequentemente, a uma necessidade acrescida de alimentos para sustentar a República em crescimento.

Devido a este grande aumento no padrão de vida e fronteiras territoriais, o sistema agrícola romano sofreu um *boom* massivo. A República romana, Roma e o Sul da Península Itálica tornaram-se nos fornecedores de alimentos para uma civilização inteira, cultivando colheitas como cereais, azeitonas, vinhas e uvas.

³⁸ BRADLEY, 1988, p. 56.

³⁹ Idem, pp. 58-59.



Crescimento do Império Romano ao longo dos séculos⁴⁰.

O uso de trabalho escravo – e, portanto, não remunerado – era, entendia-se, a melhor forma de administrar com sucesso um grande sistema agrícola⁴¹. Durante este período as primeiras grandes plantações ocidentais, conhecidas como *latifundia*, tornaram-se muito comuns em todo o sul da Itália. A maioria dos escravos trazidos para a República entre 200 a. C. e 70 a. C. podiam ser encontrados nos latifúndios do Sul da península e ao serviço de cidadãos romanos de um estrato social mais alto⁴². Os escravos eram separados em duas áreas trabalhadoras distintas: os trabalhadores de campo e os pastores. Os trabalhadores de campo eram vigiados de perto, forçados a trabalhar todos os dias, com as escravas a passarem por trabalhos de parto nos campos, e vivendo em barracas lotadas de escravos. O *pastore* dispunha de maior liberdade, uma vez que podia viajar com o gado enquanto este pastava em colinas e montanhas. Embora mantido sob a supervisão do *magister pectoris*⁴³, o pastor recebia armas para se proteger e para proteger o rebanho de animais selvagens e bandidos⁴⁴.

⁴⁰ Fonte: <https://pt.slideshare.net/tastamal/spartacus-and-the-slave-war>

⁴¹ WEINBERG, 2015, p. 6.

⁴² SHAW, 2001.

⁴³ O que lidera e verifica os pastores.

⁴⁴ SHAW, 2001.



Escravidão no mundo romano⁴⁵.

Um escravo romano tinha, extraordinariamente, oportunidade de mobilidade social. Com efeito, enquanto a maioria dos escravos romanos vivia nos latifúndios e fazendas da república, muitos escravos romanos desfrutavam de uma vida mais fácil, já que um romano doente podia ser tratado por um médico escravo da casa, bebês eram dados a enfermeiras escravas e jovens romanos eram ensinados por professores que eram por sua vez também escravos. Grande parte do sistema de ensino romano era dominado por escravos, sendo bastante comum que escravos vindos do leste de Roma fossem usados como educadores e tutores de crianças romanas⁴⁶.

À medida que o público investia mais dinheiro nos espetáculos de gladiadores, começaram a surgir por toda a República romanas escolas especializadas em gladiadores, conhecidas como *ludus*. Um *ludus* era gerido por um lanista, o qual era muitas vezes o dono pessoal dos escravos treinados. Um dos mais antigos desses *ludi* era aquele estabelecido na cidade de Cápua, a cerca de duzentos quilômetros a sudeste de Roma e situado perto do Monte Vesúvio: o *ludus* de Cápua. Este era gerido pelo lanista conhecido como Gneu Cornélio Léntulo Baciato, e treinava gladiadores vindos de todo o mundo antigo: gauleses, gregos, macedônios, hispânicos, sírios e trácios⁴⁷. Tal como os latifúndios separavam os seus escravos, os lanistas também acreditavam que as diferenças

⁴⁵ Fonte: <https://eaglesanddragonspublishing.com/slavery-in-ancient-rome-a-guest-post-by-a-david-singh/> Consultado a 12 de setembro de 2019.

⁴⁶ WEINBERG, 2015, p. 7.

⁴⁷ https://en.wikipedia.org/wiki/Third_Servile_War#Background. Consultado a 12 de setembro de 2019.

étnicas e as barreiras linguísticas entre os escravos tornariam improvável que os escravos se unissem numa revolta contra os seus mestres. Infelizmente para o povo de Cápuia, seria neste *ludus* que surgiria a maior, mais destrutiva e mais conhecida guerra de resistência no antigo mundo ocidental: a Terceira Guerra Servil, mais conhecida como a «Guerra de Espártaco»⁴⁸.

Muitas vezes, os proprietários de escravos nem sequer forneciam os recursos necessários à sobrevivência dos seus escravos, forçando-os a recorrerem a roubos e assassinatos para obterem alimentos. Existem relatos de bandos errantes de escravos, muitas vezes pastores, dado que estes tinham alguma liberdade e acesso a armas, os quais assassinavam viajantes e roubavam as posses destes para conseguirem sobreviver⁴⁹.

A concentração de grande número de pessoas numa área específica, as quais se tinham visto privadas pela força da sua liberdade, que eram marcadas dolorosamente como gado e que se viam forçadas a recorrer a roubos e assassinatos para poderem sobreviver, foram fatores que contribuíram para a criação de uma atmosfera de inquietação e perturbação civil entre os escravos que acabaria por levar a uma rebelião em grande escala.

A República romana enfrentou uma grande revolta de escravos em três ocasiões diferentes: duas vezes na ilha da Sicília e uma vez no continente, conhecidas coletivamente como Guerras Servis. Apesar de serem distintos os revoltosos em cada uma destas guerras a ideia por detrás de cada revolta permaneceu a mesma: escapar da opressão da escravidão romana⁵⁰.

A escravatura estava generalizada na Roma Antiga e os romanos não deixavam de ter um certo receio dela, embora o negassem. A escravidão era uma realidade sempre presente no mundo romano, na medida em que os escravos serviam para trabalhar em lares, na agricultura, nas minas, em oficinas, na construção e numa ampla ordem de serviços dentro da cidade. Cerca de um terço da população de Roma e cerca um quinto da população do Império era escrava e sobre esta fundação de trabalho forçado foi construído toda uma potência. A economia de Roma dependia principalmente da agricultura e da guerra: a agricultura sustentava a população enquanto que as campanhas militares gravavam os fundos necessários para outras necessidades. Os soldados usados

⁴⁸ WEINBERG, 2015, pp. 8-9.

⁴⁹ SHAW, 2001, p. 9.

⁵⁰ Idem, p. 10.

nestas campanhas eram agricultores que eram mantidos no exército por períodos bastante longos e, à medida que Roma se expandia, as terras e fazendas destes soldados iam muitas vezes à falência e eram depois compradas pelos ricos que utilizavam os seus escravos para trabalhar nessas propriedades. Os ricos usavam a persuasão ou recorriam à força para comprar ou confiscar propriedades pertencentes a homens pobres, passando depois a operar grandes fazendas em lugar de fazendas individuais. Os nobres empregavam escravos e pastores para estas propriedades, evitando assim que os seus «trabalhadores livres» fossem levados para o serviço militar, o que conseqüentemente gerava um grande lucro uma vez que os escravos tinham muitos filhos e não tinham nenhuma responsabilidade perante o serviço militar⁵¹.

Durante o período que antecedeu a Terceira Guerra Servil o mau tratamento de escravos estava tão difundido que era considerado uma coisa natural. Entendia-se que era necessário quebrar a vontade dos escravos como indivíduos a fim de ter um servo complacente, sendo que apenas gerava lucro um escravo submisso, que cumprisse ordens sem questionar as mesmas. Constitui testemunho da capacidade romana de manter o controlo sobre os escravizados.

A certa altura, passou a haver mais escravos do que pessoas livres em Roma e a taxa de desemprego aumentou drasticamente à medida que os romanos recorriam cada vez mais à utilização de escravos. As zonas rurais tornaram-se gradualmente numa vasta rede de colónias de escravos que residiam nas plantações dos romanos nobres. Os escravos que não trabalhavam nos campos ou em espaços domésticos eram muitas vezes comprados e vendidos como gladiadores, e um desses foi Espártaco⁵².

⁵¹ JOSHUA. Mark. *The Spartacus Revolt Ancient History Encyclopedia*- Consultado a 4 março de 2019. <https://www.ancient.eu/article/871/the-spartacus-revolt/>

⁵² CARTWRIGHT. Mark. *Slavery in the Roman World Ancient History Encyclopedia*- Consultado a 1 de Março de 2019. <https://www.ancient.eu/article/629/slavery-in-the-roman-world/>

1.1. CAUSAS DA REVOLTA

Os gladiadores estavam sujeitos a um tratamento melhor do que aquele a que eram submetidos os escravos normais, e a vida numa legião romana podia ser mais rígida do que a vida de gladiador - os soldados não eram torturados, mas poderiam ser castigados severamente caso fossem descobertos a cometer crimes, como roubo ou caso perdessem o armamento ou falhassem no trabalho de vigia. As recompensas para uma vitória na arena eram muito boas para um gladiador- glória, dinheiro, fama e a companhia das escravas da casa do seu senhor- mas nem todos os escravos eram abençoados com estes «presentes».

Os romanos tinham sentimentos contraditórios relativamente aos gladiadores: se por um lado os viam como seres privilegiados que gozavam de uma vida menos dura do que a vida de um escravo normal ou aquela de um soldado numa legião romana, por outro lado consideravam humilhante um escravo ser forçado a tornar-se gladiador e consideravam repugnante alguém voluntariar-se para ser gladiador. Consideravam que viver como gladiador era degradante, mas morrer como tal era sublime.

Alguns dos escravos deste ludo até poderiam gostar da disciplina imposta⁵³, mas setenta gladiadores decidiram escapar deste ludo. Se por um lado é irónico que tenham sido os escravos mais privilegiados a começar a revolta por outro lado tal não é surpreendente, uma vez que a Primeira Guerra Servil e a Segunda Guerra Servil foram impulsionadas pelos escravos mais favorecidos. Infelizmente conhecemos muito pouco sobre o ludo de Cápuia, de onde surgiu Espártaco, sobre os seus treinadores e o seu dono. O próprio nome do proprietário do ludo é desconhecido e muito debatido. Algumas fontes chamam-lhe Lêntulo Baciato ou Gneu Lêntulo, outras fontes afirmam que esses nomes estão errados e que o seu nome verdadeiro seria Gneu Cornélio Lêntulo Vácia, o nome de um cidadão romano oriundo de uma família muito rica e nobre, conhecida por treinar muitos dos gladiadores em Cápuia⁵⁴.

⁵³ STRAUSS, 2010, p. 21.

⁵⁴ Idem, p. 22.



Antiga cidade de Cápua⁵⁵.

De acordo com algumas fontes, os gladiadores decidiram fugir e arriscar as suas vidas em troca da liberdade⁵⁶, porque não suportavam a ideia de ser uma atração para a arena. Para eles era humilhante ter de lutar até à morte para entreter o povo que os escravizara. Espártaco e os seus aliados podem ter encontrado motivação na vingança e na riqueza, na liberdade e na honra, e usado as mesmas como fontes de atração para seguidores para o seu exército quando começaram a reunir apoios para a revolta. Espártaco e os seus seguidores estariam possivelmente informados sobre as guerras civis e as revoltas de escravos que tinham assolado o território romano anos antes e que tinham perturbado imensamente a sociedade e a economia romanas. Podem ter também jogado com o fator tempo, dado que Roma estava nessa altura envolvida em três grandes conflitos, na Ásia Menor contra o Rei Mitridates, contra Sertório na Hispânia e contra os piratas nas costas da Sicília⁵⁷, conflitos que manteriam forças militares ocupadas fora da Península itálica e portanto seriam em menor número aquelas que se oporiam à revolta: no ano da revolta, em 73 a. C., as legiões estavam envolvidas em conflitos internacionais e as forças presentes na Península eram quase inexistentes, pelo que sabendo destas circunstâncias talvez Espártaco e os seus seguidores acreditassem que poderiam ter sucesso numa revolta onde anteriormente outras tinham falhado. Porém, apesar de a oportunidade apresentada ser uma teoria possível, acreditamos que algo mais básico esteve na origem desta revolta: o instinto de sobrevivência.

⁵⁵ Fonte: <https://www.britannica.com/place/Capua-ancient-city-Italy>

⁵⁶ APIANO. *Civil Wars*. 1.117.547.

⁵⁷ STRAUSS, 2010, p. 23.

Acresce que na era de Espártaco, quase no fim da República, os jogos de gladiadores eram organizados por organizações privadas, geralmente patrocinadas por homens ricos à procura de popularidade. Ora, as multidões adoravam banhos de sangue, pelo que os patrocinadores organizavam exibições nas quais era sacrificado grande número de gladiadores, não sendo surpreendente que muitos morressem no seu primeiro combate.

Tendo a revolta tido início na Primavera, é sugerido por algumas fontes que muitos dos homens do ludo estariam a ser treinados para os Jogos Anuais Romanos, com a duração de duas semanas, também conhecidos como os Grandes Jogos, os quais tinham o seu início em setembro. Deste festival faziam parte disputas entre gladiadores, e com quase toda a população de Roma a assistir, muitos dos patrocinadores queriam proporcionar grandes espetáculos às multidões, pelo que provavelmente muitos dos gladiadores e parceiros de Espártaco não regressariam a Cápua após os jogos⁵⁸.

Embora seja crível que a reduzida esperança média de vida de um gladiador tenha sido um fator motivador, não deixa de ser improvável, uma vez que trácios, celtas e gauleses se orgulhavam do seu contentamento pela guerra e pela morte, acreditavam na vida pós-morte e preferiam ver-se como lutadores sem medo a ver-se como cobardes que fugiam à luta⁵⁹. Espártaco teria de convencer estes homens de que existiam lutas melhores enquanto fugitivos e fora dos muros do ludo. Os gladiadores não tinham como objetivo fugir ou libertar outros escravos, antes preferiam ficar na Península Itálica e combater os romanos, roubando as suas riquezas.

Porém, todas estas circunstâncias falham na explicação para o sucesso de Espártaco. A atitude e o carisma daquele têm de ser tidos em conta, considerando que de acordo com relatos os seus homens ouviam quando Espártaco se lhes dirigia, mas não podem ter sido apenas a sua destreza na arena ou a sua experiência no exército romano, nem mesmo a sua suposta reputação como bandido, aquilo que convenceu 70 gladiadores a segui-lo⁶⁰.

⁵⁸ Idem, p. 24.

⁵⁹ FREEMAN, 2002, pp. 12-13.

⁶⁰ STRAUSS, 2010, p. 25.

1.2. CONTEXTOS (SOCIAL, ECONÓMICO, MILITAR)

Ao longo da história romana assistimos à existência de uma forte presença de mão-de-obra escrava, sendo esta um dos pilares da economia. Os escravos eram adquiridos para fazerem parte de uma força de trabalho romana, e existiam vários meios para fazer transações deste tipo, sendo que as principais eram a compra feita através de comerciantes estrangeiros ou a escravização de populações estrangeiras através da conquista militar⁶¹. Com o forte envolvimento de Roma em guerras nos séculos I e II a. C., dezenas, senão centenas, de milhar de escravos foram importados para a economia⁶². Embora houvesse um uso limitado de escravos como servos, artesões e ajudantes pessoais, um grande número de escravos trabalhava nas minas e nas terras agrícolas na Sicília e no sul da Itália.

Na sua maioria, os escravos eram tratados de forma severa e opressiva, durante o período republicano romano⁶³. Sob a lei republicana, um escravo não era considerado uma pessoa, mas sim propriedade. Os proprietários poderiam abusar, ferir ou até mesmo matar os seus próprios escravos, se assim o entendessem, e não sofreriam qualquer represália legal. Embora houvesse muitos tipos de escravos, os “mais baixos” e mais numerosos que trabalhavam nos campos e nas minas estavam sujeitas a uma vida de trabalho físico pesado⁶⁴. A alta concentração de escravos e o tratamento opressivo dos mesmos levaram a rebeliões, como as Guerras Servis⁶⁵.

Na República romana e durante o século I a. C., os jogos de gladiadores eram uma das formas mais populares de entretenimento. A fim de fornecer gladiadores para estes eventos, várias escolas de formação, ou *ludi*, foram estabelecidas em toda a Península Itálica. Nestas escolas, prisioneiros de guerra e criminosos condenados - os quais eram considerados escravos - aprendiam as habilidades necessárias para poderem lutar em combates de gladiadores⁶⁶. Espártaco fez parte de uma destas escolas de treino em Cápua.

⁶¹ WICKHAM, 2014, pp. 210-217.

⁶² HOPKINS, pp. 4-5.

⁶³ MASSEY, 2001, p.92.

⁶⁴ SMITH, 1875, p. 1040.

⁶⁵ Consultado a 12 de setembro de 2019. https://en.wikipedia.org/wiki/Third_Servile_War#Background.

⁶⁶ Idem, p. 574.

1.3. ORIGENS DO HOMEM ESPÁRTACO

O homem Espártaco é um mistério: não temos nenhuns relatos concretos relacionados com as suas origens, não sabemos onde nasceu, quais os seus familiares, se de facto era de origem nobre ou se serviu o exército romano nas forças de *auxilia*. O que sabemos – porque nos é dito pela maioria das fontes⁶⁷ - é que Espártaco era trácio e que lutou do mesmo lado dos romanos até ter sido escravizado e condenado a uma vida de gladiador. Muitas das decisões de Espártaco parecem ter sido tomadas numa tentativa de melhorar a vida das pessoas que o seguiam, sendo afirmado várias vezes pelas fontes que Espártaco tentou salvar o maior número possível de pessoas escravizadas na península Itálica e libertá-las, embora muitos dos seus seguidores não tivessem esse objetivo, tendo antes como único desejo o de pilhar vilas e cidades romanas, tentando sobreviver da melhor forma possível.

Espártaco parece ser diferente dos homens que o acompanham: as suas decisões são planeadas e ponderadas, o que não era comum para um líder de uma rebelião de escravos fugitivos. Ao contrário de Crixo e Gânico, que parecem ter agido de forma agressiva e emocional, o gladiador trácio agiu no sentido de salvar mais vidas do que aquelas que retirava aos seus inimigos, o que curiosamente ia contra a ideologia dos seus seguidores, que tinham um profundo ódio para com o povo romano e procuravam vingança, independentemente das consequências.

Anos mais tarde, estes gladiadores e escravos provindos das várias regiões espalhadas pelo território dominado pela República romana continuariam a seguir e a acreditar em Espártaco, embora tenham passado por situações extremamente difíceis. É desconhecida a relação de Espártaco com os seus homens, mas não terá sido apenas o seu talento para a guerra que levou milhares de homens nascidos em culturas guerreiras (como a celta ou a gaulesa) a seguirem-no Espártaco e a obedecer aos seus comandos.

Espártaco aumentou a sua base de apoio explorando a propaganda de uma forma brilhante. Assim, apelava a temas que os escravos e apoiantes de Mitridates bem como os romanos mais extremistas estavam dispostos a seguir. Apesar de esta mensagem ter feito pouco para aumentar os números do seu exército, foi o suficiente para assustar o Senado e o povo romano⁶⁸. Há quem entenda, como Salústio, que Espártaco era um político, tentando manter a sua coligação unida em momentos de crise; tinha um forte culto de

⁶⁷ STRAUSS, 2010, p. 3.

⁶⁸ Idem, ibidem.

personalidade que o ajudou a atrair dezenas de milhares de seguidores⁶⁹. Espártaco era um trácio e na Trácia a arte da guerra era uma profissão nobre. A cavalaria era muito utilizada, o que lhes permitia uma mobilidade e uma velocidade que as tropas romanas não possuíam uma vez que eram especialistas na luta de infantaria. Os trácios eram génios na luta de guerrilha; o seu estilo de combate com recurso a armadura e armas ligeiras era demasiado rápido para os soldados romanos. Espártaco tornou-se extremamente proficiente no tipo de guerra do seu tempo, provavelmente graças ao serviço cumprido na tropa auxiliar romana e considerando os traços de carácter que lhe são apontados nos vários relatos⁷⁰.

Espártaco provou ser um excelente estratega, o que explicará a existência de muitos relatos no sentido de que ele pode ter tido experiência militar no seu passado. Pouco se sabe sobre Espártaco para além dos eventos da guerra, e os relatos históricos sobreviventes às vezes são contraditórios e nem sempre são confiáveis. No entanto, todas as fontes concordam que ele era um ex-gladiador e um líder militar realizado⁷¹. Espártaco era um gladiador pesado, portanto da classe *murmillio*, tendo tremenda força e coragem cerca de 30 anos de idade.



Gladiador, classe: *murmillio* – reconstituição⁷².

Apesar de não conhecermos nada sobre o recorde de Espártaco na arena, conseguimos imaginá-lo a lutar contra outro gladiador, muitas vezes com a ajuda de um

⁶⁹ SALÚSTIO. *Histories*. 3.90.

⁷⁰ STRAUSS, 2010, p. 7.

⁷¹ FLORO. 2.8.3.

⁷² Fonte: <https://www.pinterest.com.mx/pin/635218722414718399/>

companheiro de modo a poderem participar em combates de pares. Um *murmillo* como Espártaco nunca seria combinado com outro *murmillo*, mas sim com um *thraeces*. *Thraeces* significa trácio, e o facto de Espártaco, sendo trácio, não pertencer à classe dos *thraeces* poderia levar alguns a questionarem a sua origem trácia⁷³. cremos, porém, que tal se deve apenas ao facto de a constituição de Espártaco se adequar melhor à classe *murmillo*, não sendo ligeiro como sucedia frequentemente com os trácios.

Na sua juventude e na sua terra natal, Trácia, o jovem Espártaco terá servido o exército romano nas forças auxiliares⁷⁴. As forças auxiliares tinham o nome de *auxilia*, e eram separadas das legiões, que só podiam ser integradas por cidadãos romanos. As forças auxiliares recebiam um certo treino e disciplina do exército romano embora não fossem legionários. A teoria de que Espártaco lutou integrado numa unidade auxiliar é tornada plausível pelos futuros sucessos de Espártaco contra as forças romanas, explicados pelo conhecimento adquirido por Espártaco quanto ao modo como funcionava o exército romano.

Tendo a Trácia sido conquistada pelos romanos e sendo Espártaco trácio, a sua integração numa unidade auxiliar indica que o fez depois de ter sido recrutado à força para isso e não como mercenário – o qual combateria como voluntário e contra remuneração.

Espártaco terá desertado a certa altura, tornando-se assim naquilo a que os romanos chamavam de *latro*⁷⁵. A palavra significa ladrão, bandido ou insurgente. Os romanos usavam-na para descrever qualquer um destes. Apenas podemos especular sobre os motivos que levaram a esta deserção⁷⁶.

Talvez, tal como tantos outros trácios, Espártaco tenha decidido juntar-se a Mitridates na luta contra os romanos, ou tenha cometido um crime ou tenha tido uma mágoa privada que o obrigou a abandonar o exército. Todavia, não sabemos se de facto Espártaco desertou tal como ignoramos se tal teria ocorrido na Trácia, na Macedónia ou em Roma. Em qualquer dos casos, após se ter tornado num *latro*, Espártaco terá sido capturado, escravizado e condenado a ser um gladiador. Em regra, Roma reservava o estatuto de gladiador apenas para os criminosos mais perigosos, o que levaria a concluir

⁷³ STRAUSS, 2010, pp. 11-12.

⁷⁴ FLORO. 2.8.3.

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ STRAUSS, 2010, pp. 14-15.

que o que tornou Espártaco num *latro* era suficiente, de acordo com os padrões romanos, para o condenar a ser gladiador. Segundo Varrão, Espártaco era inocente pelo que a sua condenação a ser gladiador seria justificação para iniciar uma revolta.

Na época em estudo, havia um número estimado de um a um milhão e meio de escravos na península, o que compunha cerca de vinte por cento da população. Foi o apogeu da exploração de mão-de-obra humana no Mundo Antigo, o zénite da miséria e da retirada da liberdade⁷⁷. Era um tempo com uma grande concentração de escravos, muitos deles nascidos livres e alguns deles ex-soldados. Considerando que muitos escravos tinham o privilégio de viajar e de carregar armas, não é de admirar que num espaço de apenas 60 anos a Sicília e o Sul de Itália explodissem em três grandes revoltas de escravos⁷⁸.

Após chegar a Cápua acorrentado, Espártaco foi apresentado aos seus novos colegas, os quais compunham um grupo muito variado. Quase todos eram escravos, uns por nascimento, outros por captura e outros ainda por terem sido comprados (antigos prisioneiros de guerra). Muitos deles eram trácios, já que a Trácia era um dos países que mais provia Roma com uma massa imensa de escravos, devido às guerras sem fim que se davam entre os dois poderes nas províncias da Macedónia⁷⁹.

A massa de gladiadores da denominada Casa de Baciato incluía muito provavelmente grupos étnicos provenientes de todas as partes do Império, incluindo zonas do Mar Negro e da Anatólia, mas era composta principalmente por gauleses, celtas e germânicos. Estas três etnias tiveram um papel fulcral na revolta de Espártaco, uma vez que eram as mais proeminentes no exército rebelde. Muitos dos escravos dos romanos eram germânicos, ou filhos de germânicos, os quais, tal como os Celtas, haviam sido capturados em grande número por Mário trinta anos antes dos eventos aqui em análise⁸⁰.

Além de estrangeiros a escola onde Espártaco treinou terá incluído também homens livres e até romanos: pobres e ricos voluntariavam-se para se tornarem gladiadores, quer fosse por desespero, aborrecimento ou em busca de glória. Baciato possuiria cerca de 200 gladiadores, entre trácios, celtas, germânicos e outros. Tal como referimos anteriormente, os romanos acreditavam haver vantagem em misturar

⁷⁷ HARRIS, 2000, pp. 721-722.

⁷⁸ STRAUSS, 2010, pp. 15-17.

⁷⁹ Idem, pp. 17-18.

⁸⁰ FIELDS, 2009, pp. 7-10.

gladiadores de diversas etnias como forma de evitar revoltas, tendo bem presente o perigo de armar escravos⁸¹. Os sentimentos de Espártaco para com os romanos seus inimigos eram complexos: orgulho, ódio e vergonha terão sido provavelmente alguns elementos de ligação entre Espártaco e Roma. Solidariedade, oportunismo e suspeição são algumas das atitudes que Espártaco demonstrou para com os romanos.

Não conhecemos a dinâmica existente dentro do ludo de Baciato, mas a julgar pelas suas ações futuras podemos presumir que cada grupo se juntava e isolava dos outros. Quando planeou a revolta, Espártaco deve ter começado por tentar convencer primeiro os seus compatriotas, os trácios, a eliminarem os guardas do ludo e a fugir do mesmo. Para alcançarem esse objetivo, os gladiadores precisariam de armas, que eram fechadas à chave. Portanto, teriam de escolher o momento mais oportuno para roubar a chave ou para atacar os guardas quando as armas fossem distribuídas, como por exemplo na véspera de um evento⁸².

Os Celtas terão sido provavelmente aqueles mais difíceis de convencer, embora também eles tivessem contas a ajustar com os Romanos e percebessem que as terras no Sul da península Itálica seriam perfeitas para atos de pilhagem. É possível que tenham aceite juntar-se a Espártaco na sua causa, mas é improvável que aceitassem receber ordens do mesmo. Os celtas eram um povo extremamente orgulhoso pelo que apenas seguiam líderes escolhidos por eles, como sucedeu neste caso com Crixo e Enómao, que seriam generais de Espártaco⁸³.

Coloca-se a questão de saber o que iria Roma fazer relativamente a esta revolta. Tinha de tomar alguma decisão relativamente à insurreição repentina, nem que fosse para proteger a riqueza dos residentes das zonas por onde o bando de Espártaco passava. Os rebeldes espalhavam o terror - aquilo a que os romanos chamavam de *terror servilis*, terror de escravos. Embora Espártaco esperasse uma reação romana, isso não o impediu de ficar parado no Vesúvio à espera da força que mais cedo ou mais tarde Roma enviaria contra ele. Espártaco pode ter sido motivado pelos seus companheiros a adotar uma postura de resistir e enfrentar qualquer contingente militar enviado pelos romanos, para o que não teve de esperar muito⁸⁴.

⁸¹ STRAUSS, 2010, p. 19.

⁸² Idem, p. 33.

⁸³ FIELDS, 2009, p. 30.

⁸⁴ STRAUSS, 2010, p. 45.

II

LIDERANÇA MILITAR E FORÇAS EM COMBATE

Espártaco optou sempre por enfrentar os romanos em combates de guerrilha e tentou sempre proteger os seus homens em lugar de os levar para um confronto aberto contra as legiões romanas, sendo provável que se o tivesse feito teria perdido os primeiros embates contra as forças de Cápua e contra as unidades enviadas pelo Senado e consequentemente a revolta de Espártaco acabaria muito mais cedo. As referidas opções de Espártaco ganham clareza quando as comparamos com aquelas dos seus companheiros mais próximos, principalmente Crixo e Gânico, homens agressivos e emocionais que queriam enfrentar as forças romanas sempre que possível independentemente dos danos sofridos ou causados, o que é demonstrado pelas ações daqueles quando, em vez de tentarem proteger o maior número de pessoas possível, optaram por pilhar e atacar forças romanas em batalha, com os resultados esperado de vitória para as forças romanas com os rebeldes a sofrerem enormes baixas.

O uso da cavalaria ligeira por parte de Espártaco foi fundamental para muitas das vitórias alcançadas pelo exército rebelde, o qual era composto por infantaria e cavalaria ligeira, não existindo quaisquer relatos de que o exército rebelde possuísse peças de artilharia. Espártaco optava por ter um exército móvel e ligeiro, até porque tendo, segundo várias fontes, servido nas forças auxiliares romanas acreditava que apenas perícia, paciência e manobrabilidade permitiriam enfrentar e vencer as legiões romanas. Espártaco tentava sempre flanquear o inimigo e enfrentar os romanos em terrenos onde o seu exército teria uma clara vantagem⁸⁵.

No que se refere ao ambiente que se vivia no seio do exército, não existem muitos relatos sobre o relacionamento de Espártaco com os homens que o acompanhavam, embora através dos relatos que nos chegaram seja possível concluir que algumas das relações não eram as mais saudáveis, na medida em que não existia confiança entre o núcleo duro de generais do exército rebelde; as suas diferentes etnias bem como diferentes motivações levaram a que ocorressem várias cisões dentro do exército. Todavia, apesar de todas as diferenças existentes dentro do exército rebelde Espártaco conseguiu juntar milhares de pessoas provenientes de diferentes zonas do exército rebelde e motivá-las a coabitar e a combater juntas, o que é um feito incrível para a época em questão e na situação em que os escravos fugitivos viviam⁸⁶.

⁸⁵ FIELDS, 2009.

⁸⁶ Idem.

As motivações de Espártaco continuam a ser um mistério até aos dias de hoje. Nunca foi claro o motivo pelo qual se deu a sua fuga do ludus nem quais os objetivos prosseguidos pelo exército liderado por Espártaco. Não sabemos se Espártaco sempre desejou fugir da península Itálica ou se essa foi uma motivação que surgiu como reação à presença das forças romanas no território, substituindo o desejo de pilhar e destruir vilas romanas por um instinto de sobrevivência que Espártaco não conseguiu, mais tarde, transmitir àqueles que o seguiam. Há quem acredite que a revolta nunca teve um objetivo claro e que após a fuga da escola de gladiadores os escravos fugitivos não tiveram alternativa senão a de lutar para sobreviver, mas que, a partir do momento em que milhares de pessoas se mobilizaram para o Vesúvio, Espártaco e aqueles que o seguiam já não se podiam esconder dos romanos em vilas ou em florestas pelo que teriam de combater as forças enviadas pelo Senado ou tentar escapar da península através dos Alpes ou através do mar, não existindo uma alternativa intermédia⁸⁷.

As movimentações de Espártaco para o Sul e para o Norte da península sugerem que Espártaco queria de facto escapar das forças romanas, e as separações que sucederam no exército rebelde apontam também para o facto de que Crixo e Gânico não tinham qualquer intenção de fugir da República romana. O facto de muita gente dentro do seu exército não se rever no caminho que o líder dos escravos queria seguir foi um dos maiores problemas que Espártaco teve de enfrentar. A maioria das pessoas que seguia Espártaco tinha nascido escrava na península Itálica ou tinha sido levada muito cedo da sua terra natal, não tendo qualquer motivo para abandonar o único sítio onde se sentiam em «casa». Para além do mais, cremos que nem os habitantes da Sicília nem os das terras gaulesas ou celtas queriam receber no seu território dezenas de milhares de fugitivos da República romana, pelo que mesmo que Espártaco conseguisse escapar da península é muito provável que os rebeldes não encontrassem conforto noutras zonas. Aqueles que seguiam Espártaco eram provenientes de culturas guerreiras, adoravam o combate tanto quanto odiavam os romanos e sob a liderança de Espártaco conseguiram derrotar vários exércitos romanos e capturar vilas e aldeias, parecendo-nos improvável que estes revoltosos quisessem deixar de o fazer⁸⁸.

Não existem dúvidas sobre as capacidades militares de Espártaco, nem sobre a sua experiência e valor, mas sobre o homem, a sua personalidade, os seus defeitos e fraquezas,

⁸⁷ Idem.

⁸⁸ Idem.

não temos quaisquer informações. Muitos dos escravos, como Espártaco, podem ter tido experiência militar nos exércitos romanos, em tribos gaulesas, ou em exércitos do mundo helenístico. Mas mesmo assim, o exército de Espártaco não era uma horda bárbara. As evidências nas fontes vão-nos lembrando de que existem muitos contextos étnicos e culturais no exército de Espártaco, o que tornam este grupo muito instável, mas mesmo sendo um grupo extremamente heterogêneo o exército de Espártaco tornou-se numa força de combate surpreendentemente eficaz que repetidamente demonstrou que os seus membros podiam enfrentar as legiões disciplinadas de Roma.

Espártaco nunca teve uma cavalaria pesada de excelência como Aníbal, mas tinha um grande grupo de infantaria que conseguia derrotar os romanos em batalha. Embora fosse uma força baseada na infantaria, as antigas virtudes militares de determinação, resistência, engenho, ousadia e coragem permitiram a Espártaco impedir que o seu exército de escravos fosse destruído. Naturalmente, pode argumentar-se que num enorme grupo plurirracial as comunicações entre os seus membros teriam sido difíceis. Porém, seria ingênuo assumir que este argumento é totalmente factual, pois ignora a presunção de que os escravos estrangeiros e os seus senhores romanos não conseguiam estabelecer formas básicas de comunicação para que o seu trabalho fosse realizado, tendo tal sistema de comunicação sido certamente explorado pelos escravos fugidos que seguiam Espártaco⁸⁹.

Temos de ter presente que estes homens eram duros, irados, habituados à guerra e treinados para matar outros, mas também que foi com a ajuda deles que Espártaco conseguiu transformar um bando de bandidos fugidos numa força de combate formidável. Não esqueçamos que os pastores que se juntaram mais tarde a Espártaco estavam muito mais bem armados e equipados do que outros escravos. Estes homens eram fortes, habituados a passar os seus dias e noites ao ar livre independentemente do clima e as suas lanças, cajados e fundas serviam como armas. Os seus trajes costumavam consistir de peles de lobo ou de javali. Eram muitas vezes acompanhados por cães de guarda com temperamentos ferozes e eram homens que não tinham nada a perder, mas tinham tudo a ganhar com a guerra. Como diz Plutarco, alguns deles tinham pernas de ferro, sendo extremamente úteis como batedores ou como infantaria ligeira.

Finalmente, impõe-se referir o papel das mulheres no exército de escravos. Quando Apiano conta que o exército de Espártaco era composto por cerca de 70 000

⁸⁹ Idem.

pessoas pode estar a incluir nesse número os chamados não-combatentes. Muitos escravos do sexo masculino que seguiam Espártaco já teriam estabelecido, mesmo antes de a rebelião ter começado, ligações com mulheres, que se tornariam também elas escravas fugitivas que se juntaram à revolta ao seguirem os companheiros.

Do lado romano, nas fileiras das legiões de Crasso, encontramos homens de meios modestos, de proletários da cidade a trabalhadores no campo rural. Muitos destes homens tinham escolhido o exército como profissão e o seu mundo militar estava firmemente enraizado no espírito das legiões. Muitos destes soldados tinham feito o seu juramento militar, tendo a esperança de no futuro virem a assentar nas suas próprias terras, e independentemente da sua condição social estes homens eram romanos livres que se viam como sendo superiores a qualquer escravo estrangeiro.

É difícil acreditar que os escravos rebeldes fossem um grupo homogéneo que seguia exclusivamente Espártaco, pelo que surge a interrogação sobre se terá havido uma verdadeira dissensão no exército relativamente aos objetivos da revolta.

Talvez estes escravos estivessem na península Itálica há tanto tempo que, apesar do seu sofrimento, não podiam enfrentar a perspectiva de partir para outras terras. Estes rebeldes podem ter genuinamente pensado que um atentado contra Roma seria possível, ou que poderiam continuar a saquear a península sem serem derrotados. Espártaco e os seus seguidores recusavam-se a ser romanos, nunca expressaram o desejo de serem cidadãos romanos e Roma não tinha nada para lhes oferecer. Devemos, portanto, rejeitar o dogma de que Espártaco era um protagonista da abolição da instituição da escravidão ou um destruidor de Roma. A verdade é que Espártaco encarnou a determinação dos seus seguidores de nunca mais voltarem a ser escravos⁹⁰.

⁹⁰ Disponível em: https://www.academia.edu/30094840/SPARTACUS_AND_THE_SLAVE_WAR_73-71_BC_A_gladiator_rebels_against_Rome.

2.1. O «EXÉRCITO» DE ESPÁRTACO

Tendo em conta os relatos supomos que dentro do exército de Espártaco qualquer pessoa fosse livre de fazer o que quisesse, inclusive sair da rebelião, mas isso terá acontecido raramente e apenas em casos extremos. Os rebeldes forneciam o seu próprio armamento; as armas eram adquiridas na sua maioria através de soldados romanos mortos, sendo que ao longo da revolta os rebeldes improvisaram o seu próprio armamento. Espadas, machados, martelos de guerra, lanças, arcos e flechas e adagas foram algumas das armas utilizadas pelos rebeldes. Esta grande variedade de armas ajudou a derrotar os romanos que usavam principalmente espadas e lanças. A arma de escolha dependia certamente do combatente, com alguns rebeldes mais habilidosos do que outros em certos aspetos. Os rebeldes eram uma força armada surpreendentemente eficaz e conseguiram superar repetidamente exércitos romanos bem treinados e armados. Todos os rebeldes eram treinados nos modos de combate do gladiador e muitos tornavam-se mais hábeis ao longo dos seus confrontos em batalha e com as suas próprias adaptações a muitos estilos de combate. Por seu turno, os seguidores do acampamento eram parte integrante do exército rebelde, constituindo o elemento civil dentro daquele. Este grupo de seguidores era composto por não-combatentes, geralmente idosos, deficientes, mães e crianças muito jovens para lutar⁹¹.



Armamento – forças de auxilia gaulesas⁹².

O exército englobava pessoas de muitas raças diferentes (principalmente gauleses, germânicos, trácios e gregos). Como muitos dos rebeldes não falavam a mesma língua,

⁹¹ Disponível em: <https://spartacus.fandom.com/wiki/Rebels>.

⁹² FIELDS, 2009, p. 39.

precisavam de aprender a comunicar através de um idioma comum, provavelmente o grego. Outras etnias do exército de Espártaco terão sido os ibéricos, os egípcios, os núbios, os sírios, os mesopotâmicos, os fenícios e os partas, atendendo a que todas estas etnias faziam parte da vasta população escrava de Roma durante a Terceira Guerra Servil e, portanto, ter-se-ão juntado a Espártaco. Também estão registados romanos de estrato social baixo como sendo seguidores de Espártaco, atendendo a que muitas comunidades ficaram ressentidas após os desenvolvimentos da Guerra Social, ocorrida dezasseis anos antes da rebelião, e era uma oportunidade para estes romanos se reafirmarem perante a autoridade romana⁹³.

Embora os autores romanos assumam que os escravos fugidos eram um grupo homogéneo com Espártaco como líder, estes autores podem ter projetado a sua própria visão hierárquica da liderança militar nesta organização, reduzindo outros líderes, como Crixo e Enómao, a posições mais baixas em termos de comando. Sabemos muito pouco sobre estes dois homens, apenas que eram gauleses e que eram provavelmente guerreiros bastante respeitados, possivelmente vindos de famílias nobres, o que lhes garantiria provavelmente um número bastante significativo de seguidores. Algumas fontes colocam-nos ao mesmo nível de comando de Espártaco, outras colocam-nos a um nível inferior. A distinção, porém, pouco importa, uma vez que revoltas como esta têm líderes cujas fontes de poder incluem o carisma, a persuasão, apoiantes e os sucessos passados⁹⁴.

Nos primeiros estágios da guerra Espártaco exibiu o seu génio estratégico e tático: o líder trácio estava a enfrentar a maior força de combate na Europa com um exército formado essencialmente por escravos libertados, pelo que foi obrigado a planear estratégias inteligentes para alcançar a vitória. Após a sua vitória sobre Varínio, e com a captura dos os suprimentos do exército romano, a fama de Espártaco começou a espalhar-se. Aos milhares, escravos e camponeses romanos juntavam-se à rebelião, e todos chegaram a formar um exército com cerca de 70 000 combatentes⁹⁵.

Embora Espártaco tenha provado que tinha a capacidade para manobrar num campo militar e que tinha os atributos necessários para liderar os seus homens, grande parte do seu sucesso inicial deveu-se muito à insolência romana. No início, o Senado não

⁹³ STRAUSS, 2010

⁹⁴ Idem.

⁹⁵ Idem.

acreditou que Espártaco e o seu bando de gladiadores fugitivos constituíssem uma ameaça para a paz romana⁹⁶.

Num espaço de dois anos, o exército de Espártaco contava com cerca de 120 000 homens, mulheres e crianças. Os homens capazes de combater eram uma força armada surpreendentemente eficaz que repetidamente mostrava que podia resistir e derrotar militares romanos, das patrulhas locais da Campânia, à milícia romana e até legiões romanas bem treinadas e armadas. Os escravos vagueavam por todo o Sul da península Itálica, invadindo propriedades e cidades com relativa impunidade, algumas vezes dividindo as suas forças em grupos separados, mas sob a orientação de vários líderes e conselheiros de Espártaco os rebeldes eram um perigo à solta para a República romana. No final do ano de 73 a. C. Espártaco e Crixo estavam no comando de um grande grupo de homens armados com uma capacidade comprovada de resistir e derrotar exércitos romanos.

É difícil determinar o que eles pretendiam fazer com essa força. Tendo presente que a Terceira Guerra Servil foi, em última instância, uma rebelião fracassada, não existe nenhum relato em primeira mão que nos revele os motivos e objetivos dos escravos.

Não conhecemos a origem dos gladiadores presentes no ludo de Baciato, mas sabemos que havia muitos tipos de gladiadores na Roma Antiga, pelo que podemos supor que os principais gladiadores desta escola eram prisioneiros de guerra com experiência militar. Os principais membros do exército de Espártaco eram os gauleses e os trácios, por isso, a escola de Baciato estava em condições de apresentar estes homens nos Jogos, os quais na arena usavam as suas armas e armaduras nativas. A maioria dos gladiadores era obrigada a combater com os colegas das suas escolas, sendo que só alguns gladiadores específicos eram escolhidos para lutar contra outros homens de um ludo diferente. Tal poderá ter tido um impacto na revolta que se iniciou na escola de Baciato, com os gladiadores a recusarem-se em lutar entre si até à morte, e apesar de não sabermos quais eram os tipos de gladiadores que a escola em causa treinava podemos dizer quais eram aqueles que poderiam ter tido sucesso num campo de batalha contra tropas romanas, embora não o possamos afirmar quanto a uma arena de jogos⁹⁷.

⁹⁶ Idem.

⁹⁷ Idem.

O exército de Espártaco poderá ter tido nas suas fileiras, alguns *dimachaerii* que usavam uma espada em cada mão⁹⁸, ou *equites*, que em latim significa «cavaleiro». Estes últimos usavam uma armadura ligeira e eram armados com uma espada ou com uma lança, muitas vezes também usavam um escudo redondo de tamanho médio, *a parma equestris*⁹⁹. Como será demonstrado em batalhas futuras a cavalaria ligeira de Espártaco terá um papel determinante.

Os gauleses virão a ser fulcrais para o sucesso de Espártaco e eram muitas vezes armados na arena com equipamentos pesados¹⁰⁰. Espártaco e os seus homens poderão ter tentado roubar muito deste equipamento pesado quanto escaparam do ludo, poderia ser muito importante para combates futuros ter homens com este tipo de equipamento, uma vez que muitos seriam obrigados a usar um armamento muito ligeiro, sendo armados com um gládio, escudos pequenos e redondos e pouco mais¹⁰¹. As lanças e os punhais terão sido certamente muito importantes para o exército de Espártaco, principalmente no início da guerra.

Gladiadores como o *laquearius* e o *retiarius* não deviam ser muito úteis numa batalha contra os romanos, considerando que estes gladiadores eram aqueles que na arena usavam redes para apanhar os seus adversários e teriam, portanto, de alterar o seu estilo de luta de modo a serem eficazes em combate¹⁰². A arte do espetáculo teria de ser sacrificada quando se lutasse contra um inimigo organizado e determinado em exterminar a rebelião liderada por Espártaco¹⁰³.

Gladiadores como os *samnitas*, os *scutarii*, os *secutorii* e os *murmillones* poderão ter tido maior sucesso no campo de batalha do que aqueles anteriormente referidos, uma vez que eram treinados para usar gládios e escudos retangulares, muito parecidos com os escudos de legionários¹⁰⁴. É referido que, no início da revolta, Espártaco usava estas armas em combate de modo a mostrar o seu orgulho na sua origem, mas também porque foi treinado a usá-las. Não existe qualquer registo de *velites* a integrarem o exército de

⁹⁸ JUNKELMAAN, 2000, p. 63.

⁹⁹ Idem, p. 37.

¹⁰⁰ Idem, pp. 52-53.

¹⁰¹ Idem, pp. 48-51.

¹⁰² Idem, p. 63.

¹⁰³ STRAUSS, 2010.

¹⁰⁴ JUNKELMAAN, 2000, p. 48-51.

Espártaco. Aquelas eram unidades auxiliares do exército romano republicano e eram armados com um escudo pequeno e uma pequena lança para atirar aos inimigos¹⁰⁵.

Armas como tridentes ou arpões devem ter sido abandonados pela maior parte dos gladiadores na sua fuga do ludo uma vez que em batalha as armas mais comuns eram a espada, a lança e o escudo. No início da revolta deviam ser muito populares entre os escravos fugitivos armas como punhais – *pugio* -, por ser uma arma pequena com uma lâmina de ferro facilmente manuseada pelo seu utilizador. As espadas, no entanto, eram as mais procuradas, como sucedia com o gládio ou a *spatha* - uma espada um pouco mais comprida, com mais de 75 centímetros, muito usada pela cavalaria romana e pelos gladiadores que andavam a cavalo. Os escudos também devem ter sido muito procurados pelas forças de Espártaco, nomeadamente o *pugnum*, um pequeno escudo que era usado não só para autodefesa, mas também para empurrar e esmagar. Outras armas que podíamos encontrar no exército de Espártaco incluíam o *Venabulum*, uma lança reforçada com uma longa cabeça com uma ponta de ferro, usada principalmente na caça, e a *Lancea*, um dardo curto usado para arremessar¹⁰⁶¹⁰⁷¹⁰⁸.

2.2. O EXÉRCITO ROMANO

As legiões romanas, presentes durante o final da República e no início do Império Romano, que lutaram contra Espártaco são frequentemente chamadas as «legiões de Mário». Após a Batalha de Vercelas, em 101 a. C., Gaio Mário concedeu a todos os soldados itálicos a cidadania romana. Esta ação foi justificada ao Senado indicando que durante o caos da batalha era muito difícil distinguir o soldado romano do seu aliado. Isto eliminou a noção de legiões aliadas e doravante todas as legiões da península seriam consideradas legiões romanas, estando a plena cidadania romana acessível em todas as regiões da Península Itálica e sendo requisito para se ser legionário. O armamento da infantaria pesada seria substituído por um único padrão, baseado nos *principes*: os

¹⁰⁵ TRAVIS, 2004, pp. 59-68.

¹⁰⁶ Consultado a 17 de Julho de 2019- <https://www.warriorsandlegends.com/gladiators/gladiator-weapons/>

¹⁰⁷ https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_Roman_gladiator_types - consultado a 12 de setembro de 2019

¹⁰⁸ Para mais informações sobre o armamento do exército rebelde, recomendamos a obra de Nick Fields. “*Spartacus and The War 73-71 BC: A Gladiator Rebels Against Rome*, Oxford: Osprey Publishing, 2009”. Obras adicionais poderão ser encontradas na nossa Bibliografia.

legionários armados com dois dardos pesados (*pila*), um gládio, uma cota de malha, capacete e um escudo retangular.

O lugar das legiões aliadas acabaria por ser ocupado por contingentes de tropas auxiliares aliadas, chamadas *auxilia*. Os *auxilia* continham unidades especializadas, engenheiros, artilheiros e artesãos, pessoal de serviço e apoio, bem como unidades irregulares compostas de não-cidadãos, mercenários e milícias locais. Os homens que compunham estas forças auxiliares eram geralmente formados em unidades completas, como a cavalaria e infantaria ligeira. Também foi implantado nas legiões um esquadrão de reconhecimento, composto por dez soldados montados, chamados de *especulatores*, que também poderiam servir como mensageiros. Uma típica legião deste período tinha 5 120 legionários, assim como um grande número de seguidores de acampamento e escravos. As legiões poderiam conter até 11 000 combatentes, incluindo os auxiliares. As táticas não eram muito diferentes das do passado, mas a sua eficácia foi melhorada em grande parte devido ao treino profissional dos soldados¹⁰⁹.

A legião continha tropas que eram armadas e equipadas de forma diferente, com funções diferenciadas no campo de batalha. O contingente da cavalaria que seguia a legião adicionava versatilidade ao estilo de combate romano, apesar de estes cavaleiros serem providenciados por muitos dos aliados de Roma. Gilliver refere que o escritor Cíncio alimento produziu um texto, nos primórdios do Império Romano, no qual refere que uma legião era composta por 60 centúrias, 30 manípulos e 10 coortes. Esta é uma das referências mais antigas que temos à organização legionária e muitas vezes os historiadores associam essa organização às reformas militares feitas por Mário no século II a. C., quando uma coorte passou a ser um pilar tático de uma legião ao invés de ser mais um manípulo. Apesar dos pontos fundamentais deste tipo de legião serem bem conhecidos, existem certos detalhes que não são bem conhecidos ou compreendidos.

A legião tem 10 coortes, cada uma delas é subdividida em seis centúrias de 80 homens. Uma pequena unidade de cavalaria, com 120 homens, era retirada da infantaria, usada para patrulhar áreas e transportar mensagens. A força de uma legião destas correspondia a 4 800 homens. O desdobramento normal de uma legião destas costumava ser em *triplex acies* - uma linha tripla de batalha numa formação 4-3-3 - ou em *duplex acies* - uma linha dupla de batalha com duas linhas cada uma com 5 coortes. Todavia este sistema permitia que existisse uma flexibilidade considerável, o que fazia com que as

¹⁰⁹ GOLDSWORTHY, 2003, pp. 17-32.

coortes se pudessem movimentar rapidamente¹¹⁰. Gilliver menciona informação mais detalhada, com origem em Pseudo-Higino, relacionada com o tamanho e organização das forças auxiliares. Diz-nos que existiam três tipos diferentes de unidades: a infantaria, a cavalaria e uma coorte semi-montada que continha cavalaria e infantaria nas suas linhas; estas unidades eram muitas vezes divididas em conjuntos de 500 homens (*quingenary*) ou de 1 000 (*milliary*)¹¹¹.

Apesar de uma legião romana não ter tropas muito variadas e diferenciadas, Políbio e Lívio descrevem-na como sendo bastante flexível na maneira de formar uma linha de batalha. A sua organização permitia ter tropas na retaguarda da linha de batalha (*acies*) que poderia fortalecer zonas mais enfraquecidas ou flanquear o inimigo. Vegécio sugere que 10 coortes de uma legião formem duas linhas de 5 coortes (*duplex acies*). Tropas auxiliares eram eficazes em terreno instável e em retirar tropas inimigas de terrenos elevados. Os arqueiros davam aos exércitos romanos, por exemplo, um auxílio muito grande, sendo também muito móveis. Onassandro sugere que as tropas auxiliares sejam colocadas nas linhas da frente para serem as primeiras a assediarem o inimigo, e nos flancos para auxiliarem a infantaria. Atendendo a que estas tropas estariam muito vulneráveis se fossem apanhadas pela cavalaria ou pela infantaria inimiga (devido ao seu armamento ligeiro) era importante que fossem bem protegidas pelos legionários¹¹².

Os legionários que lutaram contra Espártaco estavam todos armados com pelo menos um *pilum* e um gládio. O *pilum* era um dardo de curto alcance com um alcance efetivo de cerca de 15 metros, mas também podia ser usado como lança em situações em que um inimigo tivesse de ser retido. O *pilum* costumava ser arremessado contra as formações inimigas logo antes da investida e essa chuva de dardos destinava-se a quebrar a força da carga inimiga; além de desmoralizar o inimigo infligia também baixas e dificultava o uso do escudo. No final da República o *pilum* continha uma cabeça de ferro piramidal no topo de uma haste de ferro com 60 a 90 centímetros de comprimento¹¹³. Assim que o *pilum* atingisse uma superfície dura o cano de ferro não endurecido dobrar-se-ia sob o peso do cano, o que impedia o inimigo de o atirar de volta¹¹⁴.

¹¹⁰ GILLIVER, 1999, pp. 21-22.

¹¹¹ Idem, p. 25.

¹¹² Idem, pp. 107-110.

¹¹³ FIELDS, 2002, p. 15.

¹¹⁴ GOLDSWORTHY, 2003, p. 132.

O peso do *pilum* tornaria o escudo inútil e a cabeça farpada dificultaria a retirada mesmo que o oponente não fosse atingido. O gládio continuava a ser a arma principal de um legionário, com a sua lâmina excepcionalmente longa e bordas duplas afiadas. A armadura de malha (*lorica hamata*) era o tipo padrão de proteção do corpo usado pelos legionários durante a Terceira Guerra Servil. Era geralmente composta por anéis de ferro com cerca de 1 milímetro de espessura e 7 milímetros de diâmetro. Embora pesada - poderia pesar entre 10 e 15 quilogramas - a blindagem era relativamente flexível e confortável, e oferecia uma boa proteção¹¹⁵.

Os capacetes mais usados por altura do final da República eram aqueles dos tipos *Montefortino* e *Coolus*. Ambos os tipos de capacete derivavam originalmente de desenhos gálicos que ofereciam proteção para o rosto e a cabeça sem obstruir a visão e a audição do soldado. O capacete *Montefortino*, o mais antigo dos dois tipos, estava em uso desde pelo menos o século III a. C. até que foi gradualmente substituído pelo capacete *Coolus*, que fez a sua entrada no início do século I a. C. O capacete *Coolus* apresentava protetores de bochecha e pescoço mais largos do que o tipo *Montefortino*, e tinha geralmente um pico de reforço na frente para proteger o seu utilizador¹¹⁶.



Capacete modelo Montfortino¹¹⁷.

¹¹⁵ Idem, pp. 126-128.

¹¹⁶ Idem, pp. 122-124.

¹¹⁷ FIELDS, 2009, p. 45.

Os legionários que combateram contra Espártaco carregavam provavelmente um escudo comprido e oval que curvava tanto no topo como nos lados. Consistia geralmente de duas ou três camadas de madeira, com uma lona e uma capa de couro¹¹⁸¹¹⁹.

O equipamento pessoal militar romano era produzido em grande número segundo padrões estabelecidos e era usado de uma forma determinada. Estes padrões eram chamados de *res militaris* (disciplina). A construção do equipamento era regular, o que levaria a República romana e o Império romano à excelência militar e à vitória. O equipamento romano (especialmente a armadura) dava ao soldado que a usava uma vantagem muito distinta sobre os seus inimigos¹²⁰. Isso não significa que todos os soldados romanos tivessem um equipamento superior aos nobres dos exércitos adversários. Os romanos usaram inicialmente armas baseadas nos modelos gregos e etruscos. Ao encontrar os celtas, os romanos basearam os seus novos equipamentos nas variedades bárbaras. Para derrotar os cartagineses, por exemplo, o exército romano contruiu uma frota inteira inspirada no modelo cartaginês. Depois de ser adotada a arma tornava-se padrão dentro do exército romano. Os padrões variaram ao longo dos séculos da história de Roma, mas o seu equipamento e uso nunca teve um propósito individual. Dentro do armamento romano encontramos diversas armas e equipamentos essenciais para o sucesso de Roma¹²¹.

O *pugio*, por exemplo, era um punhal usado pelos soldados romanos, muito utilizado como arma de curto alcance, sendo extremamente eficaz. Tinha geralmente uma lâmina grande, em forma de folha, com 18 a 28 centímetros de comprimento e 5 centímetros de largura. Uma nervura levantada corria o comprimento de cada lado, ou destacava-se por ranhuras em ambos os lados. O contorno do cabo do punhal manteve-se o mesmo durante toda a evolução desta arma¹²². Era feito com duas camadas de chifre, madeira ou osso, cada uma coberta por uma fina placa de metal. O cabo era muitas vezes

¹¹⁸ Idem, 2002, p. 16.

¹¹⁹ Disponível em- https://en.wikipedia.org/wiki/Roman_army_of_the_mid-Republic#Gladius Consultado a 12 de setembro de 2019

¹²⁰ ELTON, 1996, p. 110.

¹²¹ «O equipamento romano não era tão superior assim quando comparado com os equipamentos usados pelos maiores inimigos de Roma.» LUTTWAK, Edward. *The Grand Strategy of the Roman Empire* JHUP. 1979.

¹²² STEPHENSON, 2001, pp. 58-75.

decorado com prata incrustada e tinha 10 a 12 centímetros de comprimento; o aperto era bastante estreito, o que tornava o punhal mais seguro de empunhar¹²³.

Uma das armas mais importantes do equipamento romano é o gládio e foi com certeza fundamental para os sucessos do exército de Espártaco. *Gladius* é a palavra latina para «espada». Referimo-nos especificamente à espada curta, com 50 a 60 centímetros de comprimento, sendo usada por legionários romanos no século III a. C.

A *spatha* foi também determinante tanto para o exército romano como para o exército rebelde da Terceira Guerra Servil. Consistia numa espada embora mais curta. Era usada tanto por cavalaria romana como por infantaria mais ligeira. A *hasta* foi outro equipamento importante do exército romano, sendo que *hasta* em latim significa «lança». Estas lanças eram normalmente usadas pelos legionários romanos da República Romana, e aqueles que as carregavam costumavam ser chamados de *hastati*. No entanto, durante a época da República, os *hastati* seriam rearmados com o *pilum* e o *gladium* e apenas os *triarii* continuariam a usar as *hasta*¹²⁴. Uma *hasta* tinha cerca de 1,8 metros de comprimento e era geralmente feita de madeira, sendo a «cabeça» em ferro, embora as primeiras *hasta* republicanas tivessem as pontas feitas de bronze.

O *pilum* também foi uma arma fundamental, consistindo num dardo pesado usado pelas primeiras legiões, e terá sido certamente usado pelos homens de Espártaco. O *pilum* tinha geralmente menos de dois metros de comprimento, consistindo num pau de madeira com cerca de 7 milímetros de diâmetro e 60 centímetros de comprimento com uma cabeça em ferro em forma de pirâmide. Esta zona do *pilum* era muitas vezes aumentada e moldada num espigão achatado. Pesava geralmente entre dois a quatro quilos, embora fosse mais leve nos primórdios do exército romano. Estas armas eram muitas vezes projetadas de modo a penetrar escudos e armaduras, assim ferindo o inimigo. Se os dardos ficassem presos num escudo não poderiam ser removidos facilmente. A ponta do *pilum* dobrar-se-ia com o impacto, impedindo que o dardo fosse imediatamente reutilizado pelo inimigo. O eixo da arma também cairia no momento de impacto¹²⁵. Os dardos foram com certeza muito importantes na forma de guerrilha na época que está em estudo. Como foi referido, o *pilum* foi fundamental para o sucesso das legiões romanas, mas os *plumba* foram fundamentais não só para os romanos como também para os escravos fugidos que

¹²³ BISHOP & COULSTON, 2006, pp. 82-130.

¹²⁴ BISHOP & COULSTON, 2006, pp. 154-202.

¹²⁵ Idem, p. 157.

os combatiam na Terceira Guerra Servil. Os *plumba* não eram tão longos, nem tão usados como os *pila*, mas eram mais pequenos e mais fáceis de lançar contra o inimigo.

Outro equipamento fundamental para o sucesso de ambos os exércitos foi sem dúvida nenhuma o arco e flecha (*arcus e sagitta*). Os arcos eram na sua maioria feitos de madeira, havendo uma ligação ao tendão com cola de couro¹²⁶. Apesar de o arco e a flecha não serem comuns numa arena de gladiadores, o exército de Espártaco terá a certa altura da sua campanha sido obrigado a adaptar-se ao combate com arco e flecha, uma vez que os rebeldes não poderiam forjar espadas, escudos e armaduras com materiais encontrados em florestas, montanhas e outros terrenos naturais do Sul da península Itálica. Acresce que embora o combate dentro de uma arena seja bastante diferente do combate de guerrilha ou do combate aberto entre dois exércitos, o que levaria a pensar que o exército dos rebeldes não se daria bem com tal arma, o engenho aguçado pela necessidade de recorrerem ao arco e flecha – dados os recursos encontrados na Natureza – bem como o treino que foram obrigados a ter para se adaptarem, levaram a que a arma em causa tenha sido fulcral para as primeiras vitórias de Espártaco. Outro tipo de armamento que os rebeldes poderão ter utilizado era aquele encontrado nas vilas romanas, tal como foices ou martelos, equipamentos que poderiam ser usados no quotidiano, mas que quando empunhados por homens treinados na arte do combate poderiam ser ferramentas letais.

No que se refere às armaduras usadas durante a Terceira Guerra Servil, encontramos três tipos diferentes, que poderão ter sido usados pelas legiões romanas e pelo exército rebelde, a começar pela *lorica segmentata*¹²⁷. A *lorica segmentata* é conhecida principalmente por ser a couraça usada pelas legiões romanas no século II d. C. A armadura em si consistia em largas tiras de ferro presas a tiras de couro internas. As faixas eram dispostas horizontalmente sobre o corpo, sobrepondo-se para baixo, cercando o torso em duas metades, sendo fixadas na frente e nas costas por meio de ganchos de latão, que eram unidos por cordões de couro. A parte superior do corpo e dos ombros eram protegida por tiras adicionais («guardas dos ombros») e placas de peito e costas. A forma da armadura permitia que fosse armazenada de forma muito compacta, já que era possível separá-la em quatro seções. Esta couraça foi modificada várias vezes ao longo do tempo, sendo conhecidas três modificações: Kalkriese, Corbridge e Newstead¹²⁸.

¹²⁶ Idem, p. 159.

¹²⁷ GOLDSWORTHY, 2003, p. 205.

¹²⁸ Idem, p. 129.

A evidência mais antiga da *lorica segmentata* data do século IX a. C. (Dangstetten). A armadura era bastante comum durante o serviço militar romano no século II d. C. e existem duas opiniões sobre quem usou este tipo de couraça: uma é no sentido de que apenas legionários e pretorianos usavam a *lorica segmentata*. As forças auxiliares usavam a *lorica hamata* e a *lorica squamata*. A segunda opinião vai no sentido de que tanto os legionários como os soldados auxiliares usavam a *lorica segmentata* em combate, sendo esta versão confirmada por achados arqueológicos. A *lorica segmentata* oferecia maior proteção do que a *lorica hamata* pesando cerca de metade do peso desta, mas era também mais difícil de produzir e de reparar. As despesas associadas com a *lorica segmentata* podem explicar a reversão para o «ring-mail» após o século III d. C. Alternativamente, todas as formas de armadura podem ter caído em desuso já que a necessidade de infantaria pesada diminuiu em favor da velocidade das tropas montadas¹²⁹.

O outro tipo de couraça romana era a *lorica hamata*, usada durante a República romana e no Império, e que passou a ser uma couraça padrão dentro do exército romano e certamente que foi usada pelo exército de Espártaco. Era usada pelos legionários, ou seja, pela infantaria pesada, mas também pelas forças auxiliares, o que significa que Espártaco deve ter tido contacto com este tipo de armadura. Estas armaduras eram na sua maioria feitas de ferro, embora às vezes fossem de bronze. Os anéis estavam ligados uns aos outros, alternando entre anéis fechados e anéis mais rebitados, o que originava uma armadura muito flexível, confiável e forte. Cada anel tinha um diâmetro interno de 5 a 7 milímetros e um diâmetro externo de 7 a 9 milímetros. Acredita-se que, com uma boa manutenção, estas armaduras poderão ter sido usadas continuamente por várias décadas. A sua utilidade era tal que a posterior aparição da famosa *lorica segmentata* - que proporcionava maior proteção por um terço do peso - nunca levou ao desaparecimento da *lorica hamata*¹³⁰.

Outro tipo de armadura em uso era a *lorica squamata*, muito usada durante a República romana e em períodos posteriores. Esta couraça era feita de pequenas escamas de metal costuradas a um suporte de tecido. Era usada principalmente por porta-estandartes, músicos, centuriões, tropas de cavalaria e até infantaria auxiliar, mas também poderia ser usada por legionários regulares. As escamas individuais podiam ser em

¹²⁹ BISHOP & COULSTON, 2006, p. 208.

¹³⁰ Consultado a 12 de setembro de 2019 -

https://en.wikipedia.org/wiki/Roman_military_personal_equipment

estanho; o metal não era geralmente muito espesso e 0,5 milímetros a 0,8 milímetros era provavelmente um intervalo comum entre escamas. O tamanho da escama variava, de 6 milímetros de largura por 1,2 cm de altura até cerca de 5 centímetros de largura por 8 centímetros de altura, com o tamanho mais comum a ter 1,25 milímetros por 2,5 centímetros. Muitas armaduras tinham fundos arredondados, enquanto outras eram pontiagudas ou tinham fundos planos com os cantos cortados num ângulo. As escamas de uma camisa eram geralmente todas do mesmo tamanho, embora escamas de camisas diferentes variassem significativamente entre si. As escamas eram ligadas em linhas horizontais que eram amarradas ou costuradas ao suporte. Portanto, cada escama tinha de quatro a doze buracos: dois ou mais em cada lado, um ou dois na parte superior para fixação no suporte e, às vezes, um ou dois na parte inferior para fixar a escama, de forma a conseguir apoiá-la. É possível que a camisa pudesse ser aberta na parte de trás ou em baixo de forma a facilitar a colocação. Muito tem sido escrito sobre a suposta vulnerabilidade desta armadura, o que é provavelmente exagerado¹³¹.

Em relação ao equipamento «móvel» que os legionários poderiam utilizar para atacar os seus adversários ou para se poderem defender de ataques provenientes dos mesmos, grande parte do mesmo foi certamente adquirido pelas forças de Espártaco em atos de roubo ou retirando-o dos corpos dos romanos no campo de batalha. Desse equipamento móvel fazia parte, antes de mais, a *parma*, que era um escudo circular o qual, apesar de ser mais pequeno do que a maioria dos escudos, era considerado uma proteção efetiva bastante viável, devido ao uso de ferro na sua construção. Este escudo era muito usado pelas tropas ligeiras romanas (*velites*) durante os tempos da República romana¹³².

¹³¹ Consultado a 15 de Julho de 2019 - <http://www.larp.com/legioxx/squamata.html> .

¹³² Consultado a 15 de Julho de 2019

http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/secondary/SMIGRA*/Parma.html .

III

REVOLTA DE ESPÁRTACO

3.1. FUGA DO LUDO

A fuga do ludo de Baciato é um dos eventos mais interessantes da revolta de Espártaco, levantando questões sobre o planeamento feito pelos gladiadores, sobre a dimensão do conflito dentro da escola em que escravos e romanos acabaram mortos, sobre o destino do dono do ludo e o motivo pelo qual numa escola de duzentos gladiadores apenas cerca de setenta conseguiram escapar, questões sobre as quais se debruçam os historiadores quando confrontados com o tema. A maioria das fontes¹³³ está de acordo quando refere que o plano de fuga foi descoberto e que os gladiadores tiveram de ser obrigados a lutar com os guardas de modo a conseguirem fugir da escola de treino. Todavia, ignoramos se os gladiadores teriam sido executados por ordem do seu senhor aquando da descoberta da sua fuga. Considerando que gladiadores eram um bem extremamente valioso para um *lanista*, e por isso Baciato não teria tido qualquer desejo de se livrar dos seus bens sem ser recompensado, é provável que os guardas tenham sido obrigados a matar alguns dos gladiadores durante o motim. É nossa opinião que ninguém do lado romano sobreviveu à carnificina do ludo e que a partir do momento em que o plano dos gladiadores foi descoberto os mesmos não tiveram outra opção senão a de fugir.

*“Two hundred of them planned to escape, but their plan was betrayed and only seventy-eight, who realized this, managed to act in time and get away, armed with choppers and spits which they seized from some cookhouse. On the road they came across some wagons which were carrying arms for gladiators to another city, and they took these arms for their own use”.*¹³⁴

¹³³ STRAUSS, 2010, p. 34.

¹³⁴ PLUTARCO, 1992, p. 137.



Ludo romano – reconstituição¹³⁵.

Se de facto os gladiadores assassinaram toda a gente dentro do ludo, com exceção dos outros escravos, temos de nos interrogar sobre o modo como os revoltosos lograram arranjar armas para poderem combater os romanos. Alguns autores acreditam que alguns dos gladiadores conseguiram arranjar alguns utensílios da cozinha, como facas e cutelos, bem como outros materiais de reparação ou construção que poderiam servir para causar graves danos aos seus oponentes. Esta teoria é bem retratada no filme de Stanley Kubrick *Spartacus*. Outras fontes relatam que os gladiadores conseguiram assaltar o armazém das armas, provavelmente roubando a chave a um dos guardas, e que quando se armaram iniciaram um motim que só acabaria três anos depois às mãos de Marco Licínio Crasso.

O ódio alimentado pelos gladiadores contra aqueles que os escravizaram foi despoletado nesse dia da fuga do ludo e se de facto ninguém sobreviveu à revolta destes gladiadores teremos de presumir que Espártaco e os seus homens tudo fizeram para se vingar do seu mestre, Baciato, e dos guardas e treinadores que os maltratavam diariamente. Atendendo à circunstância de que muitos escravos foram mortos nessa revolta do ludo, é provável que os guardas estivessem prevenidos para uma possível revolta dos escravos e estariam portanto melhor equipados do que estes, nomeadamente em termos de armadura atendendo a que os gladiadores muito provavelmente estariam de tronco nu.

Duzentos homens decidiram seguir Espártaco, o que não é uma pequena conquista, porém a maioria deles não conseguiu escapar, uma vez que o plano foi revelado

¹³⁵ Fonte: <https://www.nationalgeographic.com/news/2014/2/140225-gladiator-school-discovered-roman-austria-archaeology-science/>

aos guardas¹³⁶, embora se desconheça a identidade de quem fez essa revelação. Ao tomar conhecimento do plano de fuga, Baciato ordenou que se fechassem os portões, que se prendessem os gladiadores mais perigosos e que se chamassem reforços o mais rapidamente possível. Alguns dos homens que acompanhavam Espártaco reagiram rapidamente às medidas tomadas pelo seu mestre e aperceberam-se de que teriam de lutar pela sua liberdade. As únicas armas existentes no ludo estavam fechadas à chave, por isso os gladiadores tiveram de improvisar. Dirigiram-se à cozinha e aí reuniram todo o tipo de ferramentas que poderia causar danos aos guardas da casa, sendo que instrumentos como cutelos eram os mais procurados. Os guardas estavam bem armados, como é prova o facto de dos duzentos rebeldes apenas setenta terem conseguido escapar¹³⁷.

Os setenta escravos fugidos parecem ter conseguido armar-se melhor quando intercetaram algumas carroças que transportavam equipamentos para os gladiadores numa das estradas romanas, não muito distante do ludo. Estas armas não seriam muito uteis para defrontar legiões romanas, mas eram uma melhoria significativa comparadas com os utensílios de cozinha. De acordo com uma das fontes mais antigas, Espártaco usava uma sica (arma tipicamente usada pelos trácios) nas batalhas. Os fugitivos eram agora livres, mas a liberdade por si só não era suficiente¹³⁸, estes escravos fugidos tinham um propósito mais forte, a vingança¹³⁹.

A hipótese de que procuravam vingança pode encontrar fundamento na sua escolha de movimentações, uma vez que se os rebeldes desejassem escapar da Península Itálica teriam certamente tomado a Via Ápia em direção ao Norte do território. Em vez disso, optaram por percorrer a Via Ânia (*Via Annia*) que os levaria até ao Sul da península, em direção à zona da Lucânia. Cães selvagens, lobos e bandidos eram ameaças comuns nas estradas romanas, mas gladiadores fugitivos eram uma novidade e certamente que muitos viajantes tentariam evitar zonas influenciadas por este grupo, não pretendendo arriscar as suas armas ou até as suas vidas perante os fugitivos. Os gladiadores iam percorrendo estradas pelas planícies da Campânia, assaltando tavernas e pequenas quintas de modo a poderem sobreviver, caçando animais selvagens e acampando ao relento, embora evitassem as estradas na medida do possível, já que o caminho seria certamente

¹³⁶ WEINBERG, 2015, p. 11.

¹³⁷ STRAUSS, 2010, p. 34.

¹³⁸ “Não satisfeitos com a sua fuga”: FLORO. 2.8.3.

¹³⁹ STRAUSS, 2010, p. 35.

mais longo mas também mais seguro. Poderemos presumir que já por esta altura da fuga os seguidores de Espártaco tentariam recrutar homens para a sua causa, embora no início tal tarefa não possa ter sido fácil. Os setenta fugitivos tinham o aspeto de bandidos e não de combatentes da liberdade, e muito poucos escravos aceitariam juntar-se a este grupo, pelo menos no início.

3.2. ESTABELECIMENTO NO MONTE VESÚVIO

Os gladiadores acabaram por estabelecer uma pequena comunidade, temporária, na zona do Vesúvio, zona essa muito fértil devido ao solo vulcânico; dado que era uma zona selvagem os escravos fugidos poderiam abastecer-se com aquilo que a Natureza lhe podia oferecer. Nesta zona existiam muitas quintas e vilas rústicas (casas de escravos trabalhadores do campo)¹⁴⁰.

Se Espártaco estava a planear deslocar-se para o Vesúvio desde a época em que estava aprisionado na casa de Baciato então o trácio mostrou desde muito cedo possuir considerável inteligência. Vesúvio fica a cerca de trinta e dois quilómetros de Cápua, para o Sul, e com uma marcha orientada para o seu destino o tempo de duração da viagem entre os dois locais seria de cerca de um dia. Ignoramos como poderia Espártaco saber que o Vesúvio era uma zona perfeita para o seu pequeno grupo, embora seja possível que alguns dos seus companheiros lhe tenham dado conselhos sobre o território em causa. O Vesúvio era uma excelente zona para abastecimento, mas era também uma excelente fortaleza natural, especialmente para os trácios que eram especialistas no combate em território montanhoso. O topo da montanha do Vesúvio oferecia uma excelente visão em todas as direções, pelo que quem quer que ocupasse essa posição conseguiria detetar uma aproximação inimiga. Esse vigia estaria protegido por uma neblina natural, mesmo num dia de Sol, o que impediria os romanos de o ver. Ao contrário de Cápua, com o seu clima quente e seco, o Vesúvio era uma zona bastante mais fria, o que obrigaria os rebeldes a usar roupas mais quentes e a fazer mais fogueiras¹⁴¹.

Pouco tempo depois do estabelecimento dos rebeldes no Vesúvio, uma força armada enviada por Cápua foi destacada para lidar com os escravos fugidos. Esta força policial, porém, não deveria ser extraordinária, uma vez que Cápua não tinha as condições para enviar um destacamento militar forte e sólido num tão curto espaço de tempo e era

¹⁴⁰ STRAUSS, 2010, p. 36.

¹⁴¹ Idem, p. 37.

composta por soldados romanos veteranos e alguns homens contratados por nobres da cidade. Esta força armada decerto não impressionou nem assustou os gladiadores, já que a escaramuça foi curta e os rebeldes venceram o destacamento romano sem grandes dificuldades, apoderando-se posteriormente das suas armas e armaduras¹⁴².

Os gladiadores estavam mais do que satisfeitos por poderem livrar-se das suas armas de gladiadores porque as consideravam barbáricas e desonrosas¹⁴³. Os rebeldes acrescentaram ao seu arsenal diversas lanças e couraças, ambas ausentes do armamento clássico do gladiador. A vitória sobre este pequeno contingente militar romano, apesar de pequena, teve a sua importância nesta revolta. Podemos especular que a notícia da vitória destes gladiadores sobre um «exército romano», tenha ajudado a que alguns escravos se juntassem às forças de Espártaco, e talvez esta revolta tivesse um objetivo que fosse superior ao desejo de viver. A maioria das fontes¹⁴⁴ está de acordo quando afirma que muitos escravos fugidos e certos homens livres dos campos se começaram a juntar a Espártaco¹⁴⁵, quando este estava sitiado no Vesúvio, e alguns milhares parece ser uma estimativa correta¹⁴⁶. Estes novos recrutas eram na sua maioria provenientes da Trácia, da Germânia e da Gália. Muitos deles trabalhavam provavelmente como pastores nas zonas circundantes do Vesúvio, o que ajudava a causa de Espártaco uma vez que para pastorear ovelhas e cabras pelas zonas montanhosas um pastor tinha de ser ágil, forte e possuir uma certa velocidade e resistência física, dado que não era um trabalho fácil.¹⁴⁷

Em relação aos homens livres que se juntaram a Espártaco, que vantagem teria o líder trácio em permitir que estes recrutas se juntassem à sua causa? Como «recrutas romanos» estes homens teriam provavelmente um conhecimento mais aprofundado sobre o terreno e sobre os meios de subsistência de pastores e agricultores em território romano¹⁴⁸.

Apesar de serem pobres os agricultores das províncias romanas eram homens livres e muitos deles tinham nascido na península Itálica; não teriam provavelmente qualquer compaixão para com os escravos, o que não impediu muitos deles de se juntarem

¹⁴² Idem, p. 38.

¹⁴³ “Desonráveis e barbáricas”; PLUTARCO. *Vita Crassi*. 9.1.

¹⁴⁴ STRAUSS, 2010, p. 38.

¹⁴⁵ “Muitos escravos fugidos e alguns homens livres”. APIANO. “*Civil Wars*”. 1.116.540.

¹⁴⁶ “10.000 fugitivos”: FLORO. “*Epitome*”. 2.8.3.

¹⁴⁷ STRAUSS, 2010, p. 38.

¹⁴⁸ Idem, p. 39.

a Espártaco, quer tal tenha sucedido por desespero ou pela procura de aventura, quer se devesse a um sentimento de injustiça e de ódio que estes agricultores tivessem para com as elites romanas. Muitos destes sentimentos de injustiça e ódio surgiram por volta de 133-131 a. C. quando muitas das famílias de agricultores foram afastadas das melhores terras pelos latifúndios e pelos ranchos. Foi um dos maiores escândalos da República romana o modo como a elite romana desrespeitou por completo, com a sua ganância, o povo romano mais pobre que ajudara a construir o Império. Muitos destes recrutas novos teriam todavia de se precaver, uma vez que seria bastante perigoso e arriscado sair das suas casas para se juntar a uma causa de revolucionários armados que acampavam na zona do Vesúvio. Teremos de assumir que muitos destes recrutas seriam certamente jovens, na sua maioria do sexo masculino. Se alguns agricultores se juntaram a Espártaco é possível que também algumas elites tenham ajudado a causa revolucionária. Alguns romanos ricos com uma política interna muito forte poderão não se ter juntado diretamente a Espártaco, mas as fraturas causadas pela Guerra Civil alguns anos antes poderão ter levado alguns destes nobres a não querer resistir ao exército escravo. Também o oportunismo poderá ter tido um papel neste cenário, na medida em que fazer negócios e acordos com uma massa humana do tamanho do exército de Espártaco poderá ter feito alguns comerciantes muito ricos com transações de comida, armas e roupa¹⁴⁹.

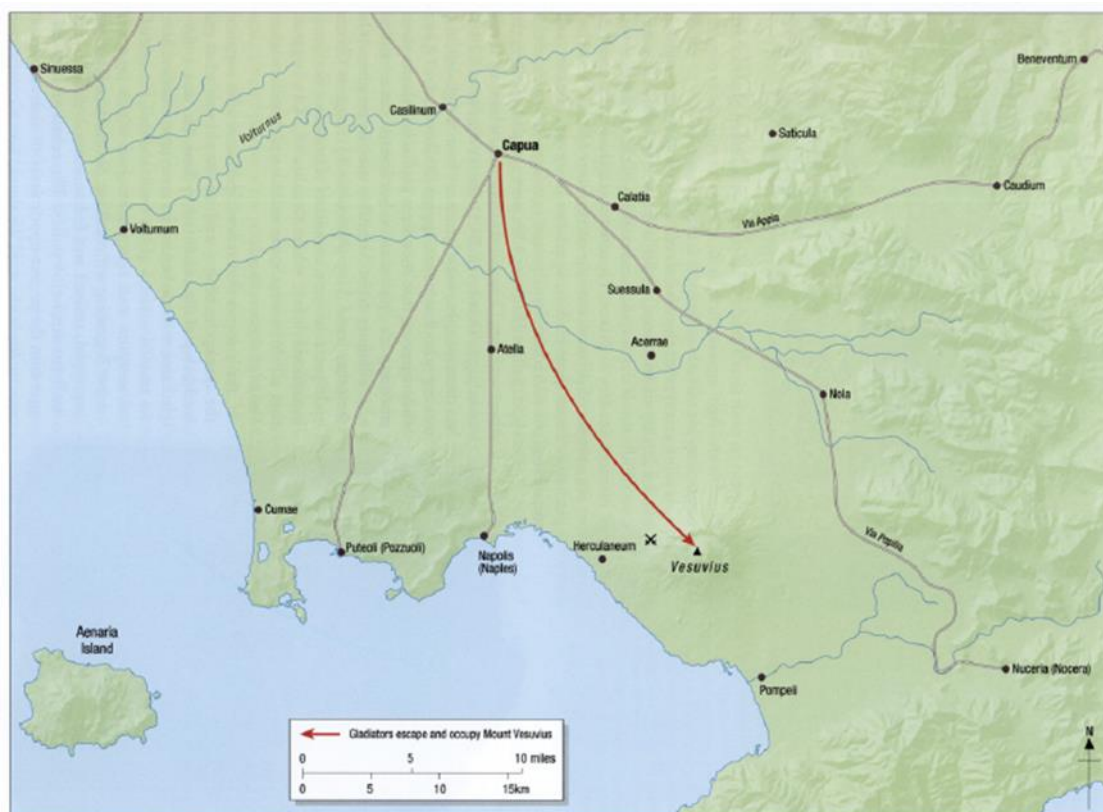
Um grupo, porém, não fazia parte dos recrutas de Espártaco, os habitantes das cidades, livres ou não. Os escravos urbanos eram privilegiados que tinham normalmente uma vida agradável, pelo menos comparada com a vida dos escravos rurais, sendo aliás algumas vezes mencionados como sendo preguiçosos. Estes escravos que não conheciam nenhuma vida para além da vida da cidade veriam estes escravos rurais como uma ameaça à sua vida, e provavelmente não sobreviveriam às deslocações a que seriam sujeitos se se juntassem ao exército escravo. Este facto é outra indicação de que a revolta de Espártaco permaneceria como uma «revolta rural». O que é certo é que no Vesúvio os números dos rebeldes aumentavam e com isso a sua «personalidade» mudava. As suas armas eram, tal como já referimos, feitas por eles, bem como os seus uniformes. O seu treino militar e experiência eram mínimos por volta desta altura apesar de treinarem diariamente. Nenhuma das fontes antigas nos dá qualquer indicação sobre o seu quotidiano ou sobre o seu treino militar, mas teremos de assumir que as suas virtudes militares eram medíocres quando comparadas com as dos homens armados de Espártaco no final da revolta. No

¹⁴⁹ Idem, p. 40.

início desta rebelião, os gladiadores, os agricultores, os escravos fugidos, trácios, itálicos, gauleses entre outros dedicavam-se principalmente a uma atividade: o crime¹⁵⁰.

3.3. ENVIO DOS PRETORES

Como a revolta de Espártaco começou por destruir muitas das zonas na Campânia, uma localização recheada de propriedades da elite romana, a revolta rapidamente chamou a atenção das autoridades romanas, que no início apenas viam esta pequena rebelião, como um grupo de foragidos criminosos que poderiam ser destruídos rapidamente. No entanto, no final do ano 73 a. C., Roma ordenou a um dos seus pretores Gaio Cláudio Glabro que acabasse com esta rebelião¹⁵¹. O pretor romano acabou por conseguir reunir uma força a rondar os 3 000 homens, não pertencentes a legiões. As forças de Glabro conseguiram encurralar as forças de Espártaco no Monte Vesúvio, bloqueando o único caminho conhecido para descer a montanha¹⁵².



¹⁵⁰ Idem, p. 41.

¹⁵¹ Idem, p. 53.

¹⁵² WEINBERG, 2015, p. 12.

Achamos importante referir que, os romanos consideravam esta revolta mais como um assunto de «polícia» do que como uma guerra¹⁵⁴. A República estava envolvida em diversas guerras quando a Revolta de Espártaco teve ao seu início. Na Península Ibérica Pompeio combatia o general renegado Sertório, tomando os seus quartéis um por um. Na Ásia Menor, Lúcio Licínio Lúculo comandava as forças romanas contra o rei Mitridates. Em Creta, Marco António envolvia-se em escaramuças com os piratas. Tendo em conta estas circunstâncias, e olhando para o facto de que no início da revolta estes gladiadores eram apenas uns criminosos em fuga - para além do mais, Cápua já tinha enfrentado uma revolta semelhante em 104 a. C. a qual foi rapidamente eliminada quando foram enviados cerca de 4 000 homens para a destruir, (4 000 homens de infantaria e 400 cavaleiros) comandados por um pretor - o senado decidiu lidar com Espártaco da mesma forma: enviar um pretor¹⁵⁵.

Os senadores escolheram Gaio Cláudio Glabro para lidar com Espártaco; aquele era um dos oito pretores eleitos para o mandato anual, e tinha certamente muitas ambições, uma vez que a posição de pretor era apenas a segunda mais baixa dentro da política romana, sendo a posição de cônsul o cargo mais elevado. Glabro comandava uma força um pouco mais pequena do que aquela que enfrentou os rebeldes em 104 a. C. Desta vez o pretor romano comandava 3 000 homens e não 4 400, também não levava qualquer cavalaria¹⁵⁶. A razão pela qual os romanos não foram tão cuidadosos com esta revolta prende-se com o facto de a revolta em 104 a. C. ter sido liderada por um romano que tinha servido o exército romano pouco tempo antes. Aparentemente Roma via esta revolta escrava apenas e só como um *tumultus*. *Tumultus* refere-se a uma revolta repentina com traços de violência bastante elevados e que requer uma resposta imediata. Era um caso sério, mas não tão sério como guerra organizada, ou *bellum*.

Para os Romanos, os gladiadores mereciam ser alimentados, treinados, apoiados, adorados, mereciam um enterro e uma cama para poder dormir, ocasionalmente até poderiam receber a sua liberdade, mas nunca seriam tratados como iguais. Sendo um escravo e um bárbaro trácio, Espártaco era desprezado pelos romanos, e sendo um ex-

¹⁵³ FIELDS, 2009, p. 29.

¹⁵⁴ APIANO, 1.116.541.

¹⁵⁵ STRAUSS, 2010, p. 45.

¹⁵⁶ APIANO, 1.116.542.

aliado o sentimento era ainda mais vincado. Do ponto de vista romano, o seu exército tinha oferecido a Espártaco uma hipótese de ser civilizado, dando-lhe o privilégio de se poder juntar às forças auxiliares. Depois por qualquer razão, Espártaco perdeu esse privilégio e foi condenado à escravatura. Mas na sua misericórdia, os romanos tinham dado a Espártaco mais uma oportunidade, concedendo-lhe o gládio. Tal como todos os outros atletas profissionais, Espártaco era temido pela mesma razão que era adorado: por ser perigoso. Do ponto de vista romano, os homens que seguiam Espártaco não eram soldados, mas sim escravos fugidos (*fugitivi*) daí o Senado não ter tido receio desta revolta quando ela se iniciou¹⁵⁷.

Dois outros motivos podem ter levado os romanos a não avançar com tanto ímpeto contra Espártaco: ambição e ganância. Como estavam perante um *tumultus* os romanos não providenciaram a Glabro tropas estacionadas no Campo de Marte (*Campus Martius*). Ao invés, ordenaram ao pretor que recrutasse as suas tropas ao longo do caminho que teria de percorrer até chegar ao Vesúvio. Sendo assim, as tropas não eram as mais preparadas para um combate contra rebeldes, porque essas estavam nas guerras em que Roma estava envolvida na época, fora da península Itálica. Glabro poderia ainda encontrar algumas tropas bem capazes e experientes, os veteranos do ex-general romano e um dos principais causadores da guerra civil romana, Sula. Mas seia muito difícil convencer estes soldados a alistarem-se num regimento militar liderado por um pretor recentemente nomeado, cujo objetivo seria lutar contra escravos fugidos, onde certamente não haveria grandes recompensas nem grandes louvores. Dito isto, podemos presumir que as tropas lideradas por Glabro não eram muito mais do que uma milícia organizada¹⁵⁸.

Chegados ao Vesúvio, Glabro e os seus homens montaram o seu acampamento no sopé da montanha. Apesar de esta ser uma decisão demasiado cuidadosa, não era uma decisão pouco inteligente, uma vez que o território beneficiava os defensores. Apenas um caminho dava acesso ao topo da montanha, e era demasiado árido e estreito para testar uma força militar recentemente reunida. Ao invés, Glabro optou por prender os rebeldes no Vesúvio e privá-los de comida¹⁵⁹. Para prevenir um ataque súbito de Espártaco, o pretor romano ordenou que se colocassem guardas no sopé da montanha para bloquearem o caminho dos rebeldes. Apesar de não ser um plano muito inovador, era um bom plano

¹⁵⁷ STRAUSS, 2010, p. 47.

¹⁵⁸ Idem, p.48.

¹⁵⁹ WEINBERG, 2015, p. 12.

desde que os romanos mantivessem os seus postos. Porém, com esta decisão, Glabro entregou a iniciativa a Espártaco e o líder trácio não desaproveitou a oportunidade. Espártaco decidiu atacar o acampamento romano e usou o seu engenho e experiência militar para desenvolver um plano de batalha¹⁶⁰.



A revolta dos escravos – reconstituição¹⁶¹.

Devido às mudanças naturais dramáticas que o Vesúvio sofreu ao longo das décadas, não conseguimos reconstruir uma topografia exata do vulcão. Nos dias de hoje o Vesúvio tem dois picos, uma cratera ativa chamada de «Grande Cone» e um segundo pique, «Monte Somma». É possível que por volta de 73 a. C. estes dois picos formassem apenas um, possuindo uma cratera dormente no topo, onde muitos historiadores supõem que Espártaco e os seus seguidores estavam acampados. As paredes do Vesúvio estariam cobertas por faias, árvores de alfarroba, líquenes e videiras silvestres. Os seguidores de Espártaco conseguiram usar as videiras e juntá-las de modo a fabricar cordas longas e robustas¹⁶².

¹⁶⁰ STRAUSS, 2010, p. 49.

¹⁶¹ Fonte: <https://weaponsandwarfare.com/2015/12/18/slave-revolts-ancient-rome/>

¹⁶² STRAUSS, 2010, p. 50.

Não sabemos a hora do dia a que a seguinte ação teve o seu começo, mas o anoitecer teria sido uma boa altura para os defensores tomarem a iniciativa. Os rebeldes largaram as cordas numa zona da montanha que não estava a ser vigiada pelos romanos¹⁶³, uma vez que o terreno aí era demasiado ardiloso e o solo era demasiado instável. Não devemos imaginar os seguidores de Espártaco a usar estas cordas fabricadas para fazer rapel, já que a encosta do Vesúvio é demasiado inclinada e as videiras não eram fortes o suficiente para aguentarem o peso de um ser humano. Todavia, os gladiadores podem ter usado as cordas como apoio enquanto desciam a montanha, um por um, todos à exceção de um homem, com a tarefa de entregar aos homens as armas para o combate que estava a chegar¹⁶⁴.

Podemos supor que o assalto de Espártaco ao acampamento romano teve o seu início às primeiras horas da noite. Como os trácios se especializavam em ataques noturnos, Espártaco queria usar isso a seu favor. As tropas romanas em campanha construía sempre uma base segura tanto para o ataque como para a defesa e todos os campos militares romanos tinham o mesmo padrão, normalmente formados em quadrado, divididos por filas paralelas com as tendas e zonas para os cavalos, com cada campo rodeado pelo seu fosso e paliçada. Sempre que uma marcha era completa era escolhido um local de acampamento. Com cerca de 3 000 homens e o acompanhamento de animais, o acampamento de Glabro ocuparia provavelmente dez hectares. Como os romanos se orgulhavam de tomar a iniciativa ofensiva contra o seu inimigo as defesas do acampamento costumavam ser bastante ligeiras; é claro que se o inimigo fosse mais perigoso estas defesas teriam de ser melhoradas, mas Glabro subestimou Espártaco¹⁶⁵. Tal como referimos anteriormente, os romanos não consideravam este problema da revolta de escravos como uma guerra, mas sim como uma insurreição de bandidos, daí não se ter tomado nenhuma medida de segurança adicional no Vesúvio.

Não é claro o que aconteceu nesta batalha do Vesúvio, mas o que sabemos é que os romanos tinham a superioridade numérica, mas as forças de Espártaco tiveram o elemento surpresa do seu lado. As fontes estão de acordo quer quando dizem que os romanos ficaram chocados quer quando referem que os homens de Espártaco, depois de lidarem com as sentinelas, caíram sobre os soldados romanos quando estes ainda estavam

¹⁶³ WEINBERG, 2015, p. 13.

¹⁶⁴ STRAUSS, 2010, p.51.

¹⁶⁵ “Os romanos foram ignorantes”. PLUTARCO. *Vita Crassi*. 9.1.

nas suas tendas¹⁶⁶. Os soldados romanos não tiveram tempo de se organizar, por isso se lutaram de facto terá sido algo parecido com um combate de guerrilha. Uma vez que os gladiadores eram mais fortes e mais ágeis em combate singular, estes ex-profissionais da arena conseguiam lidar com estas tropas romanas com relativa facilidade¹⁶⁷.

Os restantes romanos fugiram e as forças de Espártaco tomaram o acampamento de Glabro sem grande dificuldade, a que decerto se seguiu uma pilhagem, com os escravos fugidos a apoderarem-se de roupas, armamento, mantimentos e possivelmente cartas do Senado¹⁶⁸. Infelizmente não nos restam dados certos sobre as fatalidades desta escaramuça, mas alguns homens devem ter sido mortos ou feridos - grave ou ligeiramente - atendendo a que no decurso deste combate os romanos estavam em maioria. Os rebeldes retiraram as armas e as armaduras dos mortos; os soldados mais experientes sabiam que isto teria de ser feito antes que o *rigor mortis* se apoderasse do corpo, o que tornaria mais difícil retirar as roupas. Os gladiadores também sofreram certamente baixas, mas uma baixa importante poderá ter sido a de um dos líderes desta revolta, Enómao, que faleceu numa das primeiras batalhas da Terceira Guerra Servil¹⁶⁹.

Parte do sucesso de Espártaco deve-se à incompetência romana. Espártaco, Crixo e Enómao eram soldados inteligentes, e ao invés de atacarem o inimigo de frente optavam por explorar as fraquezas do adversário. Os líderes rebeldes eram capazes de criar planos engenhosos que maximizavam os seus poucos recursos e executavam-nos com uma excelente eficiência¹⁷⁰. Espártaco e talvez outros tinham vantagens no seu conhecimento do inimigo, e verdade seja dita que se de facto Espártaco combateu pelos romanos na força auxiliar foi ensinado rapidamente a lutar ao estilo romano, beneficiando da logística e do sistema de apoio providenciado por Roma. Espártaco deve ter aprendido durante esse tempo que as forças romanas eram extremamente organizadas e disciplinadas, portanto as forças lideradas por ele nunca subestimaram as legiões romanas. Os aspetos mais impressionantes sobre Espártaco e os seus homens eram sem dúvida nenhuma a sua coesão e a sua capacidade de liderança; embora os rebeldes fossem desconhecidos uns dos outros trabalhavam brilhantemente em conjunto.

¹⁶⁶ WEINBERG, 2015, p. 13.

¹⁶⁷ STRAUSS, 2010, p. 51.

¹⁶⁸ FIELDS, 2009, p. 53.

¹⁶⁹ BRADLEY, 1989, p. 96.

¹⁷⁰ STRAUSS, 2010, p. 53.

Os gladiadores tinham treino militar e talvez alguns dos seus seguidores tenham servido o exército romano, porém nem todos os escravos fugidos estavam preparados para um combate contra um poder tão forte como o romano. Apesar de terem a vontade ou a capacidade física adequadas muitos dos recrutas não tinham qualquer noção de combate ou de guerra, pelo que Espártaco e os seus homens mais próximos viram-se obrigados a treinar estes rapazes e homens. Mais difícil que o combate individual era o combate conjunto, pelo que Espártaco teria de ensinar os seus novos recrutas a lutar como um, em unidade, para o que era necessária uma grande capacidade de liderança para alcançar estes feitos¹⁷¹.

Glabro não volta a aparecer nas fontes ao passo que as mesmas indicam que Espártaco e os seus seguidores dominavam agora o Vesúvio, atraindo para a sua causa ainda mais escravos fugidos e quaisquer homens livres que desejassem juntar-se à revolta¹⁷². Os novos recrutas seriam armados com as armas dos homens de Glabro, pelo que nesta altura o bando de ex-gladiadores já não necessitava de fabricar armas a partir da Natureza dado que Roma tinha providenciado armamento para os rebeldes. Não sabemos exatamente quais eram as etnias predominantes destes novos recrutas, mas sabemos que os romanos confiavam aos Celtas capturados e às mulheres o papel de pastores e nesta zona do Vesúvio muitos dos recrutas eram pastores da área¹⁷³, sendo portanto possível que muitos jovens Celtas e algumas mulheres se tenham juntado ao acampamento dos escravos fugidos. O acampamento que era anteriormente uma base romana era agora ocupada por criminosos. Os tempos eram simpáticos para Espártaco e para os homens que o seguiam, e arranjar comida, água ou roupa não constituíam um problema. Porém, para poderem combater os romanos teriam de arranjar equipamento adequado, teriam que treinar arduamente e teriam de saber coexistir e comunicar juntos¹⁷⁴.

Entretanto as notícias da derrota de Glabro no Vesúvio chegaram aos ouvidos do Senado, pelo que Roma entregou a tarefa de exterminar a revolta de Espártaco ao pretor Públio Varínio¹⁷⁵, o qual, tal como o seu antecessor, foi recrutando tropas à medida que cavalgava em direção ao local onde se encontrava Espártaco. O Senado enviou ainda

¹⁷¹ Idem, pp. 53-54.

¹⁷² WEINBERG, 2015, p. 13.

¹⁷³ PLUTARCO.10.8.

¹⁷⁴ STRAUSS, 2010, p. 54.

¹⁷⁵ WEINBERG, 2015, p. 13.

outro pretor para servir de assistente a Varínio: Lúcio Cossínio. No Outono de 73 a.C. os fugitivos enfrentavam as tropas de Varínio indiretamente, através do seu legado Lúcio Fúrio, que comandava uma força a rondar os 2 000 homens. Apesar de não haver relatos sobre este conflito sabemos que as forças romanas foram trucidadas por Espártaco, muito provavelmente na zona da Campânia, o local onde todos os conflitos iniciais da Terceira Guerra Servil tiveram lugar. Tal como Glabro, Lúcio Fúrio deve ter sido surpreendido por uma emboscada dos homens de Espártaco, dado que estes ainda não tinham o treino nem o equipamento adequados para enfrentar as forças romanas numa batalha¹⁷⁶.

A derrota de Fúrio constituiu um mau presságio para Varínio e, para piorar a situação, o pretor Lúcio Cossínio também sofreu uma derrota às mãos de Espártaco, numa pequena vila ao pé de Pompeios; tal como sucedera antes dele com Lúcio Fúrio, Lúcio Cossínio sofreu humilhação, derrota e morte¹⁷⁷. Num espaço de poucos meses e por três vezes os romanos sofreram derrotas inequívocas às mãos de gladiadores e fugitivos. Para além do mais, Espártaco e os seus homens conseguiram capturar dois acampamentos romanos, um deles o de Públio Varínio. Infelizmente não existem relatos que descrevam estes acontecimentos, mas o resultado é claro: o moral romano sofreu um duro golpe¹⁷⁸.

Varínio decidiu enviar um relatório ao Senado, com dois objetivos: pedir reforços e tentar desviar as suas culpas em caso de insucesso militar. Porém, o pretor romano recusou-se a ficar parado sem poder agir, já que afinal ainda dispunha de um regimento militar com 4 000 homens, sendo que muitos deles tinham provavelmente servido noutras expedições enviadas contra Espártaco. Varínio liderou os seus homens e formou acampamento junto à posição inimiga, tendo ordenado que se fortificasse o acampamento com uma muralha e trincheira uma vez que os romanos não pretendiam cometer o erro que Glabro cometera¹⁷⁹.

Entretanto, Espártaco lidava com os seus próprios problemas: o número de seguidores rondava os 10 000, incluindo mulheres e crianças, mas o grupo era constituído maioritariamente por homens, tendo o líder rebelde de gerir mais pessoas do que armas e resolver o problema colocado pela falta de comida. Os rebeldes teriam de abandonar a sua posição, na medida em que já não era seguro procurar mantimentos e equipamento

¹⁷⁶ STRAUSS, 2010, p. 55.

¹⁷⁷ PLUTARCO. 9.7.

¹⁷⁸ FIELDS, 2009, p. 54.

¹⁷⁹ STRAUSS, 2010, p. 56.

com os romanos tão perto, pelo que a solução passou por outro estratagema inteligente: durante a noite, os fugitivos abandonaram o acampamento e, para enganar o inimigo, colocaram cadáveres à frente dos portões, vestiram-nos e armaram-nos de modo a criar uma ilusão de guarda, ao mesmo tempo que deixaram as fogueiras acesas¹⁸⁰. Este truque deu resultado, porque só à luz do dia é que Varínio se apercebeu de que algo suspeito se passava e reparou no silêncio, não existindo o barulho típico de um acampamento ocupado¹⁸¹. Varínio ordenou que uma pequena força de cavalaria se deslocasse a uma colina alta de modo a tentar ver o inimigo. Apesar de já estarem longe do acampamento romano Varínio manteve o seu acampamento com uma mentalidade de vigília enquanto reforçava as suas forças com novos recrutas provenientes da cidade de Cumas (*Cumae*). Desconhece-se se Varínio chegou a receber os reforços que pedira, mas conseguiu reforçar o moral das suas tropas com os novos recrutas de Cumas (*Cumae*) e a «fuga» de Espártaco pareceu revitalizar as tropas romanas. Após alguns dias as forças romanas levantaram o acampamento e foram atrás dos rebeldes, uma vez que os seus batedores tinham conseguido localizar o acampamento inimigo. Teriam de ser rápidos na sua marcha para apanharem os escravos fugidos de surpresa; como sabemos os rebeldes estavam em constante movimento, portanto os romanos teriam de atuar rapidamente¹⁸².

Não se sabe se os rebeldes se movimentavam em conjunto ou em forças separadas, mas sabemos que devastaram a área de Campânia num curto espaço de tempo. Depois as forças de Espártaco viraram as suas atenções para Nocerina Inferiore (*Nuceria*), uma pequena cidade situada no sudoeste do Vesúvio e em 73 a. C. os escravos dessa cidade traíram os seus mestres e juntaram-se à revolta dos escravos¹⁸³.

Desde o momento em que Espártaco abandonou Cápua com os seus setenta gladiadores, o número de seguidores foi crescendo sempre, crescendo rapidamente de cada vez que derrotavam os romanos. Porém, tal como sucedia com os romanos, Espártaco teve de enfrentar outonos e invernos desagradáveis, e o sucesso dos seus homens toldava-lhes, por vezes, o bom senso - veremos que seria este tipo de mentalidade que viria a dividir o exército e a pôr fim à Terceira Guerra Servil. Esta divisão já era perceptível contra Varínio, uma vez que Crixo desejava atacar os romanos com toda a força

¹⁸⁰ WEINBERG, 2015, p. 14.

¹⁸¹ FIELDS, 2009, p. 54.

¹⁸² STRAUSS, 2010, p. 57.

¹⁸³ Idem, p. 58.

enquanto Espártaco preferia evitar o combate. Esta diferença de tática teria repercussões mais graves no futuro¹⁸⁴.

Crixo pretendia intensificar a guerra na península Itálica, pilhar cidades e matar romanos, mas Espártaco não pensava assim; aliás, o líder trácio estava profundamente convencido de que os seus homens enfrentavam agora ainda mais perigo e que os seus movimentos seriam mais cedo ou mais tarde bloqueados pelos romanos e os ex-gladiadores e aqueles que os acompanhavam seriam dizimados a não ser que abandonassem território romano¹⁸⁵. Supomos que Espártaco pretendia deslocar o seu exército para Norte, para os Alpes, e atravessar as montanhas, após o que todas as pessoas que o seguiam poderiam ir para as suas terras, longe do alcance romano. Para muitos dos que seguiam Espártaco esse era um sonho impossível, mas não pareciam ter alternativa

Os Alpes não eram fáceis de ultrapassar, mas não eram intransponíveis, tal como Aníbal o provara anos antes quando invadira a península Itálica. Todavia, as legiões romanas eram o problema mais perigoso que Espártaco teria de enfrentar. Caso Espártaco conhecesse o exército romano tão bem como supomos, saberia certamente que, se não conseguia derrotar forças romanas de segunda categoria lideradas por Varínio numa batalha campal, então dificilmente as suas tropas poderiam enfrentar as legiões romanas que voltariam depois das suas campanhas no Este e na Península Ibérica¹⁸⁶. Espártaco saberia certamente que táticas de guerrilha não resultariam contra uma legião romana experiente em combate bárbaro, e os romanos nunca perderiam a vontade de combater Espártaco em território romano, pelo que mais tarde ou mais cedo os romanos acabariam por destruir o exército escravo e todos aqueles que o seguiam.

Embora Espártaco tivesse razão, os seus seguidores não partilhavam dos seus planos e apenas uma pequena percentagem dos seus seguidores pretendia fugir dos romanos¹⁸⁷. A maioria dos escravos fugidos tomou o lado de Crixo; muitos dos seguidores de Espártaco e Crixo eram jovens, filhos de escravos nascidos na península Itálica, e para eles não havia uma «casa»; a península Itálica era a sua casa e não tinham qualquer interesse em fugir para terras estrangeiras¹⁸⁸. Para além do mais, a lógica militar favorecia alguns dos pontos defendidos por Crixo: se os rebeldes continuassem a fugir mais tarde

¹⁸⁴ PLUTARCO. 9.7.

¹⁸⁵ APIANO. 1.117.

¹⁸⁶ STRAUSS, 2010, p. 59.

¹⁸⁷ SHAW, 2001, p. 133.

¹⁸⁸ PLUTARCO. 9.8.

ou mais tarde cedo seriam alcançados por Varínio, uma vez que tendo menos soldados atrás de si podia movimentar-se pela península mais rapidamente, mas tinha também maior organização. Não esqueçamos que a marcha foi um dos pilares do sucesso dos exércitos romanos, que tinham muito mais treino do que escravos fugitivos que albergavam mulheres, crianças e idosos. Acresce que seria muito difícil para o exército de Espártaco atravessar os Alpes no outono ou no inverno, e por isso os rebeldes estavam obrigados a enfrentar os romanos pelos menos até à primavera. Crixo acreditava ainda que as terras no sul da península Itálica eram muito mais ricas do que aquelas a norte e que os exércitos que lutavam na Hispânia e contra Mitridates não chegariam tão cedo a costas romanas. Seria, portanto, mais seguro para o exército rebelde enfrentar Varínio antes de prosseguir para norte, mas Espártaco continuava a ter razão no sentido de que os fugitivos teriam de acabar por abandonar a península Itálica. Porém, Espártaco optou por fazer conforme a vontade daqueles que o seguiam e manteve o seu exército unido¹⁸⁹.

As desavenças acabaram por se resolver e os rebeldes ficaram no Sul de Itália a preparar-se para o conflito inevitável com Varínio. Enquanto o pretor romano restabelecia o seu exército, também Espártaco tinha a tarefa difícil de aumentar o número de homens ao seu dispor e de os armar adequadamente de modo a terem uma hipótese de vitória contra um exército romano. Com esse objetivo, Espártaco teve de deslocar o seu exército mais para sul, onde se situavam as pastagens romanas, repletas de escravos¹⁹⁰.

Espártaco tinha noção de outro aspeto: a margem de erro. Os romanos podiam ter maus generais e ter exércitos derrotados, mas os rebeldes não se podiam dar ao luxo de cometer erros. Espártaco sabia que os seus homens tinham qualidade, mas que também tinham tido sorte em sobreviver, dado que a incompetência romana permitira aos rebeldes lutarem contra o inimigo em vez de lutarem entre si. Roma podia perder pretores, mas os rebeldes não podiam perder Espártaco¹⁹¹.

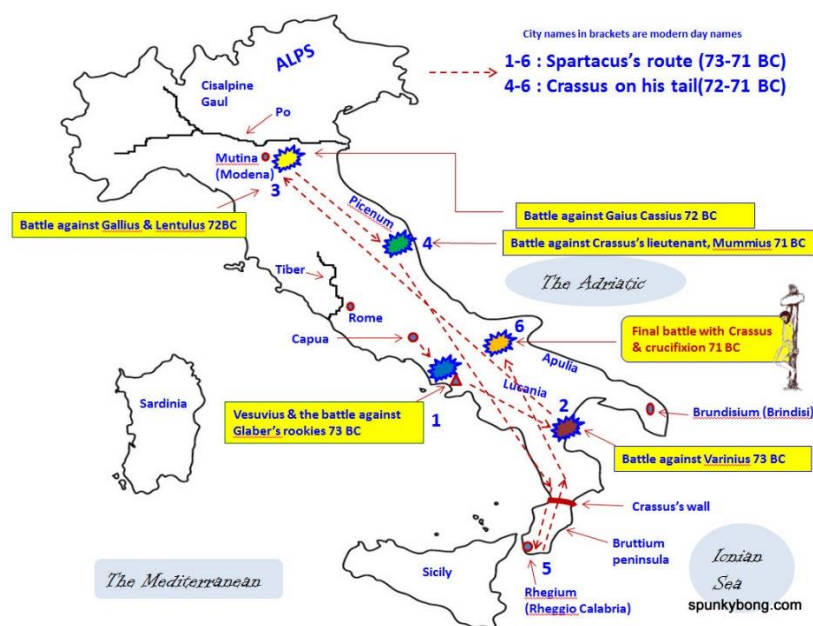
¹⁸⁹ STRAUSS, 2010, p. 59.

¹⁹⁰ Idem, p. 60.

¹⁹¹ Idem, p. 61.

IV

TERCEIRA GUERRA SERVIL



A Terceira Guerra Servil – movimentações táticas¹⁹².

4.1. SEPARAÇÃO NO «EXÉRCITO» REBELDE

No Outono de 73 a. C. Espártaco e Crixo concordaram em mover o seu exército para sul, tentando evitar Varínio, com o que evitavam também as estradas romanas, que poderiam estar a ser vigiadas pelos romanos, pelo que optaram por se descolar para as colinas. O seu trajeto era muito mais duro do que se seguissem pelas estradas, mas também era mais seguro, considerando que uma legião pesada romana nunca poderia seguir pelas florestas densas ou pelos trajetos mais áridos, mas um conjunto de infantaria leve rebelde conseguiria prosseguir. Contudo, os rebeldes não conheciam a zona e precisariam de guias que estivessem familiarizados com o território, pelo que foram certamente ajudados por escravos da zona mais a sul da Campânia na tarefa de guiar o seu exército por estes caminhos, bem como dando indicações sobre as melhores fontes de água e comida na área. Após abandonar a zona de Nocerina Inferiore (*Nucerina*), os rebeldes passaram pela pequena cidade de Avella (*Abella*)¹⁹³.

¹⁹²Fonte:

<https://www.facebook.com/ancientfigures/photos/pcb.556931817816206/556930544483000/?type=3&theater>

¹⁹³ “Espártaco apareceu sobre os agricultores em Abella”: SALÚSTIO, *Histories*. 3.97.

Espártaco e os seus homens avançavam agora para as Montanhas *Picentini*. Presumindo que o exército rebelde se deslocava pelos campos, podemos assumir que passaram pelas colinas de Irpinia (*Hirpinia*), avançando sempre para Sul ou para Este. Não era um trajeto fácil, nem um trajeto rico. As planícies férteis da Via Ânia (*Via Annia*) eram visíveis para o exército de Espártaco, mas estavam tomadas por Roma, portanto seria difícil para os escravos fugidos comerem neste trajeto. Após abandonarem as Montanhas *Picentini* os rebeldes descolaram-se para o rio Sílaro e após atravessar este rio Espártaco encontrava-se já na Lucânia e não na Campânia. Ao passarem as colinas da zona teve início uma nova etapa da sua revolta. Os rebeldes estariam agora bem dentro da zona da Lucânia, uma zona recheada de planícies e colinas verdes, certamente uma área não tão dura como o Vesúvio, dado que era uma área com bosques, pastos e muitos escravos, uma zona perfeita para Espártaco expandir a sua revolta. Porém, Espártaco, Crixo e os seus homens teriam de se preparar para enfrentar os romanos novamente¹⁹⁴. Ganharam um pouco de tempo quando ao passar pela vila de *Nares Lucanae* optaram por viajar durante a noite pelo Sul e não pelo Este, e os romanos não faziam ideia de onde os escravos fugidos se encontrariam, só se devendo ter apercebido quando as forças de Espártaco se apoderaram da pequena cidade de *Forum Anni*. É provável que a população fosse maioritariamente romana, a que acresciam os escravos¹⁹⁵.

Numa manhã do outono de 73 a. C. o caos abateu-se sobre esta pequena cidade e contra as ordens de Espártaco as violações e a carnificina espalharam-se rapidamente por *Forum Anni*¹⁹⁶. Alguns dos rebeldes queimaram casas, colocando tochas nos telhados; a pilhagem e a loucura espalharam-se por toda a cidade uma vez que as defesas romanas eram mínimas. Espártaco opunha-se a estas atrocidades, por uma questão de moralidade ou de cálculo, já que se os seus seguidores fossem mais controlados talvez mais gente se tivesse juntado à sua causa. Os rebeldes aceitaram de bom grado os escravos da cidade que se queriam juntar às suas fileiras. As nossas fontes indicam-nos que os rebeldes ficaram estacionados na cidade durante pelo menos dois dias. Tal como já foi referido, e apesar de *Forum Anni* não ser uma grande cidade, Espártaco aumentou os seus números para o dobro, sendo que a maior parte destes recrutas deve ter pertencido à pastorícia. De manhã, os fugitivos levantaram o seu acampamento e teriam agora pela frente o outono e

¹⁹⁴ FIELDS, 2009, p. 54.

¹⁹⁵ STRAUSS, 2010, pp. 63-64.

¹⁹⁶ “Um massacre terrível”: Floro, *Epitome*.2.8.5.

o inverno, que seriam tempos difíceis para Espártaco e para os seus seguidores, uma vez que os seus mantimentos começavam a ser escassos para o número de pessoas que seguiam juntas. Todavia, com as reservas da cidade e as colheitas à volta da mesma o exército escravo conseguiria aguentar durante mais algum tempo. O exército de Espártaco enganou de novo os romanos com as suas movimentações, aterrorizou mais uma vez a nobreza romana com a sua brutalidade, aumentou o seu número de combatentes e conseguiu restabelecer as suas reservas de mantimentos, e apesar disso a vitória estava longe de ser alcançada. Pelo contrário, os rebeldes começaram nesta altura a abrir a porta à sua própria destruição¹⁹⁷.

Tal como todas as atividades militares, a pilhagem e a forragem necessitam de disciplina; estes dois aspetos em excesso causam quebra na disciplina. Os romanos acreditavam que um soldado que desobedecesse a uma ordem de pilhagem também desobedeceria a uma ordem de combate. Espártaco sabia que os seus homens tinham acabado de abrir um precedente no modo como tinham procedido à pilhagem. Espártaco entendia que as guerras não se ganhavam desse modo e que precisaria de disciplina e organização dado que os romanos iriam contra-atacar. Depois do seu sucesso em *Campus Atinas*, os rebeldes foram obrigados mais uma vez a mudar de posição, de modo a evitar os romanos e a encontrar novos meios de se abastecer. Os novos recrutas não teriam, por exemplo, acesso a armas romanas, as quais teriam que ser fabricadas a partir da Natureza, tal como Espártaco tinha sido obrigado a fazer em Cápuia, e também teriam de treinar e aprender tudo sobre guerra enquanto caminhavam. Ao chegarem ao mar Jónico os rebeldes lidaram com tropas romanas lideradas pelo pretor Varínio¹⁹⁸ embora não saibamos como nem onde, uma vez que após a saída de *Campus Atinas* os relatos sobre as movimentações do exército de Espártaco não são explícitos. Sabemos apenas que após a pilhagem da cidade de *Forum Anni* o exército continuou a deslocar-se para Sul, uma vez que a zona Sul da Lucânia era rica em pastagens, campos agrícolas, vinhas e bosques, com largos números de cabeça de gado e animais selvagens que poderiam ser caçados pelos escravos fugitivos. Relatos modernos são da opinião de que Espártaco passou muito tempo na Lucânia com os seus seguidores¹⁹⁹.

¹⁹⁷ STRAUSS, 2010, pp. 65-66.

¹⁹⁸ SHAW, 2001, p. 133.

¹⁹⁹ STRAUSS, 2010, pp. 67-68.

Os detalhes da luta contra as forças de Varínio não são conhecidos, mas podemos presumir que Espártaco evitou um combate direto com os romanos, preferindo agir em manobras de guerrilha, emboscadas, armadilhas e em raids noturnos e diurnos. Espártaco sabia que um combate aberto com os romanos era muito difícil, porque apesar de os seus números serem superiores, o seu equipamento e organização eram substancialmente inferiores. Com estas táticas guerrilheiras, Espártaco conseguiu derrotar Varínio e os seus homens, apoderando-se dos seus cavalos, armas, armaduras e estandartes²⁰⁰. Após mais uma vitória sobre um regimento militar enviado pelo Senado, Espártaco tornava-se numa ameaça cada vez mais maior²⁰¹.

Após a vitória de Espártaco sobre Varínio ainda mais escravos fugidos se juntaram à sua causa. De acordo com uma fonte, o exército rebelde recebeu uma massa imensa de seguidores num curto espaço de tempo²⁰². É difícil de saber quais foram os números exatos, mas as fontes antigas apontam para números que se situarão entre os 40 000 e os 120 000 insurgentes. Parece-nos que 120 000 será um número exagerado, visando apenas indicar que Espártaco acolheu nas suas fileiras um número enorme de homens, sendo que também não conseguimos saber quantos destes novos recrutas seriam homens, mulheres ou crianças. É mais seguro seguir o valor mais reduzido, do qual resultaria ainda assim que na primavera de 72 a. C. Espártaco e Crixo tinham 40 000 novos seguidores, o que para o período em questão eram números bastante significativos, dado que indicaria tratar-se de um exército com mais homens do que aqueles que Aníbal tinha ao seu dispor quando passou os Alpes, e eram os mesmos números que César tinha quando conquistou a Gália, após a vitória em Alésia²⁰³.

²⁰⁰ Idem, pp. 60-70.

²⁰¹ “Espártaco tornou-se grande e assustador”. Plutarco, *Vita Crassi*. 9.7.

²⁰² APIANO. 1.117.

²⁰³ STRAUSS, 2010, pp. 70-71.



Movimentos de Espártaco e de Crixo durante a primavera de 72 a. C.²⁰⁴

São desconhecidos os eventos que se seguiram à derrota de Varínio, mas os rebeldes podem ser encontrados nesta altura nas costas de Lucânia, ou seja, os homens que começaram a sua revolta nas zonas quentes e áridas de Cápua encontravam-se agora numa zona climática mais amena, mais costeira, no Golfo de Tarento (*Tarentum*). Esta era uma zona extremamente conveniente para Espártaco e para os homens que o seguiam; longe de Roma, a costa servia como uma excelente base para os fugitivos²⁰⁵. Tinha um clima bastante agradável e era uma zona onde o exército se poderia abastecer com relativa facilidade, tendo em conta as pequenas vilas e cidades que circundavam o seu acampamento. Os portos poderiam atrair piratas e mercadores, e não muito longe da sua base existiam diversas florestas densas e colinas que poderiam ser úteis em caso de retirada, pelo que em suma era um ótimo local para formar um exército²⁰⁶.

Os rebeldes, porém, teriam de se apoderar por completo destas regalias que certamente não seriam oferecidas pelos romanos, pelo que os rebeldes teriam de fazer o

²⁰⁴ FIELDS, 2009, p. 36.

²⁰⁵ “Os escravos, os desertores e a ralé”. APIANO. 1.117.547.

²⁰⁶ FIELDS, 2009, p. 54.

mesmo que tinham feito em *Campus Atinas*. Um dos locais mais desejados por Espártaco era a cidade de Metaponto (*Metapontum*). A arqueologia poderá ajudar-nos neste aspeto, uma vez que um armazém foi destruído neste período nesta cidade. Não deve ter sido muito difícil para o exército de Espártaco passar pelas defesas da cidade, dado que uma paliçada de madeira era o principal foco defensivo da cidade considerando que em 73 a. C. Metaponto (*Metanpotum*) não era uma grande cidade, mas sim uma grande vila, o que levou a que Espártaco não tivesse grandes dificuldades em tomá-la²⁰⁷.

Espártaco e Crixo tinham até agora feito estragos em diversas cidades, mas ainda não tinham capturado ou ocupado nenhum espaço urbano. Isso mudou em Thurri (*Thurium*), quando os rebeldes finalmente conquistaram esta cidade, a qual era amuralhada apesar de não ser uma grande cidade. Embora não possuíssem equipamentos de cerco, os insurgentes foram capazes de tomar esta cidade, não sendo claro se foram capazes de ter a paciência e a disciplina para cercar a cidade durante meses. Segundo uma das nossas fontes, os escravos da cidade abriram os portões por dentro e deixaram o exército de Espártaco entrar na cidade e tomá-la. Deve ter sido por volta desta altura que os seguidores de Espártaco conseguiram atacar a cidade de Cosenza (*Cosentia*), que era uma pequena cidade que ficava a alguns quilómetros de Thurri (*Thurrium*)²⁰⁸.

Thurri (*Thurrium*) tinha a particularidade de ficar situada numa zona com muitas pastagens e quintas, um ótimo lugar para Espártaco conseguir restabelecer o seu exército com mantimentos e homens. De Metaponto (*Metanpotum*) a Thurri (*Thurrium*), os rebeldes traziam o caos e a destruição para alguns e a liberdade para outros, ao mesmo tempo que estavam a construir um exército²⁰⁹. Em Thurri (*Thurrium*) poderiam finalmente instalar-se e treinar, já que nas necessidades urgentes se incluía arranjar armas e adquirirem disciplina. Espártaco teve de se impor, e não permitiu aos seus seguidores comprar ouro ou prata, mas apenas armas de bronze e ferro, e neste aspeto Crixo apoiou Espártaco. Outra das medidas adotadas foi a de reutilizar as correntes que prendiam os escravos para se criarem armas. Porém, as armas não faziam o exército, este era feito pelos homens e os mesmos necessitavam de treino militar se queriam ter uma hipótese de sobreviver em combate contra um exército romano. É verdade que os recrutas

²⁰⁷ STRAUSS, 2010, pp. 70-71.

²⁰⁸ FIELDS, 2009, p. 54.

²⁰⁹ JOSHUA. Mark. *The Spartacus Revolt. Ancient History Encyclopedia*- Consultado a 4 de março de 2019. <https://www.ancient.eu/article/871/the-spartacus-revolt/>.

do inverno de 73 a. C. eram agora veteranos, mas muitas pessoas se tinham juntado ao exército e essas necessitavam de ser ensinadas; é possível que os treinadores desses novatos fossem os antigos gladiadores e os veteranos do exército romano, ou mesmo de outro exército²¹⁰.

Espártaco sabia que para gerir um exército era necessária uma estrutura que gerisse os diversos setores desse mesmo exército. Ele deve ter escolhido pessoalmente aqueles que julgava serem os melhores para cada posição, e quem tivesse experiência militar certamente teria a atenção do líder trácio. Apesar de Espártaco odiar Roma, copiava o seu sistema, modelando o seu exército como as legiões romanas, pelo menos nalguns aspetos²¹¹.

No início da campanha romana, em 72 a. C., os romanos souberam que o exército escravo se separara em dois grupos, um liderado por Espártaco e o outro liderado por Crixo, e ambos estavam em movimento. O grupo de Crixo continuava no Sul de Itália, embora não em Thurri (*Thurrium*), dirigia-se para a região agrícola de *Apulia*, enquanto as forças de Espártaco se deslocavam para Norte²¹². Não sabemos, tal como os romanos, o que se passou para que esta separação tenha ocorrido. Pode ter-se tratado de mais uma divergência estratégica que resultou numa rutura total do exército (temos de ter presente que este exército tinha muitas divergências étnicas, ambições diferentes e conflitos diários, pelo que não é anormal que esta separação tenha ocorrido)²¹³. Esta separação pode fazer sentido de um ponto de vista tático, uma vez que o exército (40 000 mil homens mais um número desconhecido de mulheres e crianças) precisava de comida, e ter dois grupos a procurá-la poderia ser mais vantajoso do que ter uma massa humana a varrer um só território²¹⁴.

²¹⁰ STRAUSS, 2010, pp. 75-76.

²¹¹ Idem, p. 76.

²¹² SHAW, 2001, p. 133.

²¹³ FIELDS, 2009, p. 54.

²¹⁴ JOSHUA. Mark. *The Spartacus Revolt. Ancient History Encyclopedia*- Consultado a 4 de março de 2019. <https://www.ancient.eu/article/871/the-spartacus-revolt/>.



Movimentações de Espártaco em 72 a. C.²¹⁵

Espártaco comandava o maior grupo, com cerca de 30 000 homens acompanhados por aqueles que não combatiam, enquanto Crixo comandaria um grupo com cerca de 10 000 homens. Esta conclusão constitui especulação, mas baseia-se em eventos históricos: as regiões que Floro indica que foram atacadas pelos escravos incluem Thurii (*Thurrium*) e Metaponto (*Metapontum*), que estão geograficamente distantes de Nola (*Nuvlana*) e Nuceria Inferiore (*Nuceria*), o que indica a existência de dois grupos²¹⁶.

Espártaco sabia que teria de sair do Sul da península, uma vez que se avançasse mais para sul ver-se-ia encurralado com o mar de um lado e os romanos do outro, e os romanos iriam forçar uma batalha. Por esse motivo levou as suas forças para Norte, talvez nesta ocasião para atravessar os Alpes de vez, e os romanos apenas conseguiriam perseguir os escravos fugitivos. Podemos especular que Espártaco não revelou os seus planos àqueles que o seguiam, tentando convencê-los de que a Norte também haveria muitas zonas onde poderiam pilhar e só quando estivesse perto das montanhas alpinas, aí sim tentaria convencer os seus seguidores a sair da Península.

²¹⁵ FIELDS, 2009, p. 49.

²¹⁶ Idem, p. 55.

Um paradoxo interessante estava presente nesta revolta de Espártaco, atendendo a que os seus homens tinham acabado de abandonar as correntes que os prendiam e eram de uma natureza selvagem e livre, portanto muito difícil de serem controlados. Muitos deles não falavam a mesma língua e nem todos sabiam falar latim, que era a língua do seu inimigo. Com mulheres, crianças e idosos a segui-los, o exército de Espártaco não era um verdadeiro exército, antes se assemelhava mais a uma grande caravana humana, sempre em movimento. A maior parte dos homens provavelmente preocupava-se mais com a sua família do que com os seus companheiros de batalha, chegando possivelmente a ignorar os comandos de Espártaco. A liberdade formou o seu exército e a liberdade poderia destruir o seu exército. Para além dos problemas com que se debatia, os romanos aproximavam-se cada vez mais do exército de Espártaco e não se tinham esquecido certamente das feridas infligidas, pelo que se Espártaco quisesse sobreviver juntamente com todas as pessoas que o seguiam teria de saber montar um sistema militar organizado e disciplinado o mais rapidamente possível²¹⁷.

Tanto Espártaco como Crixo desejariam certamente as vitórias um do outro, de modo a manter os romanos ocupados o maior tempo possível. Espártaco saberia certamente que a sua jornada seria longa e difícil e que caso algo corresse mal teria de ter a possibilidade de voltar para o Sul de Itália e juntar-se de novo a Crixo, enquanto este não teria qualquer interesse em que Espártaco abandonasse a Península, uma vez que caso tal sucedesse os romanos voltariam as suas atenções para as forças rebeldes ainda presentes na Península Itálica, pelo que provavelmente Crixo encorajou Espártaco a reunir seguidores no centro e no Norte de Itália. É possível que os líderes dos dois grupos mantivessem o contacto entre si através de mensageiros²¹⁸. Roma estava confusa, mas sabia que seria muito mais fácil derrotar duas forças separadas ao invés de derrotar um exército maior e mais sólido, daí ter ordenado mais uma expedição militar para lidar com os revoltosos, entregando o cargo a dois cônsules, Lúcio Gélio e Gneu Cornélio Lêntulo Clodiano²¹⁹.

A tarefa de Lêntulo consistia em lidar diretamente com as forças de Espártaco, enquanto Gélio iria atacar Crixo primeiro, e depois de lidar com o exército do líder gaulês juntar-se-ia a Lêntulo para juntamente acabarem com a revolta. Lêntulo tinha, como é

²¹⁷ STRAUSS, 2010, pp. 77-78.

²¹⁸ Idem, p. 83.

²¹⁹ SHAW, 2001, p. 133.

óbvio, a tarefa mais difícil, na medida em que Espártaco era um estratega muito mais hábil do que Crixo e tinha o maior exército dos dois grupos rebeldes. Por esse motivo Lêntulo evitou entrar em combate com Espártaco, e decidiu antes persegui-lo pela península enquanto esperava pelos reforços trazidos por Lúcio Gélcio.

Este acabaria por chegar trazendo boas notícias, dado que os romanos tinham alcançado a sua primeira vitória na Terceira Guerra Servil: Gélcio esmagara o exército de Crixo, na zona de *Apulia* junto ao Monte Gargano. Esta zona teria certamente muitas fortificações naturais e muitos escravos para recrutar e em caso de retirada poderiam contratar piratas num porto de modo a fugir de Roma, mas Crixo não aproveitou estas condições e o seu exército foi destruído²²⁰. Os Romanos apanharam os rebeldes de surpresa, não sabemos se numa quinta que estivesse a ser pilhada, ou se nos prados da zona.



Monte Gargano²²¹.

Não existem relatos sobre esta batalha, mas na ausência de criatividade por parte de Gélcio e Ario é seguro presumir que dispuseram as suas tropas normalmente, seguindo o padrão romano. Cada legião era disposta no campo com três linhas com quatro coortes,

²²⁰ FIELDS, 2009, p. 55.

²²¹ Idem, p. 63.

cada uma com cerca de 1 920 homens na linha da frente, nas duas linhas da retaguarda eram dispostas três coortes, cada uma com cerca de 1 440 homens. Dado terem sido apanhados de surpresa, os rebeldes não devem ter tido tempo de formar e estariam certamente muito desorganizados.

O núcleo do exército romano era constituído pela infantaria pesada, o legionário, bem equipado com um gládio, um escudo oblongo (*scutum*), um capacete de bronze ou ferro e armado com uma couraça. Os rebeldes também possuíam algum deste equipamento devido às suas vitórias frente aos romanos no passado, porém muito do seu equipamento continuava a ser bastante primitivo. A infantaria ligeira romana começava por lançar chuvas de setas sobre o inimigo, e os rebeldes após absorverem estes ataques devem ter avançado, numa correria frenética quase bárbara contra o inimigo, mas a organização das fileiras romanas conseguiria facilmente controlar este ataque, contratacando facilmente com uma chuva de *pila*²²². A descrição da batalha só poderá estar presente na nossa imaginação, mas como muitas batalhas da época, deve ter-se concluído após muitos combates individuais, um caos completo com muita desordem até que finalmente um lado prevaleceu. Uma batalha romana tinha a duração média de duas a três horas, os combates individuais tinham a duração de dez a quinze minutos até a exaustão chegar. O único detalhe que temos da batalha é que os rebeldes lutaram com coragem e uma vontade férrea²²³.

Os guerreiros gauleses e celtas eram conhecidos pela sua ferocidade e tenacidade em batalha, e como estas duas etnias eram as prevaletentes no exército de Crixo, os romanos tiveram certamente algumas dificuldades em enfrentar estas forças rebeldes. Todavia, o exército de Crixo foi destruído e dois terços dos homens foram mortos, incluindo Crixo²²⁴. Tratou-se da primeira derrota dos rebeldes após uma série de vitórias, e como é que se explica esta mudança? Não se explica certamente pela proeza militar de Gélío, como mais tarde se irá provar, uma vez que o exército romano que derrotou Crixo será mais tarde destruído por Espártaco, pelo que a causa da derrota tem de ser apontada a Crixo, que era semelhante a Espártaco na sua coragem mas não em proeza militar nem em bom senso²²⁵.

²²² ROSS, 2007, pp. 114-117.

²²³ STRAUSS, 2010, pp. 85-86.

²²⁴ APIANO. 1.117.

²²⁵ STRAUSS, 2010, p. 87.

Entretanto, Espártaco continuava a sua marcha em direção aos Alpes, estando perto dos Apeninos, uma zona muito mais agreste e hostil do que o Sul de Itália dado que as temperaturas são consideravelmente mais baixas e não existiam tantos recursos naturais para Espártaco providenciar àqueles que o seguiam²²⁶. Os romanos desejavam aniquilar Espártaco não obstante a vitória sobre Crixo, mas sabiam que seria muito mais difícil derrotar exército daquele, pois era liderado por um homem muito mais capaz na arte militar e que tinha à sua disposição um número substancialmente superior de homens. Apesar disso, os romanos queriam enfrentar Espártaco no campo de batalha e assim aconteceu. Roma foi capaz de localizar o exército rebelde e forçá-lo a lutar em condições aparentemente auspiciosas. O cônsul Lêntulo, foi capaz, numa manobra rápida e inteligente, de bloquear a Espártaco o caminho a Norte enquanto a Sul o exército de Gélío se aproximava rapidamente do exército de escravos²²⁷.

Espártaco provou neste confronto que era um excelente estrategista: é possível a um bom general conseguir salvar o seu exército mesmo se este estiver encurralado, mas aquele que o lidera tem de ser decisivo e calmo, e tem de ter obviamente também a completa lealdade e obediência dos seus homens. Espártaco dispunha de mais homens do que os romanos, 30 000 para 20 000 (cada exército consular tinha 10 000 soldados). Apesar de ter tido o espaço e o tempo para conseguir liderar os seus homens, Espártaco tinha de ter claramente a confiança dos seus homens para conseguir fazer aquilo que os romanos menos esperavam, atacar²²⁸! Espártaco atacou primeiro o exército de Lêntulo, caindo sobre os romanos com uma carga súbita, mas muito forte. Em condições normais, Lêntulo desprevenidas e causando grandes estragos ao exército romano²²⁹.

Muitas vezes os romanos conseguiam contra-atacar um ataque de cavalaria; desde que as legiões se mantivessem firmes, numa formação densa, a carga da cavalaria não teria tanto efeito, mas isso nem sempre resultava uma vez que a dificuldade consistia em manter a frieza perante uma carga de cavalaria e tropas inexperientes poderiam quebrar facilmente. Mais tarde e sob o comando de Crasso os romanos iram tomar medidas adicionais contra a cavalaria de Espártaco, por isso podemos supor que as cargas de cavalaria de Espártaco eram muito perigosas²³⁰.

²²⁶ FIELDS, 2009, p. 62.

²²⁷ STRAUSS, 2010, p. 88.

²²⁸ SHAW, 2001, p. 133.

²²⁹ FIELDS, 2009, p. 62.

²³⁰ STRAUSS, 2010, p. 89.

Após este ataque com os cavaleiros, Espártaco deve ter enviado a sua infantaria e aí os trácios, os gauleses e os celtas demonstraram porque é que deveriam ser temidos: a sua força e agilidade eram aterradoras, uma carga de infantaria «bárbara» bem conseguida conseguia derrotar até os soldados mais experientes. Os romanos não tiveram qualquer resposta a esta manobra de Espártaco e o resultado foi uma debandada geral, uma retirada em pânico por parte dos romanos²³¹, «envergonhando» as orgulhosas legiões romanas. Mas estas tropas eram inexperientes, tal como os homens que as lideravam, daí o exército de Lêntulo ter sido destruído e a sua bagagem capturada pelas forças de Espártaco²³². Depois de derrotar Lêntulo, Espártaco usou o mesmo tipo de tática contra Gélío, derrotando também o cônsul romano²³³.

A bagagem do exército romano voltou a providenciar novamente a Espártaco e aos seus homens comida, roupa, ferramentas e armas. Os romanos sofreram às mãos do trácio, nas pessoas de Gélío e Lêntulo, a maior derrota da guerra até à data, mas o que mais insultou os romanos foi o que se seguiu. Após a derrota dos exércitos romanos, os soldados destes foram capturados pelos homens de Espártaco e mantidos vivos para um espetáculo de jogos de gladiadores que os escravos iriam preparar, um espetáculo que Roma oferecia aos seus cidadãos, sendo que desta vez esses cidadãos iriam lutar até à morte para o entretenimento das pessoas que seguiam Espártaco. As notícias da derrota e morte do seu companheiro abalaram Espártaco e o seu sentimento de vingança aumentou ainda mais, o que o terá levado a obrigar quatrocentos romanos a lutarem entre si. Estas exposições serviriam também como um sacrifício e um sinal de respeito para com aqueles que morreram às mãos dos romanos, sendo ainda uma comemoração²³⁴. Isto aumentou muito o moral dos homens de Espártaco e uniu-os ainda mais, enquanto que os romanos odiaram este ato considerando que muitas vezes eventos deste tipo eram usados em Roma para celebrar vitórias militares ou políticas; os escravos fugidos «atreviam-se a assumir que eram iguais aos romanos»²³⁵.

Após mais uma vitória sobre os romanos, Espártaco seguiu o seu caminho para Norte, chegando a atravessar a Gália Cisalpina. Batedores romanos da zona localizaram Espártaco e dirigiram-se a uma das maiores cidades do Norte de Itália, *Mutina*, esta que

²³¹ APIANO. 1.116.

²³² PLUTARCO, *Vita Crassi*. 10.8.

²³³ STRAUSS, 2010, p. 90.

²³⁴ APIANO. 1.117.

²³⁵ STRAUSS, 2010, p. 90.

era uma base para o governador e procônsul Gaio Cássio Longino. Sabendo da aproximação dos rebeldes, Longino reuniu a guarnição da cidade, cerca de duas legiões (10 000 homens). Também não nos chegaram muitos detalhes sobre esta batalha, mas sabemos que Espártaco esmagou esta força romana causando muitas baixas aos romanos²³⁶. O caminho para os Alpes estava agora transponível, mas Espártaco não o tomou, ao invés retrocedeu na sua manobra e virou o seu exército de volta para Sul. A motivação para esta ação é um mistério até aos dias de hoje²³⁷.

4.2. ESPÁRTACO INVERTE A MARCHA

Muitas teorias foram avançadas relativamente a esta decisão, mas a mais provável é uma que já foi indiciada anteriormente: foram os próprios homens de Espártaco que vetaram a decisão do seu líder de fugir dos romanos transpondo as montanhas dos Alpes. As vitórias sobre os romanos toldavam a razão dos homens que seguiam Espártaco e que não tinham qualquer desejo de abandonar a península Itálica²³⁸. Outra teoria possível é a de que foi o próprio Espártaco quem, impressionado com as suas próprias vitórias²³⁹, se achou de certa forma invencível e que pensou que após duas grandes vitórias contra os Romanos conseguiria repetir esse feito mais vezes. Porém, a mudança foi tão repentina que muitos estudiosos mais modernos chegam a afirmar que o objetivo de Espártaco nunca foi atravessar os Alpes, apesar das fontes clássicas referirem que os rebeldes tinham a intenção de escapar à escravatura romana²⁴⁰.

Os rebeldes voltaram então a dirigir-se para o Sul da península Itálica com um novo objetivo, o qual de acordo com as fontes antigas era atacar Roma. É claro que os romanos estavam receosos, mas não estariam provavelmente aterrados dado que sabiam que um exército como o de Espártaco não constituiria uma verdadeira ameaça a uma cidade altamente fortificada como Roma. Nem Aníbal corria o risco de atacar a capital embora dispusesse de um exército muitíssimo profissional. Aliás, anos antes da Terceira Guerra Servil, durante a guerra civil romana, um exército tentara tomar Roma e foi

²³⁶ SHAW, 2001, p. 133.

²³⁷ STRAUSS, 2010, p. 91-92.

²³⁸ “A doença da vitória”: KARCHER. Timothy. *The Victory Decease. Military Review*- Consultado a 5 de Agosto de 2019; http://www.army.milprof_writing/volumes/volume_1/ september_2013/9_03_5.html, pp. 9-17.

²³⁹ “Extasiado com as suas vitórias”. Floro, *Epitome*. 2.8.11.

²⁴⁰ STRAUSS, 2010, pp. 91-92.

obliterado numa noite. Espártaco tinha uma vantagem a seu favor, a qual consistia em conseguir viajar mais rápido do que o seu inimigo, uma vez que se libertara de muita bagagem, mandara queimar as provisões desnecessárias, matara muitos dos animais que acompanhavam o seu exército e matara os prisioneiros de guerra²⁴¹. Espártaco começou a nova campanha com cerca de 30 000 homens, um número bastante superior àquele que compunha os exércitos romanos anteriormente derrotados, mas não o suficiente para atacar Roma. Contudo, muitas das suas vitórias aumentavam a sua reputação e consequentemente também o número de homens que o seguiam²⁴².

Espártaco precisaria do maior número de combatentes possível se quisesse derrotar os romanos outra vez. Os dois côsules Gélcio e Lêntulo reagruparam as suas forças, tendo ao seu serviço 20 000 soldados operacionais, ou seja, quatro legiões, ao passo que Espártaco comandava 60 000 homens mais um número desconhecido de mulheres, crianças e idosos quando voltou a enfrentar os romanos²⁴³.

O conflito entre Espártaco e aquele novo exército romano teve lugar em Piceno (*Picenum*), no Nordeste da península Itálica, e embora também aqui os detalhes sejam escassos, as fontes explicam-nos que este encontro militar foi o mais renhido desta guerra até à data, principalmente porque após várias vitórias sobre os romanos Espártaco tinha confiança suficiente para enfrentar as legiões nos termos decididas por elas.. Lêntulo terá colocado as suas tropas num terreno elevado e tê-las-á dividido de modo a que conseguissem cobrir o maior número de zonas possíveis; apesar de os rebeldes terem a desvantagem de atacar estando num terreno baixo, conseguiram ainda assim causar muitos danos ao exército romano. Aparentemente o líder romano ainda tentou pedir reforços, mas estes nunca chegaram a tempo. Os insurgentes liderados por Espártaco voltaram a demonstrar toda a sua força, isolaram uma unidade inimiga apesar de esta ter a vantagem do terreno e conseguiram romper as linhas e provocar o caos²⁴⁴. As tropas rebeldes não destruíram o exército romano, mas causaram muitas mortes ao inimigo e obrigaram mais uma vez os romanos a retirar, já que Lêntulo esperava que os reforços conseguissem chegar a tempo de destruir o exército de Espártaco mas isso nunca aconteceu. Ou os rebeldes conseguiram tomar controlo da colina anteriormente ocupada

²⁴¹ JOSHUA. Mark. *The Spartacus Revolt. Ancient History Encyclopedia*- Consultado a 4 de março de 2019. <https://www.ancient.eu/article/871/the-spartacus-revolt/>.

²⁴² APIANO, “*Civil Wars*”. 1.117.

²⁴³ STRAUSS, 2010, p. 93.

²⁴⁴ “Mais uma grande derrota para os romanos”. APIANO, *Civil Wars*, 1.117.

pelos romanos, assim repelindo os reforços, ou Espártaco ordenou que se atacassem essas forças romanas antes que pudessem chegar ao campo de batalha, o que provaria mais uma vez a sua capacidade de comando e a sua destreza militar.²⁴⁵.

Os romanos perderam a batalha e mais uma vez foram obrigados a fugir. Espártaco estava satisfeito e tinha também tempo para ponderar o seu ataque a Roma²⁴⁶. Espártaco parece ter mudado a sua ideia em relação a Roma dado que as suas forças não eram apropriadas para uma operação militar de tal magnitude, nem o seu exército estava preparado para isso (nenhuma cidade se aliou a ele, apenas escravos e desertores). As muralhas de Roma tinham três metros de espessura, que em certos pontos chegava a nove metros, o circuito das muralhas tinha uma distância de 11 quilómetros, ocupando uma zona média de 1 000 hectares e Espártaco não tinha equipamento de cerco nem os homens necessários para um cerco, até porque provavelmente não teria nenhum homem com experiência em cercos. Roma recusava-se a aceitar a derrota, até porque não importava o número de vezes em que Espártaco derrotasse os exércitos adversários, Roma tinha sempre mais exércitos para enviar. Espártaco tinha noção disso e por muito tempo que tivesse disponível para preparar o próximo conflito não seria o suficiente. Por esse motivo o exército ter-se-á movido de novo para o Sul da península, nomeadamente para a zona de Thurri (*Thurrium*)²⁴⁷.

4.3. CRASSO ENTRA NA GUERRA

Em outubro de 72 a. C. um novo general tomou o comando das legiões, determinado a retomar a ordem na República. Este general trouxe de volta um castigo brutal e arcaico como forma de castigo. Cinquenta soldados romanos que fugiram de Espártaco numa das batalhas perdidas foram capturados, condenados e executados pelo seu próprio exército, cada um deles sendo agredido até à morte com maças por nove dos seus companheiros; cada uma das vítimas era escolhida ao acaso e este procedimento era chamado de dizimação. Este novo general romano queria que as suas tropas o temessem a si mais do que temiam a Espártaco e o seu nome era Marco Licínio Crasso²⁴⁸.

²⁴⁵ STRAUSS, 2010, p. 94.

²⁴⁶ APIANO, 1.117.

²⁴⁷ STRAUSS, 2010, pp. 95-96.

²⁴⁸ Idem, p. 101.

A escolha de Crasso para esta missão foi muito aplaudida pelos romanos e a designação até fazia sentido de certo modo, já que Crasso era um pouco parecido com Espártaco na medida em que era ele próprio um rebelde, que desejava subir o mais possível na hierarquia pelos seus próprios meios²⁴⁹. Não desejava a aprovação dos velhos políticos, antes apelando ao apoio dos políticos mais jovens e do povo; a velha guarda do Senado nunca foi apreciadora de Crasso, mas Espártaco não lhes deu alternativa e teria de ser Marco Crasso a comandar as legiões romanas. Este era um bom general, mas não era um génio militar como Pompeio (ou César, mais tarde) e percebeu que para ter sucesso na política teria de conseguir comprar votos, daí que desde muito cedo Crasso tenha feito vários empréstimos a ricos e pobres bem como prestado favores àqueles que fossem mais influentes. Crasso tornou-se popular entre as massas mesmo não possuindo um certo carisma e a arrogância da nobreza romana²⁵⁰.

Em 72 a. C. a sua popularidade deu frutos, atendendo a que o Senado concedeu a Crasso um poder virtualmente ilimitado, aquilo a que os Romanos chamavam de *imperium proconsular*. Esta era uma distinção rara, já que por exemplo Pompeio tinha o mesmo poder mas possuía-o na Hispânia para conseguir combater Sertório e era o principal general de Roma. Crasso considerava-o o seu principal rival e agora detinha os mesmos poderes. Não é um mistério o motivo pelo qual Crasso queria o cargo oferecido: caso saísse vitorioso da campanha militar contra Espártaco poderia impulsionar muitíssimo a sua carreira, a qual não tinha até ao momento alcançado o potencial desejado para o seu trajeto político. Se é verdade que Crasso já tinha servido algumas vezes como pretor, não tinha, todavia, alcançado ainda o tão desejado cargo de cônsul. Derrotando Espártaco, Crasso conseguiria competir com Pompeio por qualquer cargo político, mas conseguiria também proteger os seus investimentos, uma vez que Crasso era dono de muitas propriedades no Sul de Itália e essas propriedades eram constantemente atacadas pelos rebeldes.²⁵¹ Não havia dúvidas nenhuma de que o povo romano ficara satisfeito com esta escolha do Senado²⁵². Crasso era vitorioso, popular e muito rico, e graças à sua fortuna Crasso conseguiria pagar a todos os soldados das suas legiões; Roma agradecia

²⁴⁹ SHAW, 2001, pp. 133-134.

²⁵⁰ STRAUSS, 2010, p. 102.

²⁵¹ FIELDS, 2009, pp. 31-33.

²⁵² “Todos aqueles que tinham um coração de guerreiro”. SALÚSTIO. *Histories*. 4.21.

este empréstimo, dado que muito do orçamento romano estava investido nos conflitos internacionais²⁵³.

Ao servir Roma em campanhas militares na Hispânia, Crasso tinha adquirido a experiência de recrutar tropas para o seu exército e em combater forças rebeldes e selvagens. Se Crasso quisesse derrotar Espártaco, teria de o encurralar, privá-lo de mantimentos e de reforços porque só assim conseguiria acabar em definitivo com esta revolta²⁵⁴. Crasso começou por tomar o controlo das tropas sobreviventes de Gélío e Lêntulo (estes dois cônsules não voltam a aparecer nas fontes históricas após a sua derrota perante Espártaco²⁵⁵), e conseguiu reunir cerca de seis legiões, 30 000 homens que juntou aos sobreviventes das quatro legiões enviadas anteriormente contra Espártaco. O exército reunido teria cerca de 45 000 homens. Era uma força militar enorme²⁵⁶, o dobro de qualquer exército enviado anteriormente contra Espártaco. Caso este comandasse de facto 60 000 homens continuaria a ter vantagem numérica, mas enfrentar 45 000 legionários e sobreviver era uma tarefa quase impossível para Espártaco e Crasso sabia-o, tendo um exército com qualidade imensamente superior àquele comandado pelo trácio²⁵⁷. Apesar disso Crasso não queria arriscar e enfrentar Espártaco tão cedo, portanto quis primeiro cansar os rebeldes e retirar-lhes qualquer tipo de apoio.

O exército romano marchou para Sul, montando o seu acampamento perto das montanhas *Picentini*, a partir de onde Crasso poderia controlar o rio Sílaro e as passagens que levavam à Lucânia. Tratava-se de uma zona onde Crasso conseguiria controlar toda a região de Pontecagnano Faiano (*Picentia*), uma zona bastante fértil que lhe permitiria alimentar o seu exército²⁵⁸. Por outro lado, Espártaco ter-se-á, parece, deslocado mais uma vez para Norte, para o nordeste de Lucânia, talvez de volta aos campos férteis de *Campus Atinas*, um bom local para preparar o seu exército para o conflito inevitável. Crasso, entretanto, começava a sua pressão sobre Espártaco, ordenando que duas legiões comesçassem a rodeá-lo e a segui-lo. Crasso confiou o cargo destas duas legiões a Múmio,

²⁵³ STRAUSS, 2010, pp. 103-105.

²⁵⁴ Idem, pp. 105-107.

²⁵⁵ FIELDS, 2009, p. 63.

²⁵⁶ APIANO. 1.118.

²⁵⁷ Idem, 1.118.

²⁵⁸ SHAW, 2001, p. 134.

sendo estas duas legiões a soma das forças restantes de Gélcio e Léntulo, nelas não se incluindo, portanto, ainda as forças recrutadas por Crasso²⁵⁹.

As ordens eram explícitas: seguir Espártaco de perto, mas em nenhuma circunstância entrar numa batalha ou numa escaramuça com o exército rebelde, num plano que consistia em pressionar Espártaco sem colocar em perigo as tropas romanas²⁶⁰. Infelizmente para Crasso, Múmio não seguiu nenhuma destas diretivas e atacou Espártaco na primeira oportunidade com que se deparou. É possível que tenha recebido informações dos seus batedores no sentido de que os escravos fugidos estavam desprevenidos e entendeu ser a altura perfeita para acabar com a guerra, apanhando desprevenidos Espártaco e todos aqueles que o seguiam. Múmio perdeu este duelo com Espártaco e muitas das suas tropas caíram nas mãos do inimigo tendo muitas outras fugido do campo de batalha²⁶¹. Se as forças romanas se tivessem mantido firmes poderiam ter aguentado a carga inimiga e ter contra-atacado adequadamente, mas tal não sucedeu e a organização das legiões colapsou²⁶².

Crasso ficou furioso e faria desta cobardia um exemplo, para o que escolheu os primeiros quinhentos regressados que fugiram do combate, pertencentes provavelmente a uma coorte, dividiu-os em cinquenta grupos de dez homens, e um dos homens desse grupo seria morto pelos outros nove. De acordo com a tradição antiga, os sobreviventes da dizimação eram obrigados a acampar fora do acampamento principal e eram muito mal alimentados. Não sabemos, infelizmente, durante quanto tempo é que estes homens tiveram de sofrer tal tratamento, que consistia numa humilhação simbólica mas que era também perigoso dado que estes homens não estavam protegidos de ataques exteriores²⁶³.

Todavia, Crasso não ficou por aqui, e para vincar a sua posição de força o general romano decidiu liderar as suas tropas para atacar Espártaco, o qual se tinha entretanto retirado para Lucânia, aparentemente porque se apercebeu de que não tinha a capacidade para enfrentar Crasso no campo de batalha. Com efeito, Crasso conseguiu alcançar o exército rebelde, o qual se pôs em fuga - é difícil concluir que Espártaco tenha conseguido convencer o seu exército a fugir dos romanos – tendo Crasso, de acordo com uma versão, logrado aniquilar pelo menos 10 000 foragidos, obrigando as pessoas que seguiam

²⁵⁹ STRAUSS, 2010, pp. 107-109.

²⁶⁰ WEINBERG, 2015, pp. 24-25.

²⁶¹ FIELDS, 2009, p. 63.

²⁶² STRAUSS, 2010, pp. 109-110.

²⁶³ SHAW, 2001, p. 134.

Espártaco a escapar das legiões, resultado que leva os defensores de tal versão a formular a teoria de que Crasso ainda foi capaz de atingir o exército de Espártaco²⁶⁴. Tratou-se de uma grande derrota para os escravos fugidos, a maior desde a derrota de Crixo, e agora enfrentavam um inimigo liderado por um homem implacável e determinado a manter a pressão sobre Espártaco, cortando todas as suas hipóteses de escapatória²⁶⁵.

Após esta batalha, estava provado que Crasso tinha conseguido reunir um novo exército romano e que, tal como Espártaco tinha avisado os seus homens, as probabilidades de vitória eram extremamente baixas, dado que os romanos que os rebeldes tinham enfrentado anteriormente quebravam muito rapidamente no campo de batalha mas os homens de Crasso lutariam até ao fim, além de que contra outros generais romanos Espártaco conseguira fazer emboscadas e realizar outros truques mas Crasso não seria enganado tão facilmente. Estas tropas romanas tinham muito mais qualidade no combate, na marcha e até na preparação, o que motivou a retirada de Espártaco para a zona da Lucânia. Seria muito mais fácil enfrentar os romanos nesse território do que em planícies abertas²⁶⁶. Podemos imaginar que Espártaco estaria a pensar numa nova forma de fugir da península; tendo falhado o plano de atravessar os Alpes, Espártaco liderava agora os seus homens para o único sítio onde poderiam fugir de Roma, o mar, e a partir daí, tentariam fugir para a Sicília²⁶⁷.

4.4. TENTATIVA DE FUGA PARA A SICÍLIA

A única maneira de fugir para a Sicília era através do estreito de Messina, que separa a ilha da Sicília do continente romano²⁶⁸. Sendo a província romana mais importante, era um território muito rico, com terrenos férteis. A ilha providenciava a Roma muito do seu pão, bem como muito gado, e era uma das joias da coroa do Senado Romano tendo em conta que muitos dos exércitos romanos eram alimentados por estas provisões. Espártaco pretendia aproveitar-se deste facto, a que acresce a circunstância de que tendo a Sicília sido a zona mais afetada pelas Guerras Servis, Espártaco conseguiria arranjar na ilha muitos mais homens para o seu exército bem como em simultâneo privar

²⁶⁴ “Crasso derrotou-o e perseguiu-o”. APIANO, *Civil Wars*, 1.118.551.

²⁶⁵ STRAUSS, 2010, p. 111.

²⁶⁶ Idem, pp. 112-113.

²⁶⁷ WEINBERG, 2015, p. 26.

²⁶⁸ Idem, p. 26.

Roma uma das suas principais fontes de comida. Ao transferir os seus homens para a Sicília Espártaco conseguiria salvá-los de Crasso, pelo menos temporariamente, até porque as legiões romanas poderiam continuar a sua perseguição, mas a ilha poderia tornar-se numa excelente base para a rebelião. Espártaco e todos aqueles que o seguiam chegaram à costa romana no final do ano de 72 a. C. perto de Reggio Calabria (*Regium*), mas agora precisariam de atravessar o mar e para isso necessitariam de navios, sendo que os únicos navios que conseguiam arranjar eram os de piratas²⁶⁹.

Os navios piratas eram capazes de transportar os rebeldes através do estreito de Messina, onde estes poderiam aproveitar todas as vantagens estratégicas que a Sicília poderia oferecer, e os piratas fariam o transporte de bom grado considerando que os romanos eram um inimigo comum. Os piratas que Espártaco conheceu no estreito eram originários da Cilícia e de Creta²⁷⁰. Tendo encontrado os piratas e iniciado negociações com eles, Espártaco pôs em execução o seu plano mais ambicioso e arriscado até à data. Saberá certamente que a principal fonte de riqueza destes piratas era o tráfico de escravos e que inicialmente tinham tido lugar negócios entre eles e os Romanos até que muitos dos aliados de Roma se queixaram da intromissão e dos atos de pirataria e o Senado deixou de poder manter a relação com os piratas. Por volta de 102 a. C. Roma iniciou missões que tinham como objetivo a supressão da pirataria. Nesse contexto e época fazia sentido que Espártaco pedisse a assistência dos piratas para atravessar o estreito, numa altura em que, depois de o exército escravo ter atravessado a península Itálica na sua totalidade, desde os Alpes até às costas do Sul da península, se encontrava agora num beco sem saída²⁷¹.

As marcas da Primeira e da Segunda Guerra Servil ainda estavam bem vincadas na Sicília, sendo enorme a humilhação sofrida pelos escravos e mínima a tolerância dos seus mestres. As revoltas tinham durado cerca de quatro anos cada uma, envolvendo dezenas de milhares de pessoas, com a consequente destruição da ilha. Podemos concluir, pois, que os sicilianos não deixariam de recear as consequências da expansão da revolta de Espártaco, existindo um sentimento latente na Sicília de que, se o trácio conseguisse atravessar o mar, muitos dos escravos seriam certamente libertados e mais uma vez o caos

²⁶⁹ STRAUSS, 2010, pp. 113-114.

²⁷⁰ Idem, p. 116.

²⁷¹ Idem, pp. 116-117.

e a desordem abater-se-iam sobre a Sicília²⁷². Os piratas exigiram que a travessia fosse paga adiantadamente, considerando que sofreriam elevados prejuízos – materiais e humanos - caso tivessem de enfrentar os romanos no mar, e Espártaco concordou com os termos propostos²⁷³.

O plano consistia em transportar 2 000 homens até à Sicília²⁷⁴; tal representava apenas uma pequena porção do exército de Espártaco mas era o melhor que se conseguia fazer na época, uma vez que os navios piratas não eram muito grandes e não conseguiam portanto transportar um grande número de homens. Partindo do princípio de que os homens que atravessariam o estreito nos barcos dos piratas eram cuidadosamente escolhidos, podemos supor que estes constituiriam a elite do exército, hábeis em combate e furtividade, capazes de contactar os escravos sicilianos. Depois de estabelecida uma base na Sicília poderia ser feito o transporte do resto dos seguidores de Espártaco, que ficava no continente e se estabeleceria nas colinas de Pandosia (*Bruttium*)²⁷⁵. Porém, quando os piratas receberam o pagamento adiantado enganaram Espártaco e abandonaram o estreito com os seus navios²⁷⁶. Espártaco voltou então a demonstrar que era um excelente estratega, e ao invés de desesperar ou ceder ao pânico alterou a sua tática sem grande esforço.

O estreito de Messina tem cerca de 30 quilómetros de comprimento e 14 quilómetros de largura na zona mais larga²⁷⁷, pelo que Espártaco acreditou que conseguiria atravessar o estreito mesmo sem recurso aos navios, tendo ordenado aos seus homens que comesçassem a construir jangadas²⁷⁸, o que apesar de ser uma decisão arriscada não deixava de ser uma escolha racional, já que não sendo fácil atravessar o estreito com recurso a jangadas também não seria impossível fazê-lo. Os rebeldes devem ter usado técnicas de construção tradicionais, e com a ajuda de habitantes locais foram capazes de construir jangadas grandes e largas, presas por ramos de vinhas, pelo que se conclui que recorreram ao mesmo tipo de lógica que os ajudara no Vesúvio. Os rebeldes foram obrigados a procurar madeira, ramos de videira e couro. Alguns deles pilharam

²⁷² SHAW, 2001, p. 134.

²⁷³ STRAUSS, 2010, pp. 119-120.

²⁷⁴ PLUTARCO. 10.8.

²⁷⁵ STRAUSS, 2010, p. 120.

²⁷⁶ PLUTARCO. 10.8.

²⁷⁷ STRASSLER, 1998, p. 236.

²⁷⁸ “Tentaram lançar jangadas”: FLORO, *Epitome*. 2.8.13.

lojas, casas, armazéns e caves em busca destes elementos, enquanto outros procuravam por comida e outros ainda tinham um papel de segurança protegendo os seus companheiros para a hipótese de Crasso decidir atacar os insurgentes²⁷⁹.

Não sabemos exatamente em que local lançou Espártaco as suas jangadas, deve ter certamente esperado pelo momento mais propício, e apesar de ser arriscado avançou. Quando lançaram as jangadas ao mar, as correntes arrastaram-nas antes de os rebeldes conseguirem entrar²⁸⁰, tendo as jangadas ficado presas umas nas outras sem que os estragos pudessem ser reparados o que impediu Espártaco de atravessar o estreito. A tentativa custou ao exército homens, provisões e barcos e Espártaco viu-se obrigado a levar o seu exército de volta para o Norte da península²⁸¹. Crasso não o perseguiu nessa altura porque sabia que não possuía ainda uma força preparada para a perseguição, e não tinha qualquer desejo de acabar com Espártaco no estreito, dado que a tentativa representava um risco demasiado elevado e a costa estreita não era o local ideal para combater um exército especializado em combate de guerrilha, Seria Crasso a decidir o que tipo de batalha em que enfrentaria o exército rebelde²⁸².

Crasso veio a optar por encurralar Espártaco até o trácio não ter nenhuma escapatória. Espártaco não tinha outra hipótese senão a de retirar, e era óbvio que se quisesse sobreviver teria de abandonar a península. Atendendo a que o estreito de Messina tinha revelado não ser um local através do qual pudesse abandonar a península, o líder trácio teria de encontrar outra solução. Agora o mais importante para Espártaco era alimentar o seu exército e para isso poderia dirigir-se para a cidade de Reggio Calabria (*Regium*)²⁸³, que teria certamente muitas provisões, mas era uma cidade amuralhada e estava bem defendida, ou poderia levar o seu exército de volta para a Via Ânia (*Via Annia*), mas as coortes romanas tinham certamente as estradas vigiadas e bloqueadas. Ponderadas as alternativas, Espártaco foi obrigado a tomar o caminho menos desejado, ou seja, dirigir-se para Montalto (*Aspromonte*)²⁸⁴.

²⁷⁹ STRAUSS, 2010, pp. 121-122.

²⁸⁰ MCGUSHIN, 1994, p. 43.

²⁸¹ SHAW, 2001, p. 134.

²⁸² STRAUSS, 2010, pp. 124-125.

²⁸³ WEINBERG, 2015, p. 27.

²⁸⁴ STRAUSS, 2010, p. 125.

4.5. A MURALHA DE CRASSO

Em Montalto (*Aspromonte*) viriam a defrontar-se dois exércitos, de um lado dezenas de milhares de escravos, nervosos e impacientes com a batalha iminente e do outro lado legiões romanas preparadas para o combate e pacientes. Os romanos tinham construído uma vasta rede defensiva com fossos e paliçadas, que circundava todos os caminhos do desfiladeiro de Mélia assim encurralando os rebeldes no processo. Os rebeldes tentaram por várias vezes, sem sucesso, penetrar as linhas defensivas romanas, perdendo muitos homens nesses ataques. Espártaco não teve outra hipótese senão a de fugir através do único caminho transponível a norte²⁸⁵. Os rebeldes estavam encurralados e os romanos poderiam ter acabado com a revolta rapidamente se não estivessem a enfrentar um inimigo inteligente e astucioso como Espártaco.

O conflito teve lugar no desfiladeiro de Mélia e quem o controlasse estaria em condições de dominar todo o Sul da Península Itálica, pelo que não surpreende que Crasso tenha escolhido construir aí as fortificações que referimos. Plutarco refere que as muralhas de Crasso ocupavam 56 quilómetros da Península, o que será um exagero sendo plausível concluir que as pequenas fortificações tivessem uma extensão de apenas dois quilómetros.

Porém, Plutarco tem razão quando refere que este bloqueio impedia os movimentos de Espártaco²⁸⁶ ao longo de 56 quilómetros²⁸⁷.

Espártaco continuou a sua fuga para norte, confiante em que os romanos não o perseguiriam com tanta segurança numa área montanhosa²⁸⁸, crendo que os rebeldes teriam certamente a vantagem e que em terreno montanhoso os romanos teriam maiores dificuldades em montar as suas fortificações²⁸⁹. Marco Crasso tinha começado os preparativos para estas construções fortificadas numa altura em que Espártaco estava ainda no estreito de Messina a negociar com os piratas. Visando evitar que Espártaco descobrisse a armadilha constituída pelas fortificações, é provável que Crasso tenha ordenado aos seus homens que comessem a construir as linhas fortificadas a alguns quilómetros da costa²⁹⁰.

²⁸⁵ FIELDS, 2009, p. 63.

²⁸⁶ “Os romanos construíram uma trincheira de mar a mar”. PLUTARCO. *Vita Crassi*. 10.8.

²⁸⁷ SHAW, 2001, p. 134.

²⁸⁸ “A natureza do terreno”. PLUTARCO. *Vita Crassi*. 10.8.

²⁸⁹ “Um sistema de trincheiras, muralhas e paliçadas”. APIANO. *Civil Wars*. 1.118.

²⁹⁰ STRAUSS, 2010, p. 129.

A Este do desfiladeiro de Mélia fica o mar Jónio e a Oeste só existem passagens quase intransponíveis através de apertados desfiladeiros, os únicos locais transponíveis para os rebeldes eram os caminhos costeiros, que já estavam ocupados pelos romanos. Uma vez que Espártaco se dirigia para as montanhas, era bem possível que Crasso encurralasse o exército rebelde. Espártaco dirigia-se para uma zona pouco fértil e montanhosa, pelo que os escravos fugidos teriam grandes dificuldades em sobreviver num tal local. Os homens de Espártaco começavam a ficar sem comida, o que mostra que Crasso terá conseguido privar o inimigo de mantimentos²⁹¹.

Como já referimos anteriormente, Espártaco tinha tentado penetrar as defesas romanas, e embora tenha tido pouco sucesso e tenha sofrido muitas baixas, o líder trácio continuava a acreditar que ainda não estava encurralado e que conseguiria atrair Crasso para perto de si de modo a que uma batalha decidisse o vencedor do conflito. Espártaco sabia ainda que os seus reforços estariam a chegar, dado que a sua cavalaria tinha sido mandatada para procurar mantimentos nas zonas circundantes do desfiladeiro de Mélia antes de o exército rebelde se dirigir para as montanhas. A cavalaria poderia ajudar imensamente numa tentativa de quebrar as linhas romanas e se é verdade que Espártaco não sobreviveria a uma estadia no desfiladeiro o mesmo se diga de Crasso. O principal problema de Espártaco era de natureza logística, dado que precisaria de alimentar as pessoas que o seguiam e com o inverno seria muito mais difícil arranjar comida²⁹².

O principal problema de Crasso era de natureza política, considerando que Roma queria que os exércitos romanos destruíssem rapidamente a rebelião escrava. Todavia, Crasso não queria arriscar uma derrota pelo que demorava a agir. Espártaco aproveitou-se dessa situação, prolongando o conflito, o que era fonte de grande frustração para as forças romanas. Espártaco distraía, exasperava e atrasava o trabalho dos romanos nas fortificações, atacando-os quando estes estavam distraídos ou atirando madeira queimada para as trincheiras²⁹³. Era uma tática eficaz aquela usada por Espártaco enquanto esperava pela sua cavalaria, mas permanecer sob a pressão romana e sem mantimentos estava a causar estragos no exército rebelde. As condições eram miseráveis, a comida estava a

²⁹¹ SHAW, 2001, p. 135.

²⁹² STRAUSS, 2010, pp. 131-132.

²⁹³ Idem, p. 132.

acabar e provavelmente alguns dos homens que seguiam Espártaco começaram a desertar²⁹⁴.

Espártaco crucificou um soldado romano num local situado entre os dois exércitos, de modo a mostrar aos seus homens o que aconteceria caso fossem derrotados pelos romanos, «mensagem» que terá sido recebida já que os homens que seguiam Espártaco não voltaram a demonstrar sinais de fraqueza²⁹⁵. Todavia, tal método causou nos romanos um sentimento ainda maior de ódio para com os escravos fugidos, dando-lhes maior motivação para enfrentar o inimigo; cansados desta guerra com Espártaco o povo romano exigiu que se chamasse de volta Pompeio, uma vez que Sertório tinha sido derrotado e o general romano estava mais ocupado em restabelecer a ordem na Península Ibérica²⁹⁶.

A convocação de Pompeio foi uma decisão popular, votada na assembleia romana, sendo executada pelo Senado apesar de este não ter ficado satisfeito com a decisão, dado que por força dela Pompeio podia entrar na península Itálica com os seus exércitos sem ter de os dissolver na fronteira, o que poderia constituir uma ameaça para a República. Todavia, foi Crasso quem ficou mais insatisfeito com a chamada de Pompeio: tendo tomado o comando das legiões para lidar com Espártaco visando melhorar a sua carreira, arriscava-se agora a ter de partilhar os louros da vitória romana com Pompeio²⁹⁷.

Espártaco soube que Pompeio estava de regresso à península Itálica, e conhecia-lhe a reputação que levava a que durante a época da guerra civil com Sula lhe dessem a alcunha de «jovem carnicheiro», e só a menção do seu nome terá sido suficiente para assustar os seguidores de Espártaco.

Embora Espártaco visse o regresso de Pompeio como uma ameaça, também sabia que podia ser uma oportunidade, na medida em que Pompeio passava a ser um inimigo comum de Crasso e de Espártaco, e ambos queriam manter o general romano regressado da Hispânia fora do conflito, por isso Espártaco propôs a Crasso um acordo de paz, oferecendo-lhe a sua *fides*. *Fides*, que em latim significa, fé ou confiança, mas que neste caso significava, também, proteção. Aceitando alguém dentro da *fides*, Roma aceitar entrar num acordo com obrigações mútuas, não se tratando de um contrato mas antes de

²⁹⁴ JOSHUA. Mark. *The Spartacus Revolt. Ancient History Encyclopedia*- Consultado a 4 de março de 2009. <https://www.ancient.eu/article/871/the-spartacus-revolt/>

²⁹⁵ “Crucificou um prisioneiro romano. APIANO, *Civil Wars*. 1.119.

²⁹⁶ FIELDS, 2009, p. 71.

²⁹⁷ STRAUSS, 2010, p. 133.

um acordo moral, sendo que os romanos viam a entidade com quem faziam uma *fides* como um cliente e não como um aliado. A ideia de aceitação da *fides* naquelas circunstâncias era repugnante para os romanos e especialmente para Crasso, dado que Roma entendia a *fides* como um pedido formal de rendição, conferindo dignidade àquele que a pediria. Era como que um estabelecimento de um tratado através desta *fides*. Ora, Crasso não estava disposto a conferir dignidade a Espártaco, nem a providenciar aos escravos fugidos um local seguro onde se pudessem estabelecer. Estava fora de questão conferir tal honra a gladiadores e escravos que tinham destruído propriedades romanas e morto soldados romanos, além de que Crasso queria a cabeça de Espártaco, pelo que o pedido de *fides* foi ignorado. Do ponto de vista de Espártaco, o pedido foi magnífico, especialmente para alguém na sua posição: não concedendo a derrota, Espártaco exigiu que lhe fosse mostrado respeito, e a proposta – apesar de recusada - pode ter gerado uma onda de moral nas suas tropas.

Se Espártaco se sentia ou se sabia preso na armadilha de Crasso, não o demonstrou e ia procurar escapar quando a sua cavalaria chegasse. Por volta do mês de fevereiro o comandante do exército de escravos pôs o seu plano em marcha²⁹⁸.

Espártaco esperou por uma tempestade e escolheu uma noite ventosa e neve tendo em conta que seria uma altura em que as guarnições romanas estavam mais fracas e desprevenidas²⁹⁹. Não é claro como ocorreu o ataque dos rebeldes. Apiano refere que Espártaco usou a sua cavalaria para romper as linhas romanas³⁰⁰, Plutarco afirma que os insurgentes encheram as trincheiras inimigas de madeira, terra e ramos de modo a poderem passar³⁰¹, enquanto Lívio relata que Espártaco encheu as trincheiras com os cadáveres do seu exército, cadáveres das legiões romanas e carcaças do gado que acompanhava a sua força militar³⁰². É discutido o sucesso de Espártaco no uso desta estratégia, já que Plutarco refere que o líder trácio apenas conseguiu fazer com que um terço do seu exército conseguisse atravessar as linhas adversárias³⁰³, ao passo que Apiano afirma que todos os escravos fugidos conseguiram escapar³⁰⁴.

²⁹⁸ Idem, pp. 134-135.

²⁹⁹ SHAW, 2001, p. 135.

³⁰⁰ APIANO. 1.223.

³⁰¹ PLUTARCO. 8.10.

³⁰² STRAUSS, 2010, p. 136.

³⁰³ WEINBERG, 2015, p. 27.

³⁰⁴ APIANO. 1.223.

O que sabemos é que Crasso foi obrigado a abandonar as suas fortificações sob pena de ser apanhado entre duas forças rebeldes. Na fase seguinte da Terceira Guerra Servil ainda estavam vivos muitos dos seguidores de Espártaco e Crasso passou a ter receio de que Espártaco viesse a marchar sobre Roma, o que sugere que Espártaco conseguiu escapar das montanhas com mais de metade das suas forças³⁰⁵.

O plano de Crasso falhou enquanto o de Espártaco teve sucesso apesar de esse sucesso ter custado a vida de muitos dos seus homens; os eventos representaram uma vitória tremenda para os rebeldes e uma derrota azeda para os romanos. As legiões de Crasso tiveram de abandonar as posições defensivas que tinham sido obrigadas a construir e retomar a perseguição a Espártaco, mostrando de novo o exército rebelde o motivo pelo qual era perigoso em consequência da sua mobilidade e tática inovadoras. Espártaco demonstrou a sua capacidade militar ao lograr romper uma linha defensiva tão avançada como a dos romanos, especialistas em fortificações. Espártaco tinha motivos para se orgulhar do modo como conseguira escapar, mas não poderia ficar demasiado esperançoso porque Crasso continuava em sua perseguição e agora mais do que nunca era certo que mais tarde ou mais cedo Pompeio chegaria a costas romanas. Portanto, para conseguir sobreviver Espártaco teria de abandonar a península Itálica. Poderia tentar atravessar de novo os Alpes ou contratar outros piratas para abandonar território romano por mar, mas o seu exército precisava de descansar após meses muito difíceis. Por este motivo tentou estabelecer-se na zona de Sâmnio (*Samnium*), a qual era uma região a sul dos Alpes, um pouco a nordeste de Cápuia, e era uma zona onde Espártaco poderia recrutar mais gente para o seu exército. Para chegar a Sâmnio (*Samnium*) Espártaco levou o seu exército através de Pandosia (*Bruttium*) e de volta para Lucânia³⁰⁶.

4.6. SEGUNDA SEPARAÇÃO

O plano de Espártaco não se veio a concretizar e o seu exército partiu-se de novo em dois. Surgiram novas divergências no seio do exército e, tal como sucedera anteriormente com Crixo, a separação teve uma componente étnica: desta vez foram os Celtas e os Gauleses a separarem-se de Espártaco, liderados por Gânico e Castos, sendo referido que os dois líderes se separaram de Espártaco levando consigo cerca de 30 000

³⁰⁵ SHAW, 2001, p. 135.

³⁰⁶ STRAUSS, 2010, pp. 136-137.

homens³⁰⁷. Existiram motivos para a separação para além das divergências étnicas e políticas, acreditando alguns que muitos dos rebeldes entenderam que, após o fracasso no estreito de Messina e as inúmeras perdas na costa e no desfiladeiro de Mélia, Espártaco deveria ser substituído.

Crasso ordenou que 6 000 homens, liderados por Gaio Pontino e Quinto Márcio Rufo, contornassem a cordilheira³⁰⁸, enquanto o general do exército romano levaria as restantes forças noutra direção. Apesar de usarem capacetes camuflados, de modo a não serem descobertos por vigias rebeldes, as forças romanas foram detetadas³⁰⁹.

Crasso pretendia eliminar as duas forças rebeldes separadas, uma de cada vez, e assim acabar com a revolta. Para isso seguiu pela Via Ânia (*Via Annia*) de modo a conseguir alcançar o grupo liderado por Gânico e Castos, que estava acampado junto a um lago na zona de Lucânia. Embora os vigias tenham conseguido alertar as forças rebeldes da aproximação dos romanos, Crasso foi ainda assim capaz de resolver a situação, conseguindo alcançar os rebeldes com as legiões que comandava. Os rebeldes foram apanhados de surpresa e ficaram presos entre dois exércitos; os romanos teriam massacrado as forças revoltosas se Espártaco não tivesse chegado para auxiliar os seus companheiros³¹⁰. A sua presença no local não é surpreendente, porquanto o trácio certamente seguia de perto as forças de Gânico e Castos após a separação, confiando que conseguiria persuadi-los a fugir da península³¹¹.

O aparecimento de Espártaco obrigou Crasso a abandonar a perseguição mas os romanos atacariam uma segunda vez, numa batalha que teve lugar em Cantena, que fica a nordeste de Lucânia. Ao atacar pela segunda vez as forças de Castos e Gânico Crasso teve tempo de distrair Espártaco e de separar a segunda força rebelde de qualquer tipo de ajuda. Os insurgentes que se tinham separado do grupo liderado por Espártaco estavam enfraquecidos, cansados e desmoralizados depois de mal terem sobrevivido ao primeiro ataque de Crasso. Este preparou-se bem antes do ataque, ordenando que se montassem dois acampamentos para o seu exército, cada um com a sua proteção e perto do acampamento inimigo de modo a intimidar o exército rebelde. Depois dividiu a sua cavalaria em dois regimentos, sendo um deles comandado pelo Lúcio Quíncio, que

³⁰⁷ BRUNAUX, 1988, p. 102.

³⁰⁸ SHAW, 2001, p. 135.

³⁰⁹ STRAUSS, 2010, p. 142.

³¹⁰ WEINBERG, 2015, p. 29.

³¹¹ STRAUSS, 2010, p. 144.

recebeu ordens para neutralizar quaisquer forças de Espártaco que tentassem ajudar os gauleses. Ao contrário do que fizera Múmio, Quíncio seguiu as ordens de Crasso e conseguiu atrasar Espártaco sem sofrer grandes baixas. A segunda força de cavalaria romana tinha a tarefa de atrair as forças rebeldes para um local onde Crasso as conseguisse rodear e eliminar. Sem a liderança de Espártaco eram muito menos organizados e mais propícios a lançarem ataques desenfreados e descontrolados, caindo assim facilmente na armadilha romana³¹². As probabilidades de vitória e até de sobrevivência das forças rebeldes eram extremamente baixas, atendendo a que os romanos estavam melhor organizados e equipados do que os homens de Gânico e Castos. Não obstante estes dois líderes serem bastante hábeis e experientes no combate contra os romanos não tinham a mesma mente estratégica de Espártaco.

A batalha de Cantena foi uma vitória tremenda para as legiões romanas. Embora não exista indicação do número de baixas no campo de batalha, Plutarco indica 12 300 mortos. Em relação aos rebeldes é plausível dizer-se que todos foram chacinados na batalha. Algumas dezenas de rebeldes terão conseguido fugir mas Gânico e Castos foram ambos mortos no campo de batalha³¹³. Plutarco refere que apenas dois dos rebeldes tinham sido mortos com um golpe nas costas e que o resto tinha sido morto enquanto lutava, assim se demonstrando que a vitória de Crasso foi importante mas muito difícil, perante rebeldes que constituíam uma força muito difícil de derrotar quando não tinham nada a perder³¹⁴.

Não temos qualquer informação relacionada com prisioneiros de guerra nem sobre quantos rebeldes conseguiram escapar com vida de Cantena; o que sabemos é que a disciplina e o rigor impostos por Crasso no seu exército estavam a dar frutos. Depois da vitória os romanos saquearam o acampamento inimigo mas o valor das riquezas inimigas empalidecia comparado com o valor da propaganda que se seguiria à recuperação de estandartes e armamento romano. Com esta vitória Crasso melhorou a sua posição na política romana e tornou-se mais popular entre o povo³¹⁵.

Por seu lado, Espártaco lamentou a morte dos seus companheiros Gânico e Castos, tal como tinha feito com Crixo, mas desta vez não tinha tempo para fazer jogos fúnebres

³¹² Idem, pp. 145-146.

³¹³ SHAW, 2001, p. 136.

³¹⁴ “A batalha mais difícil de todas”. Plutarco, *Vita Crassi*. 11.5.

³¹⁵ STRAUSS, 2010, p. 147.

em honra de todos aqueles que foram mortos pelos romanos em Cantena. Espártaco acabou por montar o seu acampamento ao pé do rio Sílaro³¹⁶.

Qualquer que tenha sido a direção tomada por Espártaco, não levou muito tempo até os rebeldes serem alcançados por Crasso, atendendo a que o general romano ordenara que fossem enviados pequenos regimentos de cavalaria para assediar constantemente a retaguarda do largo contingente que seguia Espártaco. O líder trácio não conseguia movimentar-se tão depressa como certamente desejaria porque devido aos ataques romanos era obrigado a demorar-se para proteger o gado e aqueles que não podiam combater.

Apesar de os romanos perseguirem Espártaco e de Crasso enviar um destacamento maior, liderado pelos seus tenentes Lúcio Quíncio e Gneu Tremélio Escrofa, Espártaco foi capaz de comandar o maior número de homens possível levando-os a enfrentar os romanos diretamente, o que apanhou as forças perseguidoras de surpresa e voltou a causar muitos danos às forças romanas, embora os dois tenentes não tenham sido mortos pelas forças rebeldes³¹⁷.

Espártaco comandou o seu exército em direção a Brundísio (*Brundisium*)³¹⁸, agora que só lhe restava como objetivo fugir da península Itálica, tentar chegar a uma cidade costeira e a fuga pelo mar. Porém, chegaram-lhe notícias vindas de Brundísio (*Brundisium*), no sentido de que Marco Lúculo tinha regressado a Itália com o seu exército, fresco após o seu sucesso na região da Trácia. Segundo Plutarco, os homens de Espártaco estavam com o seu moral elevado após a vitória sobre um contingente romano e sentindo um excesso de confiança desejavam lutar contra os romanos em lugar de fugir deles como Espártaco pretendia. Plutarco afirma que «foi o sucesso de Espártaco que causou a sua derrota»³¹⁹.

Em vez de continuar a obedecer aos seus líderes, os rebeldes viraram-se contra estes, causando um motim dentro do exército. Por norma, exércitos vitoriosos não gostam de retirar, especialmente se são exércitos compostos pelo «povo», em que o soldado normal tem direito a ter a sua opinião, a que acresce o facto de os rebeldes, em parte encorajados por Espártaco, preferirem a morte num campo de batalha a uma vida sem

³¹⁶ Idem, p. 148.

³¹⁷ WEINBERG, 2015, p. 29.

³¹⁸ APIANO. 1.225.

³¹⁹ PLUTARCO. 11.5.

glória. Tal como já referimos, Espártaco tinha convencido os seus homens, logo no início da revolta, após a fuga do ludo, de que morrer livre era melhor do que morrer como propriedade de alguém servindo apenas de entretenimento para uma arena³²⁰. Neste contexto e após a vitória sobre os homens de Crasso os rebeldes acreditavam que conseguiriam derrotar aquele em batalha, antes do regresso de Pompeio e do reforço do poder romano na península. Espártaco não teve alternativa senão a de seguir a vontade dos seus homens³²¹ e por isso, comandou-os pela Via Ápia, pelo Sul, em direção à cidade de Canas (*Cannae*), de modo a reabastecer o seu exército.

4.7. CONFRONTO FINAL

Na primavera de 71 a. C., e o exército de Espártaco aproximava-se da cidade de Venúsia (*Venusia*), em busca de refúgio e segurança dentro das muralhas da cidade. Os rebeldes tornavam-se cada vez mais selvagens, violando as mulheres e matando todos os romanos que encontravam; talvez sabendo que o seu fim estava próximo as forças rebeldes matavam o maior número possível de romanos antes de eles próprios serem exterminados. Por razões desconhecidas Espártaco virou para Sul, afastando-se da cidade; presumimos que lhe tenham chegado informações de que a cidade estaria bem defendida, pelo que demoraria algum tempo a tomar Venúsia (*Venusia*). Face à perseguição de Crasso e ao crescente aperto em que se encontrava o exército rebelde seria muito perigoso para este fazer um cerco à cidade. Assim, Espártaco liderou o seu exército em direção ao acampamento do exército de Crasso, abandonando, contra todas as expectativas, o seu plano de fuga da península e mostrando vontade de enfrentar Crasso no campo de batalha. Ignoramos se Espártaco tomou esta decisão por iniciativa própria ou se foi levado a isso pelos seus homens³²².

³²⁰ Idem, p. 349.

³²¹ SHAW, 2001, p. 136.

³²² STRAUSS, 2010, pp. 152-153.



Movimentações das forças de Espártaco em 71 a. C.³²³.

Crasso regozijou-se ao tomar conhecimento de que Espártaco se dirigia contra ele, dado que teria finalmente a oportunidade de acabar com a revolta antes do regresso de Pompeio, pelo que ordenou que se levantasse o acampamento imediatamente e que se marchasse em direção ao exército rebelde ³²⁴. Crasso tinha todas as condições para sair vitorioso; desde que assumira o controlo das legiões romanas que o general romano tinha infligido várias derrotas aos rebeldes (no Norte de Lucânia, no desfiladeiro de Mélia e em Cantena) e Espártaco já não possuía a capacidade militar de outrora. Com efeito, no auge da sua campanha Espártaco tinha à sua disposição cerca de 60 000 combatentes; em consequência de todas as derrotas e separações que ocorreram no seu exército, aquele contaria, nesta altura, com apenas cerca de 30 000 homens. Por seu turno, e não obstante a derrota no desfiladeiro de Mélia, Crasso tinha ainda ao seu dispor cerca de 40 000 legionários, o que lhe concedia uma vantagem numérica bastante significativa ³²⁵.

³²³ FIELDS, 2009, p. 64.

³²⁴ WEINBERG, 2015, p. 29.

³²⁵ FIELDS, 2009, p. 75.

Os romanos estavam habituados a enfrentar exércitos maiores do que o seu e a sair vitoriosos, uma vez que a sua inferioridade numérica era compensada pela superioridade no armamento e na capacidade de organização, pelo que os rebeldes estavam numa situação complicada. Na fase final da Terceira Guerra Servil, os romanos tinham a seu favor a organização, o armamento, os números, a confiança de saberem que havia reforços a caminho e estavam certamente melhor alimentados. Por seu lado, os rebeldes só queriam combater os romanos, vingar os seus companheiros mortos pelo povo que os escravizara; recusavam-se a ser capturados para voltarem a ser tornados escravos, o que justificava a sua vontade de enfrentar as legiões no campo de batalha, preferindo morrer em combate do que ser crucificado ou atirado a uma arena para morrer³²⁶.

Olivetio Citra (*Olivetio Citra*) foi o local da última batalha travada por Espártaco. É uma planície com cerca de 3 quilómetros de extensão, o que faz dela uma excelente zona para uma batalha campal. O terreno podia ser vantajoso para ambos os lados dos combatentes: se se tratasse de um campo apertado, os romanos não conseguiriam flanquear as forças de Espártaco com a sua cavalaria, e a cavalaria rebelde não conseguiria fazer as suas manobras ágeis de modo a assediar as legiões.

Depois de os batedores romanos localizarem o exército rebelde, Crasso decidiu montar o acampamento a uma distância relativamente curta do acampamento do exército de escravos fugidos, como provocação a Espártaco e demonstrando a vontade romana de combater. Essa decisão também constituía um risco, dada a natureza do adversário Espártaco e eventos anteriores em que este usara o elemento surpresa para derrotar os romanos (recorde-se a vitória no Vesúvio). Porém, Crasso estava desejoso de pôr fim ao conflito antes da chegada de Pompeio³²⁷.

Alguns rebeldes deram início ao combate quando as forças romanas estavam ainda a construir as trincheiras do acampamento de Crasso, atacando os trabalhadores³²⁸. Um tal ataque repentino teria levado os romanos a fugir, tivesse ele ocorrido no início da Terceira Guerra Servil; neste caso os homens de Crasso mantiveram as suas posições e combateram os rebeldes. Com a chegada de combatentes de ambos os lados aquilo que começara por ser uma pequena escaramuça começou a tornar-se numa batalha³²⁹. Plutarco

³²⁶ STRAUSS, 2010, p. 154.

³²⁷ Idem, p. 156.

³²⁸ “Ele (Crasso) estava a construir uma trincheira”, PLUTARCO. *Vita Crassi*. 11.8.

³²⁹ FIELDS, 2009, p. 72.

refere que os rebeldes atacaram as trincheiras por iniciativa própria e que Espártaco foi obrigado a mobilizar as suas tropas de modo a tentar salvar os seus homens³³⁰.

O líder rebelde poderá ter previsto que as trincheiras que os romanos construíam no campo seriam obstáculos à cavalaria de Espártaco, que tinha tido tantas vezes um papel fundamental nas suas vitórias, flanqueando a infantaria ligeira romana e criando o caos no exército inimigo. Sabemos que Espártaco tentou evitar combater Crasso até aos momentos finais da guerra, mas chegou uma altura em que se viu obrigado a combater as legiões romanas, podendo admitir-se que este ataque às trincheiras fizesse parte do plano de batalha. O uso da cavalaria seria fundamental no decurso da batalha, para eliminar a infantaria romana (nomeadamente a ligeira, cujas flechas e lanças seriam uma clara ameaça aos seus homens) e após essa eliminação utilizar a infantaria para carregar sobre as legiões romanas, tendo o objetivo de matar Crasso rapidamente para assim retirar ao exército romano o seu líder³³¹.

O plano de batalha de Crasso focava-se certamente em neutralizar a cavalaria inimiga ao mesmo tempo que a infantaria ligeira assediava os rebeldes com projéteis, após o que a infantaria pesada carregaria sobre o exército de Espártaco com ímpeto e uma organização formidável de modo a ganhar a batalha. Calculamos que na preparação da batalha os generais tenham tido abordagens diferentes, com o lado romano envolvido num processo muito organizado e planeado ao passo que do lado rebelde os preparativos seriam muito mais improvisados. Os tribunos romanos iriam organizar as tropas à maneira romana, com duas filas cerradas e uma terceira fila de homens que serviria eventualmente como reforço; os companheiros mais próximos de Espártaco e aqueles que seriam os segundos líderes do exército iriam tentar controlar e organizar os homens da melhor forma possível. Na linha da frente rebelde estariam os veteranos, que manteriam a calma no primeiro embate, não se assustando perante as forças inimigas³³².

Os dois exércitos colidiram próximo do rio Sílaro³³³, apesar de não existirem relatos exatos desta batalha, podemos supor o que aconteceu: quando o sinal foi dado os rebeldes avançaram de forma frenética enquanto as legiões romanas marcharam mais lentamente mas com convicção. Ao estarem a 15 metros de distância lançaram os seus

³³⁰ PLUTARCO, 11.8.

³³¹ STRAUSS, 2010, pp. 156-158.

³³² Idem, p. 158.

³³³ FIELDS, 2009, p. 72.

fatais dardos (o *pilum*) e depois desembainharam as suas espadas e carregaram sobre o inimigo. O que sabemos com segurança é que as batalhas que envolviam o exército romano eram geralmente bastante complexas, muito táticas e duravam várias horas ³³⁴. Esta batalha deve ter durado muito tempo, porque se os números estiverem corretos envolveu cerca de 60 000 homens. Não temos relatos deste conflito final uma vez que as fontes antigas não deram grande destaque a Espártaco. O que nos chegou é no sentido de que Espártaco queria matar Crasso e tentou penetrar as linhas romanas de modo a matar o general romano. Este estava então a comandar as suas tropas na retaguarda mas perto do combate, de modo a perceber o desenrolar da batalha mas também para comandar e encorajar os seus homens³³⁵.

Constituiu um ato de bravura atacar Crasso diretamente, mas representava também uma tolice, considerando que era extremamente difícil penetrar uma linha defensiva romana, principalmente quando os homens que pertenciam a essa barreira tinham o dever de proteger o seu comandante. Para alcançar esse feito, Espártaco teria de se rodear dos seus soldados mais experientes e hábeis e tentar alcançar Crasso antes de os legionários o matarem a ele e aos homens que o acompanhavam. Espártaco esperaria certamente conseguir matar Crasso antes de ser morto pelos soldados romanos, levando as legiões a perder o moral e a sua organização com a morte do seu líder. Este era um plano bastante arriscado mas não deixava de ser um bom plano tendo em conta as circunstâncias. É referido que esta carga de Espártaco foi memorável, dado que o trácio conseguiu eliminar sozinho dezenas de legionários, incluindo dois centuriões³³⁶.

Espártaco não conseguiu alcançar Crasso, sendo pouco claro o que lhe terá sucedido. O seu final é comentado em duas versões: no relato de Plutarco é referido que Espártaco se manteve firme apesar de muitos dos seus companheiros terem fugido, combatendo os romanos até vir a ser morto no campo de batalha³³⁷. Apiano diz que o trácio foi gravemente ferido por um golpe de lança no joelho, mas mesmo assim continuou a lutar contra os seus inimigos até cair no chão imóvel e sem vida³³⁸.

³³⁴ STRAUSS, 2010, p. 160.

³³⁵ SHAW, 2001, p. 136.

³³⁶ PLUTARCO. 11.8.

³³⁷ Idem, p. 351.

³³⁸ APIANO. 1.225.



A morte de Espártaco – reconstituição³³⁹.

As diferenças entre as duas versões são evidentes, já que num dos cenários os amigos e companheiros de Espártaco o abandonaram no campo de batalha, enquanto que no outro Espártaco morreu com os seus homens a seu lado. Tal como referimos anteriormente, não se sabe exatamente o que aconteceu, designadamente se Espártaco foi de facto ferido com uma lança³⁴⁰ ou se foi morto por um gládio, mas podemos assumir com segurança que Espártaco foi morto pela infantaria romana enquanto se defendia. Não obstante o medo e desprezo que os escravos fugidos lhes suscitavam, Salústio, Lívio, Floro e Apiano revelam admiração pelo comportamento de Espártaco no último dia de batalha.

Se são poucos os conhecimentos que temos quanto ao que sucedeu a Espártaco, são quase inexistentes as referências às dezenas de milhar de rebeldes que pereceram nesta batalha. Sabemos que a batalha foi longa, de onde se pode presumir que os seguidores de Espártaco lutaram até ao fim pela sua liberdade e pelas suas vidas³⁴¹. A batalha terá sido confusa para muitos dos seus participantes e provavelmente aterradora, acompanhada de todos os sons e cheiros associados às mortes constantes. É referido que os rebeldes lutaram até à morte; tal como diziam os romanos, um inimigo que não tem motivos para viver mas ainda pode matar é o mais perigoso³⁴². Ao matarem Espártaco os romanos passaram a dominar o campo de batalha; as notícias da morte do seu líder

³³⁹ Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tod_des_Spartacus_by_Hermann_Vogel.jpg

³⁴⁰ APIANO, 1.225.

³⁴¹ WEINBERG, 2015, p. 31.

³⁴² FIELDS, 2009, p. 72.

devastaram os rebeldes que perderam grande parte da sua motivação para continuar a lutar, o que terão feito apenas visando matar inimigos antes de eles próprios serem mortos no campo de batalha. A desordem assolou o exército de escravos e a falta de coesão resultou num colapso completo de qualquer organização militar que restasse, pelo que os legionários tinham a tarefa muito mais facilitada. No fim da batalha, a vitória foi romana, para o que pagou o preço de cerca de 1 000 romanos mortos, ao passo que o exército rebelde foi esmagado³⁴³. Terão sido mortos na batalha cerca de 10.000 escravos, e o resto do exército foi perseguido pela cavalaria romana, sendo provável que muitos rebeldes tenham conseguido escapar para as montanhas levando as suas famílias³⁴⁴.

Crasso foi obrigado a entrar numa extensa operação de procura e destruição de escravos fugidos após a batalha. Espártaco não chegou a ser crucificado – para o ser teria de ser apanhado vivo; ora se os romanos tivessem apanhado Espártaco vivo tê-lo-iam exibido e executado, a título de exemplo e como humilhação, não existindo qualquer relato nesse sentido - mas o seu corpo nunca foi identificado.

Espártaco logrou libertar dezenas de milhar de escravos, transformá-los num exército, destruir várias zonas do Sul da Península Itálica, derrotar legião após legião romana, atacar diretamente os recursos da República, mas no final foi derrotado. Mais cedo ou mais tarde um exército romano seria capaz de vencer os rebeldes - por mais que Espártaco não tenha falhado no campo de batalha, no treino ou na inspiração das suas tropas - uma vez que muitos dos homens que seguiam Espártaco não tinham qualquer desejo de abandonar a Península Itálica e por isso queriam continuar a combater as legiões romanas.

Espártaco não tinha o objetivo de abolir a escravatura ou de conquistar a cidade de Roma, mas os seus ideais perduram até aos dias de hoje por ter oferecido aos seus seguidores grandes objetivos: liberdade, igualdade, honra, vingança e riquezas.

Entendemos que o seu objetivo era abandonar a Península, tendo falhado quando não conseguiu convencer os escravos fugidos a acompanhá-lo³⁴⁵.

4.8. O FIM DA GUERRA

³⁴³ STRAUSS, 2010, pp. 162-164.

³⁴⁴ FIELDS, 2009, p. 72.

³⁴⁵ STRAUSS, 2010, pp. 164-167.

Após a batalha, e perto de Cápuia, os romanos crucificaram milhares de escravos, seguidores de Espártaco, ao longo da Via Ápia. Os crucificados eram as últimas vítimas de Crasso, que tudo tinham tentado para evitar este desfecho. Muitos dos rebeldes fugiram depois de sobreviverem à batalha que se dera em Lucânia, mas Crasso e o seu exército perseguiu-os até aos Apeninos³⁴⁶. Os rebeldes dividiram-se em quatro grupos com a esperança de que a separação lhes desse maiores hipóteses de sobreviver, tendo aparentemente falhado uma vez que Crasso conseguiu capturar cerca de 6 000 fugitivos, ou seja, todos ou quase todos³⁴⁷. Naquele tempo a crucificação era um castigo cruel, pior do que o enforcamento, reservado em Roma apenas para os criminosos mais perigosos.³⁴⁸ A crucificação ao longo da Via Ápia é a maior crucificação em massa registada na História³⁴⁹.



Via Ápia³⁵⁰.

³⁴⁶ WEINBERG, 2015, p. 32.

³⁴⁷ APIANO. 1.225.

³⁴⁸ Para mais informações sobre a crucificação como pena de morte neste Mundo Mediterrâneo, recomendamos a obra de Cantarella sobre a pena da crucificação na Grécia e Roma no Mundo Antigo, traduzido pela Oxford, “*Roman Law and Society*”.

³⁴⁹ STRAUSS, 2010, pp. 168-169.

³⁵⁰ FIELDS, 2009. p. 91.

Os romanos viam a Terceira Guerra Servil como um ataque direto à República, e desconsideravam a escravatura como uma injustiça, mas importavam-se com a destruição do Sul da península Itálica, pelo que a crucificação de escravos pode ter pretendido servir de mensagem ou aviso para todos aqueles que pensassem revoltar-se contra a República³⁵¹. A crucificação de 6.000 escravos não era empreendimento barato, e Crasso ofereceu-se para pagar todos os paus, pregos, cordas e ainda os guardas que vigiavam os crucificados dia e noite. Crasso apresentou-se como um homem com uma imensa fortuna que se podia dar ao luxo de pagar custos do povo romano.

Os mestres dos escravos opuseram-se à crucificação, dado que um escravo morto era um investimento perdido, tendo os proprietários dos escravos pedido para que os sobreviventes da rebelião fossem chicoteados e depois devolvidos aos seus proprietários, pedido que não foi atendido por Crasso³⁵².

Crasso demorou seis meses a derrotar Espártaco: tomou o comando das legiões em novembro de 72 a. C. e a revolta chegou ao seu fim em abril de 71 a. C., com os sobreviventes do exército rebelde a serem crucificados em maio desse ano. Não obstante o seu sucesso, Crasso não tinha o apoio do povo e aos olhos do Senado e dos seus compatriotas romanos Crasso tinha demorado muito tempo a derrotar Espártaco e necessitava da ajuda de outros generais romanos para o conseguir. Pompeio aproveitou-se desse descontentamento, e após ter aniquilado um grupo de cerca de 5 000 rebeldes de etnia celta e gaulesa que escapara da batalha e conseguira chegar ao centro da península na zona de Etrúria visando fugir através dos Alpes, Pompeio escreveu ao Senado dizendo que Crasso derrotara Espártaco mas deixara muitos dos insurgentes fugir e tivera de ser ele, Pompeio, a pôr finalmente fim à guerra³⁵³. A Terceira Guerra Servil acabou oficialmente no momento em que Pompeio foi declarado o triunfador do conflito, em dezembro de 71 a. C.³⁵⁴.

³⁵¹ JOSHUA. Mark. *The Spartacus Revolt. Ancient History Encyclopedia*- Consultado 4 de março de 2019. <https://www.ancient.eu/article/871/the-spartacus-revolt/>

³⁵² STRAUSS, 2010, pp. 170-171.

³⁵³ FIELDS, 2009, p. 81-82.

³⁵⁴ STRAUSS, 2010, pp. 173-178.

CONCLUSÃO

Espártaco sofreu as consequências de, a certa altura, liderar uma revolução vencedora: quando os rebeldes se aperceberam de que conseguiam derrotar os romanos em batalha acharam-se invencíveis e acreditaram plenamente que conseguiriam derrubar a poderosa República romana. Podemos afirmar que a arrogância dos seus homens condenou Espártaco ao seu destino final.

O exército de Espártaco sofreu graves divisões internas entre diferentes grupos étnicos e diferentes etnias, especialmente entre trácios, celtas e gauleses, mas Espártaco teria de combater com os homens que tinha à disposição. Dadas as limitações que enfrentava, Espártaco agiu bem ao ser encurralado por Crasso numa crise, dado que ir para a Sicília era uma estratégia inteligente e prudente. Não foi por culpa de Espártaco que os piratas o traíram, mas já será sua a responsabilidade pelo falhanço em construirjangadas de modo a atravessar o estreito.

No final ficaram milhares de corpos no campo de batalha ao pé do rio Sílaro. Os corpos dos romanos terão sido enviados para Roma, para as suas famílias poderem fazer funerais dignos, enquanto os rebeldes mortos no combate não tiveram direito ao mesmo tratamento. A madeira era aliás um elemento demasiado valioso para ser gasto em revolucionários, pelo que muito provavelmente os seus corpos terão sido atirados para uma vala.

Não se sabe o que aconteceu a Espártaco, ou ao seu corpo. É pacífico que morreu nessa última batalha, existindo apenas divergências quanto ao modo como morreu.

Considerando o contexto emocional, de raiva, vingança, desespero e violência, tendo presente o tipo de armamento utilizado e acima de tudo tendo em atenção as características de Espártaco, cremos que é forçoso concluir que morreu a lutar no campo de batalha.

Atirou-se para o meio da batalha, munido de armas perfurantes e/ou cortantes e alvo de armas idênticas. No meio da confusão inerente a uma batalha sangrenta, foi atingido na cabeça ou nos membros por uma ou mais armas cortantes, e acabou por cair. Quem o atingiu pode nem se ter apercebido, no meio da confusão, da identidade daquele particular inimigo; ou apercebeu-se e não viveu para o contar.

Desfigurado ou despedaçado, o corpo de Espártaco ficou no campo de batalha, no meio de milhares de outros corpos.

Irreconhecível, o corpo de Espártaco foi colocado, juntamente com os dos seus companheiros, na vala comum destinada aos rebeldes mortos, e aí se encontrarão os seus restos.

CRONOLOGIA DE EVENTOS

Primavera de 73 a. C.	Gladiadores escapam do ludus em Cápua
	Estabelecem-se no Monte Vesúvio
Verão de 73 a. C.	Glabro é enviado para combater os gladiadores
Outono de 73 a. C.	Espártaco derrota Glabro no Vesúvio
	Públio Varínio é enviado contra o exército rebelde
	Derrota de Varínio e das suas forças
Inverno de 73 a. C.	Espártaco move-se para a zona da Lucânia
	Crixo separa-se de Espártaco
Primavera de 72 a. C.	Espártaco dirige-se para Norte
	Derrota e morte de Crixo
Verão de 72 a. C.	Espártaco derrota exércitos consulares
	Espártaco derrota exército de Cássio
	Espártaco volta para Sul
Outono de 72 a. C.	Crasso é enviado contra Espártaco
	O exército rebelde retira-se para Brúcio (<i>Bruttium</i>)
Inverno de 72 a. C.	Crasso encurrala o exército rebelde
	Espártaco escapa da armadilha
Primavera de 71 a. C.	Pompeio regressa à península
	O exército rebelde é derrotado e Espártaco é morto
	São crucificados 6 000 escravos ao longo da Via Ápia

FONTES

APIANO, *Roman History: The Civil War*, Tradução de Shaw, Brent. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2001.

APIANO, *Civil Wars*, Tradução de White, Horace. Harvard: Harvard University Press, 1912.

FLORO, *The War Against Spartacus, A Synopsis of Roman History*, Tradução de Shaw, Brent. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2001.

PLUTARCO, *Parallel Lives: Vita Crassi*, Tradução de Perrin, Bernadotte. Loeb Classical Library, 1923.

PLUTARCO, *Fall of the Roman Republic*, Tradução de Robins, Warner. Londres, Penguin Books, 1972.

SALÚSTIO, *Sallust, The Histories. Translated with Introduction and Commentary*, Tradução de McGushin, Patrick. Oxford: Clarendon Press, 1994.

BIBLIOGRAFIA

ADCOCK. Frank Ezra. *Marcus Crassus, Millionaire*, Cambridge: W. Heffer & Sons, 1966.

A. FUTRELL, *Seeing Red: Spartacus as Domestic Economist*, in S. R. Joshel, M. Malamud, D. T. McGuire Jr., eds., *Imperial Projections: Ancient Rome in Modern Popular Culture*, Baltimore, 2001, 77-118.

ASPREY. Robert. *War in the Shadows, The Guerrilla in History, vol. I*: Nova Iorque. Double Day & Company, 1975.

BISHOP. Mike. *Roman Military Equipment from the Punic Wars to the Fall of Rome*, Londres: B.T. Batsford, 1993.

BLANCHARD. Paul. *Southern Italy*, Londres: A&C Black Publishers, 2004.

BOATWRIGHT. Mary. *The Romans*, Nova Iorque: Oxford University Press, 2004.

BRADLEY. Keith. *Roman Slavery and Roman Law. Historical Reflections*, Nova Iorque: Berghahn Books, 1988.

BRADLEY. Keith. *Slavery and Society at Rome*, Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

BRADLEY. Keith. *Slaves and Masters in the Roman Empire: A Study in Social Control*, Bruxelas: Latomus, 1984.

BRADLEY. Keith. *Slavery and the Rebellion in the Roman World, 140 B.C.-70 B.C.*, Bloomington: Indiana University Press, 1989.

BRISSON. Jean Paul. *Spartacus*, Paris: Club Français du Livre, 1959.

Trad. NASH. Daphne. BRUNAU. Jean-Louis. *The Celtic Gauls: Gods, Rites and Sanctuaries*, Londres: Seaby, 1988.

BRUNT. Peter. *Italian Manpower 225 BC- AD 14*, Oxford: Clarendon Press, 1971.

CALWELL. Charles Edward. *Small Wars: Their Principles and Practices*, Lincoln: University of Nebraska Press, 1996.

CARTWRIGHT. Mark. *Slavery in the Roman World*. Ancient History Encyclopedia. <https://www.ancient.eu/article/629/slavery-in-the-roman-world/>

CONNOLLY. Peter. *Greece and Rome at War*, Londres: Greenhill Books, 2006.

CRAWFORD. Michael. *The Roman Republic*, Cambridge: Harvard University Press, 1993.

CRAWFORD. Michael. *Rome in The Late Republic: Problems and Interpretations*, Londres: Duckworth, 1999.

D. L. COOPER, *Who killed the Legend of Spartacus? Production, Censorship, and Reconstruction of Stanley Kubrick's Epic Film*", in M. M. Winkler ed., *Spartacus: Film and History*, Oxford, 2007, 14-55.

D. L. COOPER, *Dalton Trumbo vs. Stanley Kubrick: The Historical Meaning of Spartacus*, in M. M. Winkler ed., *Spartacus: Film and History*, Oxford, 2007, 56-64.

ELTON. Hugh. *Warfare in Roman Europe, AD 350-425*. 1996.

FIELDS. Nick. *Spartacus and The War 73-71 BC: A Gladiator Rebels Against Rome*, Oxford: Osprey Publishing, 2009.

FOL. Alexander. *Thrace and the Thracians*, Nova Iorque: St Martin's Press, 1997.

FREEMAN. Phillip. *War, Women, and Druids. Eyewitness Reports and Early Accounts of The Ancient Celts*, Austin: University of Texas Press, 2002.

GIBBON. Lewis Grassie. *Spartacus*, Nova Iorque: Pegasus Books, 2006.

GILLIVER. Catherine. *The Roman Art of War*, Charleston: Tempus, 1999.

GOLDSWORTHY. Adrian. *Roman Warfare*, Nova Iorque: Smithsonian Books, 1999.

GOLDSWORTHY. Adrian. *The Complete Roman Army*, Londres: Thames & Hudson, 2003.

GOLDSWORTHY. Adrian. *The Roman Army at War, 100 BC- AD 200.*, Oxford: Clarendon Press, 1996.

GRANT. Michael. *Gladiators*, Manhattan: Barnes & Noble Inc, 1971.

GRUEN. Erich. *The Last Generation of the Roman Republic*, Berkeley: University of California Press, 1974.

HARRIS. William. *Trade. The Cambridge Ancient History: The High Empire A.D. 70-192*, Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

- HODDINOTT. *The Thracians*, Londres: Thames & Hudson, 1981.
- HOLLAND. Tom. *Rubicon. The Last Years of The Roman Republic*, Nova Iorque: Anchor, 2005.
- HOLMES. Rice. *The Roman Republic and The Founder of the Empire*, Oxford: Clarenton Press, 1923.
- HOPKINS, Keith. *Conquerors and Slaves: Sociological Studies in Roman History*, Nova Iorque: Cambridge University Press.
- JUNKELMANN. Markus. *Familia Gladiatoria: "The Heroes of the Amphitheatre" in the Power of Spectacle in Ancient Rome: Gladiators and Caesars*, Los Angeles: Berkeley, 2000.
- JUNKELMANN. Markus. *Gladiatorial and Military Equipment and Fighting Technique: A Comparison*, California: University of California Press, 2000.
- KANE. Ben. *Spartacus - O Gladiador*, Reino Unido: Preface Publishing, 2014.
- KARCHER. Timothy. *The Victory Decease. Military Review*. Disponível em http://www.army.milprof_writting/volumes/volume1/september_2013/9_03_5.html.
- KOESTLER. Arthur. *Gladiators*, Nova Iorque: Macmillan, 1939.
- KYLE. Donald. *Spectacles of Death in Ancient Rome*, Londres: Routledge, 1998.
- LAURENCE. Ray. *The Roads of Roman Italy: Mobility and Cultural Change*, Londres: Routledge. 1999.
- LUTTWAK. Edward. *The Grand Strategy of The Roman Empire*. JHUP. 1979.
- MARK. Joshua. *The Spartacus Revolt*. Ancient History Encyclopedia. Disponível em. <https://www.ancient.eu/article/871/the-spartacus-revolt/>
- MARSHALL. Bruce. *Crassus, a Political Biography*, Amesterdão: Routledge, 1976.
- MARSHALL. Bruce. *Crassus and the Command Against Spartacus*, Amesterdão: Routledge, 1973.
- MASSEY. Michael. *Slavery in Ancient Rome*, Londres: Bristol Classic Press, 2001.
- MATYSZAK. Phillip. *Chronicle of the Roman Republic*, Londres: Thames & Hudson, 2003.
- Trad. WATERS, Liz. MEIJER, Fik. *The Gladiators: History's Most Deadly Sport*, Nova Iorque: St. Martin's Press, 2005.
- TROW. Meirion. *Spartacus: The Myth and the Man*, Londres: Thistle Publishing, 2006.
- MORTON. Henry Vollam. *A Traveller in Southern Italy*, Londres: Methuen & Co., 1969.
- RODRIGUEZ. Junius. *Encyclopedia of Slave Resistance and Rebellion, Volume 2*, Connecticut: Greenwood, 2006.

- PARKIN. Tim. *Roman Demography and Society*, Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1992.
- PENA. Abel do Nascimento. *Espártaco, Epicteto e outros escravos: pirataria e escravatura na Roma antiga.*, Mem Martins: Inquérito, 1996.
- POTTER. Timothy. *Roman Italy*, Berkeley: University of California Press, 1990.
- RIDLEY. Frank. *Spartacus, the Leader of the Roman Slaves*, England: Ashford, 1963.
- RODRIGUES. Nuno Simões. *STARZ Spartacus: Reimagining an Icon on Screen - From Kubrick's Political Icon to Television Sex Symbol*. 2006.
- RODRIGUES. Nuno Simões. *I'm Spartacus! Kubrick, Espartaco y Lope de Vega*. Florentia Iliberritana, 2018.
- ROSENSTEIN. Nathan. *Rome at War: Farms, Families and Death in the Middle Republic*, Carolina do Norte: University of North Carolina Press, 2004.
- ROSENSTEIN, Nathan. *A Companion to the Roman Republic*, Oxford: Blackwell Publishing, 2006.
- ROSS. Cowan. *The Clashing of Weapons and Silent Advances in Roman Battles*. Historia. 2007.
- ROTH. Jonathan. *The Logistics of The Roman Army at War (264 BC- AD 235)*, Columbia: Brill Academic Pub, 1999.
- RUSSEL. Jesse; COHN. Ronald. *Third Servile War*, Londres: Book on Demand, 2012.
- SABIN. Phillip. *Lost Battles: Reconstructing the Great Clashes of the Ancient World*, Londres: Hambledon Continuum, 2008.
- SHADRAKE. Susanna. *The World of the Gladiator*, Reino Unido: Tempus Publishing, 2005.
- SHAW. Brent. *Spartacus and the Slave Wars, a Brief History with Documents*, Boston: Bedford, 2001.
- SMITH. William. *A Dictionary of Greek and Roman Antiquities*, Londres. 1875.
- SMITHA, Frank. *From a Republic to Emperor Augustus: Spartacus and Declining Slavery*. Disponível em. <http://fsmitha.com/h1/ch18.htm>.
- STEPHENSON. IAN. *Roman Infantry Equipment: The Later Empire*, Tempus. 1979.
- STRASSLER, Robert. *The Landmark Thucydides, a Comprehensive Guide to the Peloponnesian War*, Nova Iorque: Simon & Schuster. 1998.
- STRAUSS, Barry. *The Spartacus War*, Londres: Phoenix, 2010.
- TABER. Robert. *War of the Flea. The Classic Study of Guerrilla Warfare*, Washington DC: Brassey's, 2002.
- TRAVIS, Hilary; TRAVIS, John. *Roman Helmets*. Amberley Publishing, 2004.

- URBAINCZYK. Theresa. *Spartacus*, Londres: Bristol Classical Press, 2004.
- URBAINCZYK. Theresa. *Slave Revolts in Antiquity*, Stocksfield: Acumen. 2008.
- Trad. WIEDEMANN. Thomas. VOGT, Joseph. *Ancient Slavery and the Ideal of Man*, Cambridge: Harvard University Press, 1975.
- WARD. Allen Mason. *Marcus Crassus and the Late Roman Republic*, Londres: University of Missouri Press, 1977.
- WEBBER. Christopher. *The Thracians 700 BC- AD 46*, Oxford: Osprey Publishing, 2001.
- WEINBERG, Michael. *The Third Servile War: Spartacus Just War Against Opression*, Elmhurst College, 2015.
- WICKHAM. Jason Paul. *The Enslavement of War Captives by the Romans to 146 BC*, Liverpool: Liverpool University Press, 2014.
- YAVETZ. Zvi. *Slaves and Slavery in Ancient Rome*, New Brunswick: Transaction Books, 1988.
- https://en.wikipedia.org/wiki/Roman_army_of_the_mid-Republic#Gladius
- https://en.wikipedia.org/wiki/Roman_military_personal_equipment
- https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_Roman_gladiator_types
- https://dailyhistory.org/What_was_the_impact_of_Spartacus%27_uprising_on_Rome%3F#cite_ref-7
- <http://www.larp.com/legioxx/squamata.html>